

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

LUCAS BULLARA MARTINS DA SILVA

**A produção do conceito de narcisismo em Freud:  
uma análise institucional do discurso**

São Paulo

2014

LUCAS BULLARA MARTINS DA SILVA

**A produção do conceito de narcisismo em Freud:  
uma análise institucional do discurso**

(versão original)

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Orientadora: Profa. Livre-Docente Marlene Guirado.

São Paulo

2014

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES TRABALHOS, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação  
Biblioteca Dante Moreira Leite  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Silva, Lucas Bullara Martins da.

A produção do conceito de narcisismo em Freud: uma análise institucional do discurso / Lucas Bullara Martins da Silva; orientadora Marlene Guirado. -- São Paulo, 2014.

130 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicanálise 2. Freud, Sigmund, 1856-1939 3. Narcisismo 4. Análise institucional do discurso I. Título.

RC504

Nome: Silva, Lucas Bullara Martins da

Título: A produção do conceito de narcisismo em Freud: uma análise institucional do discurso

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Para meus pais e minha irmã, com carinho

Para Mayra, com amor

## AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de mestrado, uma das condições de possibilidade de escritura desta dissertação.

Ao Instituto de Psicologia da USP (IPUSP), instituição que contextualiza minha formação como psicólogo e circunstancia a construção deste Mestrado.

À Prof<sup>a</sup> Marlene Guirado, orientadora deste trabalho que, para além do incansável cuidado e da inabalável atenção na leitura de meu texto, emprestou-me suas palavras de maneira que pude encontrar as minhas próprias. Muito obrigado por ensinar-me a pensar e, nesse movimento, tornar possível algo que – em determinados momentos – pareceu-me inatingível: um reconhecimento e uma identidade profissional no modo como acredito fazer Psicologia e Psicanálise na clínica, na docência, na pesquisa.

Ao Prof. José Leon Crochik, não só pelas preciosas contribuições em meu exame de qualificação, mas inclusive pela importância e influência que teve na minha formação como psicólogo e como pesquisador. À Prof<sup>a</sup> Ana Maria Loffredo, também não só pela ajuda em meu exame de qualificação, mas inclusive pelo compartilhamento, em aulas e grupos de estudos, do prazer de se ler e estudar Freud.

Aos colegas do grupo de orientação, pelas valiosas leituras que fizeram de meu trabalho e pela inestimável colaboração. Ao Felipe (Fe), amigo e parceiro, pelas trocas em nosso caminho pela pós-graduação (e pela própria profissão) e por toda a incalculável ajuda, cujas marcas nas páginas que se seguem são incontestáveis.

Aos colegas do grupo de trabalho da quinta-feira, pelas conversas e discussões cuja exigência intelectual, entremeada por muito riso e diversão, possibilitou-me aprender e exercitar cada vez mais a estratégia de pensamento que é desenvolvida nesta pesquisa e que hoje, sem dúvida, marca minha atuação profissional na clínica.

Aos colegas de faculdade, por dividirem comigo o início de minha formação em Psicologia, que continua com a participação de muitos. Ao Luiz Eduardo (Ludu) e ao Márcio, por um começo no difícil percurso que é a clínica e pelas discussões no difícil percurso que é a pesquisa. Ao João Victor (Johnny), ao Paulo (Toni), ao Danilo (Dan), pela amizade que traçou uma vida compartilhada, agora e sempre.

Ao Rafael (Finha), ao Maurício (Mau), ao Victor (Vitinho), grandes amigos de colégio que, mesmo na distância que nossas escolhas impuseram a nós, deixaram e ainda hoje deixam marcas perenes no meu modo de ser.

À minha família – avós e avôs (em memória), tias-avós, padrinhos, tias e tios, primos e primas, sogro e sogra, meus cunhados –, pela sorte de poder contar com uma torcida desse tamanho. Aos meus primos, Tiago (Tico) e Francisco (Chiquinho), pelo lugar inalienável que ocupam na história de minha vida e pelo eterno amor de irmão.

Aos meus pais, José Carlos e Denise, por tudo... Por tudo aquilo que palavra nenhuma pode exprimir. Do imensurável apoio de minhas escolhas ao exemplo de coragem que as tornaram possíveis, da partilha de meus passos à sabedoria que os guiaram, do modelo de vida ao compartilhamento de um viver com amor e alegria. Aos meus pais, por tudo...

À minha irmã, Irina, pelo indizível de sua importância na minha história. E pela certeza de tê-la sempre ao meu lado... sempre.

À Mayra, minha noiva, simplesmente por existir. Por me fazer melhor, a cada dia. Por me fazer feliz, todos os dias. Por me escolher e por dar, inelutavelmente, sentido à minha vida.

## RESUMO

SILVA, Lucas Bullara Martins da. *A produção do conceito de narcisismo em Freud: uma análise institucional do discurso*. 2014. 130 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

O presente trabalho consiste na realização de uma análise institucional do discurso do texto *Introdução ao Narcisismo* (Freud, 1914/2010), configurando assim uma pesquisa sobre o conceito de narcisismo que, ao tomá-lo por sua contextualização na obra freudiana, visa a um estudo que considere a especificidade de sua emergência no âmbito institucional da psicanálise e seu impacto no corpo da teoria freudiana. Busca-se, nesse sentido, pensar o narcisismo não apenas em referência ao seu conteúdo como conceito, mas principalmente em referência à sua qualidade de acontecimento no âmbito do pensamento freudiano, de modo que seja possível, a partir do texto em análise: traçar os sentidos adquiridos pelo conceito em relação ao seu contexto de produção e suas condições de possibilidade; procurar os pontos de tensão e ruptura na teoria; problematizar as verdades produzidas em relação àquilo que pretendem responder. Todo o trabalho circunscreve-se no domínio da Análise Institucional do Discurso (Guirado, 2010), a estratégia metodológica que permitiu o levantamento da questão-título, que dispõe as hipóteses norteadoras da pesquisa, que delimita os procedimentos de análise. Pela atenção ao contexto que se mostra no texto, ao modo como Freud faz a introdução desse conceito, às interlocuções travadas nessa introdução, as análises puderam configurar o narcisismo: como um saber que parece demarcar fronteiras institucionais ao reiterar, no âmbito da legitimidade da produção de conhecimento psicanalítico, a sexualidade; como um saber que parece instaurar pontos de tensão na teoria freudiana (desde a teoria das pulsões até a concepção de psiquismo e neurose) precisamente pelos efeitos do conceito de narcisismo como modo de enunciação; como um saber que parece introduzir um novo modo de falar/tratar do conceito de pulsão – que dá foco aos seus movimentos de direção e localização entre o Eu e o objeto, e não à sua qualidade ou conteúdo –, desenhando-se, a partir disso, o narcisismo como ponto de partida e condição de possibilidade de relação, no início da vida, e de formação de uma censura ao Eu real, no decorrer do desenvolvimento; como um saber que, pelas aberturas do discurso de Freud, mostra-se na tensão entre método e verdade.

Palavras-chave: Psicanálise. Freud, Sigmund (1856-1939). Narcisismo. Análise Institucional do Discurso.



## ABSTRACT

SILVA, Lucas Bullara Martins da. *The production of the concept of narcissism in Freud: an institutional analysis of discourse*. 2014. 130 p. Dissertation (Masters in Psychology) – Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo, 2014.

This work consists of making an institutional analysis of discourse of the text Introduction to Narcissism (Freud, 1914/2010), thus setting a research on the concept of narcissism that, taking it for its contextualization in Freud's work, aims at a study that considers the specificity of its emergence within the institutional framework of psychoanalysis and its impact on the body of Freudian theory. It seeks, in that sense, to think narcissism in reference not only to its content as a concept, but mostly in reference to its quality of event within the Freudian thought, so that it is possible, from the text analysis: to trace the senses acquired by the concept in relation to its context of production and its conditions of possibility; to look for the points of tension and rupture in the theory; to question the truths produced in relation to what they intended to respond. This work is limited in the field of Institutional Analysis of Discourse (Guirado, 2010), the methodological strategy that enabled the lifting of the question-title, that disposes the guiding hypotheses of the research, that delimits the analysis procedures. By paying attention to the context that is shown in the text, to how Freud introduces this concept, to the interlocutions made in this introduction, the analyses were able to configure the narcissism: as a knowledge that seems to demarcate institutional frontiers by reiterating, at the scope of legitimacy of production of psychoanalytic knowledge, the sexuality; as a knowledge that seems to place points of tension in Freudian theory (from the theory of the drives up to the conception of psyche and neurosis) precisely by the effects of the concept of narcissism as mode of enunciation; as a knowledge that seems to introduce a new way to talk/to deal with the concept of drive – that gives focus to its movements of direction and location between the Self and the object, not to its quality or content –, in a manner that the narcissism is placed as starting point and condition of possibility to relation, in the beginning of life, and to the formation of a censorship to the real Self, in the course of development; as a knowledge that, by the openings in Freud's discourse, presents itself in the tension between method and truth.

Keywords: Psychoanalysis. Freud, Sigmund (1856-1939). Narcissism. Institutional Analysis of Discourse.

## SUMÁRIO

### Capítulo I

<b>Percurso, Contexto, Escopo</b> .....	10
<u>1. Dos caminhos de constituição de uma pesquisa de mestrado</u> .....	10
<u>1.1 Nota sobre a delimitação do sentido de alguns termos usados</u> .....	18
<u>2. Nossa proposta: objetivos e pressupostos</u> .....	19

### Capítulo II

<b>Narcisismo em foco</b> .....	21
<u>1. Narcisismo em Freud e algumas leituras da psicanálise</u> .....	21
<u>2. Análise institucional do discurso, psicanálise, narcisismo</u> .....	25

### Capítulo III

<b>Sobre as análises: método como estratégia de pensamento</b> .....	34
<u>1. Foucault, para pensar um texto de Freud: discurso, poder, verdade</u> .....	35
<u>2. Maingueneau, para analisar um texto de Freud: contexto e enunciação, gênero discursivo e cena</u> .....	36
<u>3. Da especificidade da produção de sentidos: delimitando o que se entende por análise</u> .....	37
<u>4. Sobre os procedimentos de análise</u> .....	38
<u>4.1 Um breve comentário sobre tradução</u> .....	39

### Capítulo IV

<b>Análise do texto <i>Introdução ao Narcisismo</i></b> .....	41
<u>1. Primeiro capítulo: entre tensões, extensões e contenções</u> .....	41
<u>2. Segundo capítulo: entre uma ideia e um fato, modos de pensar e verdades</u> .....	64
<u>3. Terceiro capítulo: entre a delimitação de fronteiras institucionais e a produção de uma “nova” concepção de neurose</u> .....	89

## Capítulo V

<b>Por uma conclusão pertinente</b> .....	114
<u>1. Na reconstrução possível de um discurso</u> .....	114
<u>1.1 Sobre o contexto externo, ou do conhecimento como instituição</u> .....	115
<u>1.2 Sobre o contexto interno, ou da descontinuidade do discurso</u> .....	118
<u>2. Interlocução com a análise institucional do discurso: das possibilidades, ousando um passo a mais</u> .....	122
<u>3. Pela busca de um fim: das aberturas do discurso de Freud às aberturas do nosso</u> .....	126
<b>Referências</b> .....	127

## Capítulo I

### Percurso, contexto, escopo

O título deste primeiro capítulo procura condensar em três palavras o modo pelo qual foi-nos possível construir uma apresentação para nosso trabalho. Uma tentativa primeira de delimitar direta e pontualmente o escopo desta pesquisa mostrou-se insuficiente na medida em que não fazia jus ao contexto que a implicava e a determinava. E nossa inserção nesse contexto, que em muito nos ultrapassa, foi marcada por um particular percurso de aprendizagem. Parece pertinente, então, uma apresentação que, pelo acompanhamento desse percurso, mostre o contexto e as condições de produção do escopo desta dissertação de mestrado.

Deixando de lado essas palavras mais genéricas e tratando de aspectos concretos: no estudo dos referenciais que definem o ponto de apoio da pesquisa e na reflexão sobre os aspectos que dão contorno àquilo por nós trabalhado, recorrentemente víamo-nos pensando nas transformações pelas quais passou nossa pesquisa. Como apresentar um trabalho, cujas mudanças em seu percurso marcam seu formato e seus resultados, sem a essas mudanças fazer referência? Algo essencial faltaria. Para nós, a possibilidade de falar sobre esta pesquisa mostrou-se indissociável da necessidade de narrar a história de sua constituição. Em outras palavras, tomar somente a configuração final deste trabalho para apresentá-lo parece suplantiar alguns elementos que lhe dão um sentido particular. Os caminhos de mudanças pelos quais passou a pesquisa não apenas dizem dos momentos de crise que a impulsionaram e a definiram no modo como agora ela se apresenta, mas também são constituintes de seu valor como uma aventura de um pensamento em formação. Esses caminhos dão-se num contexto de reflexões determinado e conduzem à delimitação desta pesquisa em sua especificidade.

#### 1. Dos caminhos de constituição de uma pesquisa de mestrado

No ponto mais remoto de sua concepção, esta pesquisa teve sua origem nos estudos da obra freudiana feitos durante nossa graduação, tanto na universidade como em grupos de estudos, e cujos caminhos e direções foram diversos. Um grupo de estudos, em especial,

marcou nossa formação com contundência. Coordenado por Marlene Guirado, esse estudo da produção freudiana dava-se por um recorte da mesma com uma perspectiva mais clínica do que metapsicológica. Contudo, no sentido específico de um motivo que justificasse a criação de uma proposta de pesquisa de mestrado, outro momento de nosso percurso de formação foi crucial. Como resultado de um trabalho de conclusão de uma disciplina sobre metapsicologia freudiana do curso de Psicologia, já em nosso último ano de graduação, produzimos um artigo<sup>1</sup> cujo mote era a realização de um estudo histórico sobre uma temática específica na literatura freudiana. Configurado como um comentário relativo à teoria de Freud, esse trabalho propôs um estudo da obra freudiana a respeito dos diferentes pontos de vista do autor, ao longo de sua produção textual, sobre o problema da angústia, dando foco para as relações estabelecidas entre angústia e o conceito de libido. Exatamente por esse enfoque fomos levados a outro problema, cuja solução não pôde ser pensada naquele momento: nas suas implicações com o conceito de libido, qual a relação entre angústia e narcisismo?

Aí está a pergunta que colocou em movimento o processo de construção de uma pesquisa de mestrado. Foi com esta questão em mente que principiámos a elaboração de um esquema de projeto de pesquisa, na tentativa de vislumbrar um trabalho possível. Buscamos, então, delinear dois caminhos de leitura da obra freudiana que convergiriam no âmago do problema de pesquisa: um voltado para o desenvolvimento histórico do tema da angústia no pensamento do autor, marcando os momentos de mudanças e inflexões teóricas; e um voltado para um estudo, também de caráter histórico, do conceito de narcisismo, refletindo sobre sua emergência e seus destinos na produção de Freud. No seu cerne, a pesquisa teria sua especificidade na apreciação conjunta desses dois caminhos. Em que ponto eles se cruzariam? Como? Uma proposta de mestrado então se desenhava, na qual um recorte específico da obra freudiana delimitava um trabalho de estudo teórico inserido no campo da psicanálise e suportado pelos seus pressupostos.

Com este primeiro esquema em vista, um rascunho de uma ideia de pesquisa, nosso passo seguinte foi dar início a reflexões sobre sua viabilidade, sua validade, seu valor de pesquisa, sua coerência em relação aos nossos pontos de vista teóricos, isso tudo no horizonte das expectativas de uma universidade pública no que concerne à produção de conhecimento em Psicologia. E algumas questões, de imediato, se evidenciaram. No tocante a aspectos práticos, dos caminhos que eram propostos aos temas em exame, o esquema apontava para um trabalho muito grande, cuja amplitude dificilmente seria contemplada em uma dissertação

---

<sup>1</sup> Silva, L. B. M. *Sobre angústia e libido*. Artigo aceito para publicação na Revista TransFormações em Psicologia.

de mestrado sem que seu resultado fosse superficial ou tangente. No entanto, outro aspecto nos pareceu mais central. Foi possível notar como essa primeira aproximação de um problema de pesquisa circunscrevia-se num escopo estritamente psicanalítico, teórico, e seu formato desenhava-se na qualidade de um comentário, com o sentido que essa palavra veio a carregar a partir das ideias de Foucault<sup>2</sup>. Os conceitos a serem relacionados, angústia e narcisismo, eram *de partida* tomados em sua qualidade de verdades<sup>3</sup> já estabelecidas, e em relação às quais nos colocávamos como detentores da possibilidade de, ao relacioná-las, descobrir “outra” verdade. Nesse ponto, a proposta destoava do modo pelo qual mais nos interessava estudar Freud: esse modo, que aprendemos especificamente naquele grupo de estudos que mais marcou nossa formação (coordenado por Guirado), coloca o trabalho de ler Freud muito mais sob uma perspectiva histórica de contextos de constituição do saber do que sob um matiz estritamente psicanalítico. Embora aquele rascunho enfatizasse aspectos históricos, o modo como delineávamos o problema de pesquisa apontava em outra direção e, por efeito e sem nos dar conta, propúnhamos exatamente aquilo que procurávamos evitar.

Inevitavelmente, as primeiras mudanças na pesquisa começaram a se dar. Abandonamos o objetivo de relacionar dois conceitos da obra freudiana. Elegemos um deles como nosso alvo privilegiado, aquele que desde nossos primeiros contatos com a psicanálise freudiana já nos interessava em especial: o conceito de narcisismo. Essa escolha deu-se, sobretudo, pelo nosso estranhamento com a recorrente utilização desse conceito, nos dias atuais, sob uma tônica que mais parece naturalizar<sup>4</sup> do que contextualizar e problematizar o conceito para, aí sim, com ele trabalhar<sup>5</sup>. Em outras palavras, o que nos chama a atenção é o *modo* como o termo vem sendo empregado. Causa-nos inquietação notar como o estudo desse termo parece, em muitos casos, limitado a uma descrição conceitual atemporal, e seu uso se dá pela transposição de um saber teórico no entendimento de um fenômeno. De conceito teórico, o termo parece ter passado ao estatuto de uma verdade sobre o homem. Uma verdade que pode ser antecipada na escuta daqueles que com ela trabalham, seja na clínica, seja na descrição da sociedade contemporânea, seja na pesquisa teórica. Nessa linha, uma nova pergunta de pesquisa se fazia necessária. Na tentativa de nos mantermos fieis e coerentes com

<sup>2</sup> Foucault, M. *A ordem do discurso*, 1971/1996.

<sup>3</sup> O sentido com que utilizamos o termo “verdade” será explicitado mais a frente, no subitem 1.1 deste capítulo. Não o explicitamos aqui apenas no sentido de não interromper o andamento argumentativo nesse momento de nosso texto.

<sup>4</sup> Igualmente, o sentido com que utilizamos o termo “naturalização” será explicitado mais a frente, pelo mesmo motivo.

<sup>5</sup> Um estranhamento que advém especificamente de nossa circulação em ambientes nos quais o discurso psicanalítico tem forte presença. Por essa razão, não citamos aqui referências de autores: não é eminentemente deste âmbito que surge o motivo da escolha pelo conceito de narcisismo.

a maneira que norteava nossos estudos dos textos freudianos, a pergunta se configurou na sua forma mais primária: *o que é narcisismo em Freud?* Com isso, foi possível não apenas circunscrever mais precisamente o tema da pesquisa, viabilizando-a dentro das possibilidades e dos limites do âmbito de uma dissertação de mestrado, mas também assumir uma certa distância dos pressupostos da psicanálise, colocando em questão o próprio estatuto de verdade do conceito pela sua contextualização na produção freudiana. Nesse sentido tomamos essa nova pergunta de pesquisa sob uma ótica específica. Buscando evitar um estudo desse conceito que permanecesse limitado ao seu conteúdo, referido a despeito de seu contexto histórico de produção e assim *naturalizado* como um saber universal da condição humana, tentamos circunscrever nossa investigação em relação ao *impacto do conceito de narcisismo especificamente no conjunto da produção freudiana*, em que foi produzido como resposta a problemas determinados, buscando assim seu sentido histórico, perscrutando suas condições, seus motivos, suas conseqüências. Recolocaríamos, por esse caminho, o conceito dentro de um campo de análise que exigiria sua *desnaturalização*. Contornava-se então um novo objetivo de pesquisa, qual seja, refletir sobre a posição ocupada pelo conceito de narcisismo nos diferentes contextos da obra de Freud, podendo derivar daí relações possíveis com outros aspectos da teoria, tais como as noções de Eu, pulsão e libido (intrínsecas à ideia de narcisismo).

Ainda restava uma questão: *como* faríamos isso? Foi em Michel Foucault que encontramos um referencial metodológico que nos instrumentava a pensar de um certo modo o discurso freudiano e o próprio conceito de narcisismo. Baseados nos conjuntos crítico e genealógico de sua análise de discurso descrita em *A ordem do discurso* (1971/1996), passamos a definir nosso trabalho como uma *análise genealógica do conceito de narcisismo*. Com este autor poderíamos tratar a teoria como um conjunto de verdades produzidas no discurso, ela mesma sendo um acontecimento diretamente ligado a determinado contexto histórico, cujo campo discursivo configura suas condições de possibilidade; assim, todo o estudo seria orientado na busca tanto pelas verdades veiculadas quanto pelos diferentes contextos de produção e construção das mesmas, suas implicações e motivos históricos, suas condições de possibilidade de existência. É importante ressaltar que o encontro com esse autor também não foi fortuito, mas contextualizado nos nossos estudos, em disciplinas de graduação, com Marlene Guirado, a mesma pensadora com quem vínhamos nos familiarizando a um tipo de leitura de Freud. Nosso conhecimento do autor se configurava a partir do recorte apresentado por essa professora, um recorte que propõe uma leitura de

Foucault mais centrada em suas obras posteriores a 1969, mais preocupada com o método e com as noções de discurso e relações de poder.

Com esses objetivos e método em mãos, finalmente produziu-se o projeto de pesquisa submetido ao exame de seleção para o mestrado. Uma vez aprovado, nosso percurso na pós-graduação iniciava-se, agora sob orientação direta de Marlene Guirado.

Neste novo contexto de reflexão, de um grupo de orientação de pós-graduação, as mudanças na pesquisa continuaram a acontecer. A primeira reunião de orientação na qual se discutiu esse projeto logo o colocou à prova de uma análise rigorosa e questões centrais foram levantadas, forçando-nos a prosseguir com a problematização da pesquisa e a repensar nossas propostas. Chamou a atenção como o trabalho ainda era marcado pelo excesso em seus objetivos, que visavam a uma análise de mais de 40 textos de Freud nos quais o termo *narcisismo* aparecia. Um recorte mais preciso ainda precisava ser configurado. Mais além, a própria determinação de uma metodologia foucaultiana para nosso trabalho não se justificava como tal. No âmbito das formulações de Foucault, análise genealógica circunscreve um recorte específico: *o da genealogia do poder, análise do intercruzamento de séries discursivas e seus efeitos no cerceamento e na formação efetiva de discursos*. Em nossa pesquisa, o trabalho restringia-se ao estudo do discurso freudiano, pontualmente em relação à produção de um conceito. Como falar, com Foucault, de uma “genealogia de um conceito”? Um equívoco conceitual parecia minar nossa proposição. Se insistíssemos em falar sobre uma análise *genealógica* do conceito de narcisismo, o termo perderia a especificidade e a força que poderia ter, e seu uso se daria de modo expansivo, “metafórico”. Mas, então, como definiríamos nosso método? Nesse sentido, uma pergunta foi feita na reunião: por que não fazer *uma análise institucional do discurso*? Esta é a proposta metodológica desenvolvida por Guirado e que marca as pesquisas dos mestrandos e doutorandos deste grupo de orientação. Discutiu-se como, no âmbito da justificativa de nosso trabalho, desenvolver uma leitura de Freud que procure promover uma desnaturalização do conceito encaixava-se bem no escopo da análise institucional do discurso; contudo, declará-la *a priori* como nosso referencial metodológico criava complicações, uma vez que a pesquisa visava ao estudo de *um conceito* e seu lugar na obra freudiana. Como falar de um “objeto institucional<sup>6</sup> de um conceito”? Não, nosso objeto de estudo ou o modo como delimitávamos nosso problema de pesquisa

---

<sup>6</sup> No próximo capítulo serão discutidas com mais detalhes as características da análise institucional do discurso (Guirado, 2010). Apenas adiantaremos, a título de esclarecimento para esse momento do texto, que essa proposta metodológica parte de um determinado conceito de instituição que lhe permite pensar a própria Psicologia *como instituição*: por tal, a análise institucional do discurso se configura como um modo de fazer psicologia e, assim, demarca como seu objeto institucional *as relações como imaginadas por aqueles que as fazem* (Guirado, 2010, p. 48).



colocava-se em outro plano metodológico. O trabalho ficaria mais bem situado se tomado como um estudo teórico, uma análise de discurso em Freud, cuja especificidade se dava *na forma de recolocar e repensar a teoria de modo a desnaturalizá-la*.

As sugestões que nessa reunião foram produzidas deram-nos o aporte necessário para o início concreto do trabalho. Assumindo como pressuposto a ideia de que o narcisismo aparece em Freud como uma “teoria das pulsões intermediária” (Guirado, 2010), foi proposto como ponto de partida para nosso trabalho a análise do texto que introduz o conceito na teoria, *Introdução ao Narcisismo* (Freud, 1914/2010), para que a partir dela fosse possível a construção de quadros conceituais dos temas nos quais o narcisismo assume posição; de posse disso, posteriormente selecionaríamos outros textos para análise, visando ao final de tudo a discussão sobre o lugar do conceito na teoria. Esse trabalho com o texto de 1914 também se colocava como uma espécie de primeira tentativa de análise para que se esclarecesse (para o grupo e, principalmente, para nós mesmos) *como* fazíamos análise.

Para que pudéssemos dar início a tal trabalho, então, resolvemos primeiro refletir sobre as contribuições feitas naquela reunião de modo a organizar uma estratégia que nos localizasse em relação ao *como* procederíamos à análise do texto. Assim, duas direções foram tomadas. Em primeiro lugar, ensaiamos uma reflexão sobre um método que norteasse nossa análise. Este ensaio não visava a uma definição completa dos caminhos metodológicos que seguiríamos, mas tinha apenas a finalidade de nos preparar melhor para o encontro que faríamos com o texto de Freud no que se refere ao destaque dos aspectos que mais nos interessavam. Produzido como trabalho de conclusão para uma disciplina da pós-graduação, neste ensaio discorremos sobre a possibilidade de pensar uma análise de discurso suportada pelo referencial de dois autores específicos. Continuávamos a partilhar das ideias de Foucault (1971/1996), embora agora tomássemos o cuidado de marcar as especificidades de nossa análise naquilo que a fazia divergir das propostas dele. Assim, embora nossa análise *não* fosse foucaultiana, a esse autor devia noções que instrumentavam nosso pensamento, em especial a noção de *discurso como acontecimento, no qual e pelo qual se dá a produção de verdades em meio a relações de poder-resistência*. Mas de modo mais marcante, apresentávamos também as ideias de Guirado (2010) como fundamentais na sustentação metodológica de nossa análise, também destacando as especificidades que nos impossibilitavam de nomear nosso método de análise institucional do discurso<sup>7</sup>. As propostas dessa autora vinham nos impactando desde a graduação e sua importância no escopo de nosso trabalho crescia

---

<sup>7</sup> Como discutido acima.

continuamente no decurso do mestrado, sobretudo após cursarmos sua disciplina da pós-graduação (“Análise de discurso como método de pesquisa em Psicologia”). Entretanto, acima de tudo, foi com nossa entrada em um grupo de trabalho sobre análise institucional do discurso, também coordenado por Guirado, que efetivamente passamos a exercitar esse modo de pensar. Assim, embora nossa análise *não* se configurasse como análise institucional do discurso, o que propúnhamos como método era fundamentalmente consequência direta da maneira de pensar ali proposta. Isso, sobretudo, no que se referia ao modo de se entender o que é *análise*: em oposição a um fazer interpretativo (que busca sentidos ocultos nas falas, pautados em teorias pré-concebidas), diz de um fazer que busca construir sentidos apenas quando remetidos ao seu contexto discursivo e sua condição de produção.

Em segundo lugar, e paralelamente à construção do ensaio acima descrito, buscamos um exemplo concreto de trabalho que realizasse uma leitura diferente do texto freudiano, que também desse destaque a elementos como aqueles que a nós mais importavam. Com um exemplo desse tipo teríamos em mãos um modelo de análise que pudesse dar contorno ao trabalho que pretendíamos fazer. Exemplos assim não faltavam no livro de Guirado (2010): análise dos artigos técnicos de Freud, seus casos clínicos, textos teóricos. Contudo, o trabalho da autora excedia em muito nosso âmbito de pesquisa, restrito ao estudo de um conceito. Ainda procurávamos um trabalho que focasse *um* texto freudiano, sob a mesma perspectiva que desenvolvia a autora em seu livro. E foi em Martins-Afonso (2012) que encontramos o que buscávamos. No contexto de uma iniciação científica, este autor desenvolveu uma análise<sup>8</sup> do caso clínico do Homem dos Lobos (Freud, 1918/2010), sob orientação de Guirado. Seu trabalho, declaradamente suportado pela análise institucional do discurso, é decorrente das ideias dessa mesma autora. Tomando como objeto de pesquisa a clínica psicanalítica e o fazer de seus atores, Martins-Afonso se pergunta: *como Freud analisa?* E seu trabalho, rigorosa e minuciosamente, se desenrola como uma análise modelo para o tipo de leitura de Freud a que visávamos. Lá, concretamente, vislumbramos um modo de analisar que deu-nos confiança para iniciarmos nosso próprio trabalho.

Começamos, assim sendo, a análise do primeiro capítulo do artigo de Freud sobre o narcisismo. Com dificuldade e com momentos recorrentes de estagnação, lentamente fomos construindo nossa análise. E o exercício do trabalho foi tornando palpáveis as características de nosso fazer analítico. Gradualmente sentíamos-nos mais confortáveis na condução da análise, não por espontaneidade, mas sim por efeito de uma contínua aproximação e (talvez?)

---

<sup>8</sup> Agora publicada em livro, produzido em co-autoria com Marlene Guirado e Luisa Guirado e cujo título é *Loucura e neurose em Freud: a cena originária da clínica psicanalítica em análise* (2012).

apropriação de um modo de pensar a psicanálise freudiana, aquele proposto pela análise institucional do discurso (Guirado, 2010). Quanto mais prosseguíamos, o tempo e o rigor exigidos por esse tipo de análise tornavam clara a proficuidade de delimitar nossa pesquisa ao trabalho exclusivo com o texto *Introdução ao Narcisismo* (Freud, 1914/2010), ponto de tensão para a teoria e momento de escritura de Freud em que encontramos um discurso mais aberto e indeterminado (Guirado, 2010, p. 116), características que constituem uma ocasião privilegiada de análise: assim, teríamos aberta a possibilidade de estudar o narcisismo pela consideração da especificidade de sua emergência no âmbito institucional da psicanálise e pelo seu impacto no corpo teórico da metapsicologia freudiana, prescindindo daquela busca ampla pelo lugar do conceito na obra de Freud como um todo. O modo como delimitávamos nosso problema se alterava ligeiramente, e outras duas perguntas de pesquisa se acrescentavam àquela já formulada: *Como Freud introduz o narcisismo? Quais são seus interlocutores nesse texto?* E finalmente, como que num susto, percebemos: na definição desse recorte específico que vínhamos procurando, *fazíamos análise institucional do discurso*. Neste método de pesquisa ou (nas palavras da autora) nesta estratégia de pensamento nosso trabalho analítico ganhou corpo e sustentação. Mais que isso: o próprio conceito de narcisismo tem espaço nas discussões de Guirado (2010), fornecendo-nos não apenas um referencial metodológico que nos autoriza a falar sobre o narcisismo deste modo específico, mas também um conjunto de hipóteses já formuladas pelas quais pudemos nortear nosso trabalho – o próprio caminhar de nossa análise desdobrava-se nas e pelas hipóteses já levantadas pela autora, atestando a potência e a coerência do método. Aqui, do enfrentamento das encruzilhadas na constituição de uma pesquisa de mestrado à insuspeita de que nosso pensamento permanece ainda em formação, chegamos ao ponto de convergência que contextualiza, delimita e define o presente trabalho.

Uma pergunta talvez não seja de pouca importância antes de continuarmos: *por que*, face à distância entre nossas ideias iniciais e o contorno final do trabalho, apresentar nossa pesquisa como uma única, que sofreu diversas alterações? Não seria mais correto apresentar nosso trabalho final como uma outra pesquisa, diferente daquela inicialmente proposta? Em que pese a falta de alguma argumentação mais rigorosa, apenas diremos que um horizonte de proposição manteve-se inalterável durante todo o percurso de construção desta dissertação: estudar o caráter vivo e produtivo da obra freudiana nos limites de seu contexto histórico de produção para promover uma desnaturalização da teoria e um reconhecimento de sua potência argumentativa nos dias atuais.

### 1.1 Nota sobre a delimitação do sentido de alguns termos usados

No intuito de situar o leitor, é pertinente que façamos um esclarecimento sobre a especificidade do uso de alguns termos neste trabalho, declarando assim os contornos de sentido que aqui recebem. Referimo-nos essencialmente a duas palavras recorrentemente usadas acima: naturalização e verdade. Embora elas mantenham relações de implicação no escopo de seus sentidos, discutiremos cada uma delas separada e sucintamente, para posteriormente explicitar essas relações.

Começamos com o termo “*verdade*”. O contexto de procedência do uso desse termo no sentido a que visamos situa-se no âmbito do pensamento foucaultiano. Para configurarmos, prontamente, o entendimento que circunscreve o uso desse termo, tomemos as palavras do autor: “Por “*verdade*”, entender um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados” (Foucault, 1979, p. 14). Ou seja: verdade não remete aqui aos enunciados que podem ser considerados verdadeiros ou não, mas antes às regras de enunciação que – num determinado discurso – dispõem o que pode ser considerado verdadeiro ou falso.

O termo “*naturalização*” tem seu contexto de procedência no âmbito do pensamento de Guirado (2010). Imbricado no próprio conceito de instituição com o qual a autora trabalha, o termo *naturalização* remete aos efeitos pelos quais uma prática ou relação social, ao legitimar-se em sua própria repetição cotidiana, é reconhecida como óbvia ou naturalmente dada, paralelamente ao desconhecimento de sua relatividade ao contexto de sua produção, de seu caráter instituído (Guirado, 2010, p. 45). A ideia de *desnaturalização*, então, resguarda em seu sentido o movimento de “*mostração*” da instituição dessas práticas e seus efeitos na produção de verdades/subjetividades<sup>9</sup>.

Tomando os dois termos na especificidade dos sentidos que acima contornamos, poderíamos relacioná-los da seguinte maneira: no interior de um discurso, a constituição de verdades pode configurar-se como *naturalização* de uma determinada prática de produção de conhecimento que, por efeitos de desconhecimento de seu âmbito instituído, *naturaliza* o próprio saber. Ou, no sentido contrário: os efeitos de *naturalização* do saber podem configurar, no interior do discurso que (re)produz esse saber, a própria enunciação do conhecimento como verdade. A *naturalização* é a contrapartida inalienável do

---

<sup>9</sup> Voltaremos à discussão das ideias desses autores no decorrer do trabalho.

desconhecimento do modo de produção desse saber, que passa então a tomar o caráter de verdade, como se uma realidade e/ou um objeto estivessem ali à espera de serem descobertos.

Alguns esclarecimentos talvez caibam nesse momento. Quando questionamos, no item anterior, o nosso primeiro movimento de aproximação do conceito de narcisismo como uma visada de pesquisa que o tomava de partida em sua qualidade de verdade, isto talvez tenha causado estranhamento no leitor. Esperamos ter podido, agora, justificar esse uso de palavras. Com Foucault, pensamos a teoria como um conjunto de verdades produzidas no discurso, e neste sentido mesmo um conceito – construção relativa que opera uma lógica no sistema teórico – pode assumir o lugar de uma verdade, que se coloca tanto como uma regra que condiciona a produção do saber verdadeiro quanto como saber “descoberto” e, com isso, naturalmente dado, organizado, nesse discurso. Como se o discurso tivesse apenas o lugar de mediação entre o sujeito que o diz e a realidade que dispõe objetos a serem desvendados. Por exemplo, os conceitos de pulsão e inconsciente seriam, na especificidade dos sentidos dos termos que usamos nesta dissertação, “verdades da psicanálise freudiana”.

Ainda a título de esclarecimento do que discurremos no item anterior, talvez também tenha causado estranhamento no leitor quando justificamos nossa escolha pelo conceito de narcisismo numa preocupação com a recorrente utilização do termo sob uma tônica naturalizante, ou seja, com o modo como o termo vem sendo utilizado e que parece conferir ao conceito o estatuto de verdade sobre o homem. Aqui também esperamos ter podido justificar a construção de nosso enunciado. Com Guirado, pensamos a própria psicanálise como instituição em relação à qual as práticas que se fazem em seu nome estão sujeitas a efeitos de naturalização que se entrecem com a própria teoria.

## 2. Nossa proposta: objetivos e pressupostos

Reuniremos agora os principais elementos que circunscrevem pontualmente nosso trabalho em sua especificidade.

Impulsionados pela marcante naturalização do conceito de narcisismo na atualidade, nossa pesquisa se coloca como uma tentativa de configurar um campo analítico-descritivo no qual o narcisismo possa ser pensado na rede da teoria freudiana não apenas em referência ao seu conteúdo, mas principalmente em referência à sua qualidade de acontecimento, priorizando o traçado dos sentidos adquiridos pelo conceito em relação ao seu contexto de

produção e suas condições de possibilidade, procurando os pontos de tensão e ruptura na teoria, problematizando as verdades que são produzidas em relação àquilo pretendem responder.

No âmbito teórico-metodológico que inspira essa forma de discussão, inserimo-nos no contexto de reflexões de Guirado (2010), no qual a psicanálise freudiana é pensada e confrontada na fronteira com outras áreas do conhecimento. Daqui tomamos e seguimos dois conjuntos de pressupostos: em primeiro lugar, como quem pega carona no pensamento de outrem, as ideias já desenvolvidas pela autora sobre o conceito de narcisismo nortearão nosso trabalho; em segundo lugar, a análise institucional do discurso compõe a estratégia metodológica que seguiremos para a realização da análise.

Selecionamos o texto *Introdução ao Narcisismo* (Freud, 1914/2010) como alvo de análise, haja vista sua qualidade de um discurso aberto e indeterminado, tal como ressaltado por Guirado (2010), além do destaque que lhe é conferido por Laplanche e Pontalis (1967/2001) e por Roudinesco e Plon (1998) – como veremos no próximo capítulo. Sua análise será balizada por três perguntas que se implicam: *Como Freud introduz o narcisismo? Quais são seus interlocutores? O que é narcisismo em Freud?*

## Capítulo II

### Narcisismo em foco

#### 1. Narcisismo em Freud e algumas leituras da psicanálise

Se de um lado já anunciamos a referência central que circunscreve a presente pesquisa – a análise institucional do discurso (Guirado, 2010) –, de outro lado talvez seja relevante, antes de efetivamente a apresentarmos, discorrer brevemente sobre algumas leituras da psicanálise freudiana no sentido de delimitar minimamente o que, desses outros modos de aproximação do conceito de narcisismo, pode nos ser útil para introduzir nossa proposta. Desde já admitimos: partiremos desses outros autores para logo em seguida trabalharmos exclusivamente com o texto de Freud.

Quando nos posicionamos frente à obra freudiana e escolhemos o conceito de narcisismo como tema de pesquisa, a busca por referências de estudos dessa temática lança-nos num oceano. A grande quantidade de trabalhos que se proliferaram desde a proposição do conceito até os dias atuais pulveriza qualquer expectativa (caso ela ainda existisse) de univocidade e nos força, antes mesmo de começarmos, a privilegiar um determinado caminho e justificar essa escolha.

No âmbito das pesquisas que tratam de psicanálise, os dicionários ou vocabulários adquiriram historicamente um reconhecimento e um prestígio que os tornaram as fontes mais seguras para o pesquisador interessado na proposição de debates histórico-conceituais; referimo-nos aqui especificamente ao *Vocabulário da Psicanálise* (Laplanche e Pontalis, 1967/2001) e ao *Dicionário de Psicanálise* (Roudinesco e Plon, 1998). Para nossa proposta esses trabalhos são particularmente interessantes, pois nos oferecem uma discussão descritiva<sup>10</sup> e nos permitem situar e justificar, de fora de nossa perspectiva teórico-metodológica, um ponto de partida.

Começemos a conversa pelos verbetes sobre *narcisismo* em cada uma dessas obras. Embora resguardem particularidades, suas descrições mostram-se relativamente convergentes

---

<sup>10</sup> Outro autor que promove discussão análoga é James Strachey, em sua nota introdutória ao texto de 1914 da edição Standard Brasileira das obras completas de Freud (Freud, 1914/1969, pp. 85-87). Remetemos o leitor a esse trabalho, mas não o discutiremos aqui por opção de recorte, de modo a não nos prolongarmos excessivamente neste debate (que não é propriamente o escopo desta pesquisa).

em sua apresentação<sup>11</sup> do termo, sobretudo no tocante à sua localização no interior dos textos freudianos. Tanto numa como noutra, a origem da utilização do termo por Freud é situada em nota de rodapé acrescentada em 1910 aos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (Freud, 1905/1969), na qual o termo é usado para comentar a escolha homossexual de objeto. Ambas destacam como no próximo uso do termo, na discussão do caso Schreber (Freud, 1911/2010), Freud trata do narcisismo como uma fase da evolução sexual; Laplanche e Pontalis articulam esse uso do termo com o feito por Freud em *Totem e Tabu* (Freud, 1913a/2012), enquanto Roudinesco e Plon articulam esse uso àquele feito em *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (Freud, 1910/1969). Embora com pequenas diferenças em seus enunciados, os quatro autores concordam que é o texto *Introdução ao Narcisismo* (Freud, 1914/2010) que dá lugar proeminente ao narcisismo:

Vemos que Freud já fazia uso do conceito de narcisismo antes de “introduzi-lo” através de um estudo especial (*Sobre o narcisismo: uma introdução* [*Zur Einführung des Narzissmus*, 1914]). Mas, neste texto, é no conjunto da teoria psicanalítica que ele introduz o conceito, considerando particularmente os investimentos libidinais (Laplanche e Pontalis, 1967/2001, p. 287, grifo dos autores).

Foi em 1914, em “Sobre o narcisismo: uma introdução”, que o termo adquiriu o valor de um conceito. Fenômeno libidinal, o narcisismo passou então a ocupar um lugar essencial na teoria do desenvolvimento sexual do ser humano (Roudinesco e Plon, 1998, p. 531).

Destacamos que, sobretudo no caso de Laplanche e Pontalis, os autores fazem uma análise das diferentes configurações possíveis assumidas pelo conceito de maneira a organizar, apesar das contradições ou da falta de descrições mais detalhadas na fonte original, uma chave de entendimento possível para o conceito, tendo ela início no texto freudiano para em seguida ser expandida até outros autores da psicanálise, por exemplo, Jaques Lacan. Assim, configuram um entendimento que foca em conteúdo e potência teórica na compreensão do desenvolvimento e da condição psíquica humana, demarcando para o conceito um lugar no campo do saber psicanalítico. De certa forma, como um trabalho feito de dentro da psicanálise, para a psicanálise, confere-se ao conceito de narcisismo o estatuto de um conhecimento adquirido e “verdadeiro” como operador de pensamento nessa ordem discursiva. Não entra em questão, assim, uma discussão do caráter histórico, pontual, casual e estratégico desse acontecimento discursivo – discussão a que visamos neste trabalho. Usamos estes termos (“histórico”, “pontual”, “casual”, “estratégico”) suportados pelo pensamento

---

<sup>11</sup> Não podemos esquecer que o trabalho de Laplanche e Pontalis serviu de referência para Roudinesco e Plon.



foucaultiano, e com eles fazemos referência à noção de discurso, proposta por esse autor (Foucault, 1971/1996), que embasa o presente trabalho: discurso como ato-acontecimento, como práticas discursivas descontínuas (“*casual*”; “*estratégico*”), que se dão num determinado contexto (“*histórico*”) que dispõe suas condições de possibilidade (“*pontual*”)<sup>12</sup>.

A apresentação de Roudinesco e Plon, no entanto, proporciona mais um ponto que nos interessa aproveitar. Esses autores chamam a atenção para o destino do conceito de narcisismo na produção teórica freudiana, destacando como que, a partir da publicação de *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920/2010), a ideia vai sendo progressivamente abandonada por Freud (Roudinesco e Plon, 1998, p. 532); observam, nesse sentido, a curiosa ausência do conceito na última tentativa freudiana de organização de sua teoria, o *Esboço de Psicanálise* (Freud, 1940[1938]/1969). No âmbito da discussão que ora propomos, essa observação é relevante na medida em que, intencionalmente ou não, o conceito de narcisismo – no modo como os autores desenvolvem sua discussão – é circunstanciado na obra freudiana e descentralizado de sua “qualidade de verdade”. No limite, isso pode permitir a circunscrição do conceito em um entendimento que não o naturalize. Outro autor que promove similar possibilidade é André Green (1988), inclusive citado por Roudinesco e Plon, e com ele agora seguiremos, pontualmente, selecionando aí também o que nos parece relevante para os fins desta pesquisa.

*Narcisismo de vida, narcisismo de morte* (Green, 1988) é uma coletânea de artigos cujo fator comum é de princípio declarado pelo autor: “A grande maioria dos trabalhos aqui reunidos têm por objeto, implícita ou explicitamente, pensar as relações entre narcisismo e pulsão de morte – que propus chamar de narcisismo negativo” (Green, 1988, p. 12). Nota-se, como destacamos em Laplanche e Pontalis, que se trata de um trabalho do interior da psicanálise, produtor no (e reproduzido do) discurso psicanalítico. Algumas características de seu texto, com efeito, mostram-se especialmente interessantes no que toca nossos objetivos. Nos dois primeiros artigos de seu livro, principalmente o primeiro, de 1976 e intitulado “Um, outro, neutro: valores narcisistas no mesmo” (Green, 1988, pp. 33-86), encontramos como que uma *descrição de vocabulário* em relação ao conceito de narcisismo antes que o autor desenvolva suas propostas. É uma descrição tanto do conteúdo do conceito quanto dos caminhos de sua constituição e destino na obra freudiana, com poucas injeções de interpretações externas aos textos da fonte original (Green, 1988, pp. 34-39); ademais, no apontamento das elaborações de teóricos posteriores a Freud que fizeram uso do conceito

---

<sup>12</sup> Teremos oportunidade, mais a frente (capítulo III), de nos aprofundarmos nessa noção de discurso no tocante ao seu lugar nesta pesquisa.

(Green, 1988, pp. 39-41), ele próprio inserido nessa linha, são contundentemente marcadas todas as diferenças e particularidades de cada. Também no seu prefácio a esse livro, “O narcisismo e a psicanálise: ontem e hoje” (Green, 1988, pp. 9-29), ele descreve o percurso do conceito pela psicanálise, de Freud a outros; mas mais que isso, expressa seu ponto de vista em relação ao legado freudiano – “O narcisismo foi, de uma certa maneira, um parêntese no pensamento de Freud” (Green, 1988, p. 10) – e assume uma posição, “reconhecendo ao narcisismo seu direito de existência como conceito com plenos direitos” (Green, 1988, p. 15). Imerso no interior do discurso psicanalítico, seu compromisso é com o saber que aí circula (e, por tal, desde já dele nos distanciamos também), mas *esse modo particular de apresentar sua discussão* também deixa em aberto a possibilidade de contextualizar o conceito no lugar de naturalizá-lo.

Algo diferente ocorre quando nos debruçamos sobre outro autor que discute metapsicologia em Freud: Garcia-Roza (1995). Em seu livro *Introdução à metapsicologia freudiana 3*, o conceito de narcisismo recebe uma seção inteira para sua discussão (Garcia-Roza, 1995, pp. 18-78). Seu trabalho é minucioso: tomando como pedra angular de sua apresentação a evolução da noção de sexualidade em Freud, parte de textos sobre a neurose de angústia anteriores a 1900, passa pelas ideias de complexo de Édipo, interdição ao incesto, assassinato do pai da horda primeva, autoerotismo, pulsão, libido, sexualidade infantil, até finalmente abordar a questão de o que é o narcisismo, o problema da diferenciação entre um primário e um secundário, a distinção entre eu ideal e ideal do eu. O autor constrói uma trilha conceitual que progressivamente chega até o narcisismo e lhe dá sentido, para depois centrar-se no conteúdo do conceito e suas interpretações possíveis. Produz-se assim uma leitura fecunda para a psicanálise no sentido de organizar a teoria sob o vértice das implicações conceituais. Contudo, isso pode favorecer uma compreensão que pressupõe certa linearidade na construção teórica freudiana (e, talvez, da própria psicanálise), principalmente quando alguns dos elementos usados em sua leitura não são constituintes do texto analisado: por exemplo, as noções de sujeito, de constituição do eu pela identificação à imagem no espelho, de separação simbólico-imaginário (todos esses, de alguma forma, relacionados às proposituras lacanianas), entre outros. O efeito desse modo de apresentação, portanto, parece ser o oposto àquele por nós destacado na leitura de Green: o conceito é delimitado de modo a favorecer sua naturalização. É de se notar que Garcia-Roza começa seu livro com uma introdução (Garcia-Roza, 1995, pp. 9-17) que procura descrever o contexto de produção do artigo sobre o narcisismo e daqueles sobre metapsicologia de 1915, ressaltando desse momento as crises no interior da comunidade psicanalítica e as crises provocadas pela 1ª

Guerra Mundial; no entanto, sua análise propriamente dita quase não considera a implicação desse contexto na constituição do sentido desse conhecimento produzido. Com essas considerações queremos marcar aqui não uma crítica – e isso também em relação aos trabalhos de Laplanche e Pontalis, Green, Roudinesco e Plon –, mas sim as diferenças desse tipo de proposta em relação àquilo que pretendemos realizar na presente pesquisa.

É possível dar continuidade a essa busca por referências de trabalhos que tratam da temática do narcisismo, mas não visamos aqui a um extenso levantamento bibliográfico. O que apresentamos acima se configura como *um recorte analítico*, uma escolha de alguns trabalhos que permitem o destaque de elementos importantes no âmbito dessa pesquisa<sup>13</sup> e que, no contexto de uma introdução e por confronto, abrem as portas para a inscrição do referencial no qual nos apoiamos. Sem mais, passemos enfim à análise institucional do discurso.

## 2. Análise institucional do discurso, psicanálise, narcisismo

Proceder a uma apresentação da *análise institucional do discurso* não se coloca como tarefa simples, tendo em vista sua complexidade e densidade. Partamos então da própria apresentação que a autora faz de sua proposta (Guirado, 2010, pp. 25-26) para que nos seja possível situar minimamente esse campo de saber que dá sentido e vida à nossa pesquisa.

A análise institucional do discurso é um método de pesquisa em psicologia e uma estratégia de pensamento pela qual se configuram intervenções concretas no âmbito do exercício profissional da psicologia. De suas características fundamentais, uma destaca-se como definidora dessa proposta: pensar e fazer psicologia na fronteira com outras áreas do conhecimento, a saber, a sociologia de José Augusto Guilhon Albuquerque, a linguística de Dominique Maingueneau e as ideias de Michel Foucault. No primeiro caso, é com o conceito de *instituição* que a autora trabalhará: um conceito que define instituição como relações (ou práticas) sociais que se repetem e, por meio dessas repetições, se legitimam. A essa definição a autora acrescenta: legitimam-se, por parte daqueles que as fazem, por efeitos de reconhecimento da naturalidade dessas relações e efeitos de desconhecimento do caráter relativo e instituído das mesmas. No segundo caso, os conceitos de comunidade discursiva,

---

<sup>13</sup> Que retomaremos na conclusão desta dissertação.

gênero de discurso e cena enunciativa lhe permitem pensar o discurso como atos de fala, tomando o sentido do enunciado quando remetido ao contexto de sua enunciação (e aos seus interlocutores). No último, é a noção de discurso como acontecimento, ato, dispositivo, que ganha destaque e coloca a produção de saberes (verdades) e subjetividades no seio dos jogos e relações de poder-resistência que se estabelecem no e pelo discurso.

Teremos oportunidade de nos deter mais demoradamente em alguns desses aspectos (quando diretamente relacionados com nossa proposta) no decorrer desta dissertação. Para o presente momento de nosso texto, contudo, nos interessa sublinhar e circunscrever a *psicanálise* no escopo das proposituras de Guirado.

Ao fazer uso do conceito de instituição de Albuquerque, Guirado propõe pensar a própria Psicologia como instituição, feita e refeita, legitimada e reproduzida, pela ação daqueles que a fazem, nós psicólogos. Mais além, ela afirma: “*toda instituição constitui um objeto* (imaterial, impalpável): é aquilo (ou a relação básica) em nome de que ela se faz, e cujo monopólio é reivindicado numa delimitação de âmbito de ação com outras instituições” (Guirado, 2010, p. 45, grifo da autora). Precisamente nesse sentido, a autora destaca a necessidade, ou melhor, a exigência de, ao pensar a Psicologia como instituição, configurar-lhe um objeto em nome do qual ela se exerça. É aqui que a *psicanálise* começa a assumir seu lugar central na análise institucional do discurso:

Diante da reconhecida e decantada diversidade de psicologias que a história de nossa disciplina e profissão constituiu, torna-se necessário fazer um recorte intencional, uma escolha, para dizer de qual psicologia falamos. Em nosso caso, optamos por um recorte que a aproxima da *psicanálise* e, daí, pudemos considerar como sendo seu objeto: “*as relações, mas não aquelas imediatamente observáveis, e sim, tal como percebidas, imaginadas, por aqueles que concretamente as fazem*” (Guirado, 2010, p. 48, grifo da autora).

As *relações*, o foco a que visam suas análises e para o qual converge sua atenção, são pensadas por Guirado no entrecruzamento das implicações de pensar com o conceito de *instituição* e com as contribuições da *psicanálise freudiana*. Como? Na consideração de que o caráter psíquico do sujeito dá-se pelo seu matriciamento institucional, ou seja, de que o sujeito imagina as relações que vive em decorrência da singularidade dos movimentos de repetição de uma história de vínculos nos e pelos diferentes lugares que exerce nas instituições que faz vida a fora (Guirado, 2010, p. 49). Em suas palavras, *sujeito psíquico porque institucional* (Guirado, 1995/2006, p. 17). Do legado freudiano, não apenas faz-se tributo à ideia de uma singularidade historicamente constituída, mas também tem lugar privilegiado o trabalho com

o *conceito de transferência*, dando à análise institucional do discurso a especificidade de uma proposta de caráter psicanalítico. No entanto, não é com o conceito de transferência tal qual descrito por seu idealizador que Guirado trabalhará, mas sim a partir de um recorte, exigência “epistemológica” para pensá-lo na interface com outros saberes, uma vez que é retirado do contexto no qual foi originalmente formulado. De suas implicações, essa reinvenção propõe:

[...] preservar o sentido de reedição de lugares em relações que de alguma forma marcam para a pessoa o reconhecimento de si e de sua posição; mesmo que disso não se dê conta. Depois, considerar que a reedição só se faz em relações, por sua vez instituídas, em meio a procedimentos e jogos de força e de produção de verdades, que também deixam sua marca (Guirado, 2010, p. 51).

Da configuração do objeto institucional aos conceitos que instrumentam seu pensar, o objetivo último de sua proposta se esclarece: “[...] onde quer que trabalhemos, daremos foco à subjetividade que nessas relações se constitui” (Guirado, 2010, p. 53). E desse objeto ao conceito de transferência, a psicanálise (sempre freudiana, como mostra a autora) ocupa seu lugar de tribuna no pensamento de Guirado, embora se mostre uma psicanálise diferente, talvez estranha ou suspeita aos olhos daqueles que a reproduzem no interior do discurso psicanalítico estrito. No limite, poderíamos pensar que a psicologia aqui discutida é um modo de pensar e fazer *psicanálise* na interface com outras áreas do conhecimento.

Considerando-se o tema desta pesquisa, fica evidente que a circunscrição de o que é psicanalítico na proposta de Guirado não será suficiente para situar nosso trabalho no pensamento da autora. Pelo contrário. É necessário que explicitemos de que aspectos da teoria freudiana a análise institucional do discurso se distancia. Estamos, neste ponto, dando um salto no encadeamento de nossa argumentação e, reconhecido isto, pedimos a confiança do leitor de que mais a frente isso será justificado. Para fazermos uso argumentativo das possíveis inquietações geradas por uma afirmação pontual e direta, arriscamos: *a análise institucional do discurso se afasta da metapsicologia freudiana* (Guirado, 2010), e o faz também por exigência da própria estratégia de pensamento.

Vários são os questionamentos a que a afirmação acima dá margem. Apenas suporemos dois, um mais provocativo, outro intencionalmente escolhido a título do que queremos destacar. O primeiro, possível reação daqueles que professam de dentro da psicanálise a teoria: *mas se há um afastamento da metapsicologia, considerada por muitos a pedra angular da produção do conhecimento em psicanálise e o sustentáculo (ou referente básico) da prática do psicanalista, como é possível afirmar que o que se faz é psicanalítico?*

A nossa tentativa acima de situar a transferência (revista e repensada) como o operador conceitual que baliza a estratégia metodológica da AID<sup>14</sup> talvez possa servir como uma resposta. Se nossa argumentação mostra-se ainda insipiente, o livro de Guirado (2010) é um grande exercício argumentativo nesse sentido; para nós, é um exercício que rigorosa e efetivamente convence mais do que insiste, brincando um pouco com as palavras da própria autora (Guirado, 2010, p. 133).

O segundo: *por que esse afastamento?* Digamos que, no horizonte do caráter fronteiriço dessa maneira de pensar a psicologia e a psicanálise, esse afastamento coloca-se a rigor e inevitavelmente como uma exigência conceitual. Exigência esta atestada pela consideração, como exposto acima, de que o que é psíquico no sujeito só o é pelo seu matriciamento institucional, na conjunção de uma singular história de vida e sua expressão no exercício de lugares mais ou menos definidos em um determinado contexto e produtores de expectativas e sentidos (Guirado, 2010, pp. 135-141). Não se trabalha com uma teoria do sujeito, mas antes (e apenas) com um conceito de sujeito-dobradiça, metáfora operadora que “condensa a articulação epistemológica da análise institucional do discurso” (Guirado, 2010, p. 137). Não se trata aqui de pensar a subjetividade pela sua dispersão, objetivada nos discursos, tal qual propunha Foucault (1971/1996, 1985, 1995). Mas tão pouco se trata aqui do sujeito psicológico historicamente reconhecido como objeto da Psicologia, sujeito de uma interioridade suposta que, seja por uma teoria, seja por outra, pode antecipar a escuta do psicólogo e impor um saber prévio entre ele e aquele que é escutado (clientela/paciente). Ora, o que é a metapsicologia freudiana se não uma teoria de um sujeito psicológico endógeno, um conjunto conceitual que define e aposta numa interioridade psíquica de “substâncias” (pulsões), “profundidades” (inconsciente), mecanismos? Por coerência e princípio metodológicos, essa é a faceta da contribuição freudiana que mais se distancia da estratégia de pensamento da análise institucional do discurso<sup>15</sup>.

Cabe então questionar como será possível situar nossa pesquisa, diretamente voltada a um conceito da metapsicologia freudiana, no domínio da análise institucional do discurso – e aqui teremos oportunidade de justificar o salto que demos alguns parágrafos acima. Nesse ponto temos como suporte o próprio livro de Guirado (2010), em que é dedicado um capítulo inteiro a uma apresentação muito particular de textos clínicos, técnicos, teóricos (ou seja, *metapsicológicos*) de Freud. Foi necessário esse destaque do afastamento da AID em relação à metapsicologia freudiana precisamente no sentido de marcar que a apresentação que

---

<sup>14</sup> Abreviação para Análise Institucional do Discurso.

<sup>15</sup> Voltaremos a essa discussão na conclusão desta dissertação.

Guirado fará coloca-se como uma organização particular de um recorte interessado da obra freudiana, já impregnado dos pressupostos que definem a estratégia metodológica proposta, como ela mesma aponta (Guirado, 2010, p. 114). Este capítulo, intitulado não levemente de “Freud – Um discurso aberto”, é construído com o objetivo de “abrir a reinscrição da análise institucional do discurso no âmbito da psicanálise, depois de um necessário *détour*, de um distanciamento inevitável, para pensar com outros âmbitos do saber” (Guirado, 2010, p. 113). Aproveitando mais um pouco as palavras da autora antes de continuarmos:

Cabe mais uma ressalva: no que fazemos seguir, não está uma nova ou uma outra (dentre as muitas que se afirmam como tal) “leitura” de Freud. Está, sim, um estudo de algumas de suas obras, partindo de um recorte e visando a instrumentá-lo, para operar com ele dentro e fora do âmbito estritamente psicanalítico (Guirado, 2010, p. 114).

Em suma, para enfim contextualizar nossa pesquisa: a autora apresenta em seu livro, no capítulo IV (Guirado, 2010, pp. 113-127), o produto de mais de 30 anos de estudos da obra freudiana, recortada pela estratégia de pensamento da AID e redesenhada pelas brechas que, em seu discurso, lhe permitem o confronto com outros saberes. Se alguns textos da metapsicologia ali ganham espaço, isso só o é na medida em que, postos à prova pela AID, promovem a possibilidade de trabalhar com termos que se articulem com um modo de pensar que não seja “substancializado”, isto é, à medida que o discurso não seja ali a mediação universal entre o sujeito que pensa/fala e uma realidade “descoberta”, ou à espera de sê-lo (Foucault, 1971/1996, p. 49). Não há uma apropriação conceitual de noções da metapsicologia no escopo da AID (tal qual ocorre com os conceitos de *transferência* e *construção*, no capítulo V de seu livro), mas sim a configuração de um campo de ideias que, embora permaneçam à margem do exercício efetivo da AID, ecoam a influência freudiana nessa estratégia metodológica, sobretudo no tocante ao seu valor descritivo, e apontam numa direção aproximada do modo como se quer produzir e pensar: nas aberturas que o discurso de Freud permite. Dada a densidade do capítulo, não poderemos apresentá-lo na sua íntegra; à luz de nossas intenções nesta pesquisa, discutiremos sobre como, no interior desse contexto de reflexões, o narcisismo aparece em lugar de destaque na discussão de Guirado e dá o motivo e o norte desta dissertação de mestrado. Para tal, acompanharemos os caminhos de apresentação do texto *Introdução ao Narcisismo* (Freud, 1914/2010) no referido capítulo do livro da autora, verificando em que momento aparece, após qual sequência argumentativa, como começa essa apresentação e de que modo ela se dá.

O conceito de narcisismo tem sua discussão reservada logo no primeiro item do capítulo: “A psicanálise e a invenção do psicológico” (Guirado, 2010, pp. 114-119). O próprio título do item já marca o foco da argumentação da autora, destacando como que, com a psicanálise freudiana, configura-se um novo campo de saber com um determinado entendimento sobre o psicológico. A autora aponta como a correspondência de Freud com seu amigo Fliess (Freud, 1893/1969) atesta os desdobramentos da experiência clínica do primeiro em um conjunto de proposições teóricas que – dos artigos sobre a neurose de angústia da década de 90 do século XIX até a inflexão causada pela publicação de *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/1969) – irão constituir um dispositivo teórico específico, definido pela montagem de um aparelho psíquico dividido (inconsciente, pré-consciente, consciente), aparelho este implicado num jogo de pulsões sexuais cujas representações suportam sua ligação com o mundo: a libido aparece como a energia que coloca em movimento a vida psíquica que, em primeira e última instância, é determinada inconscientemente (Guirado, 2010, pp. 115-116). Que psicanálise se configura aí?

Ora, a psicanálise fundada nesse momento é aquela das representações, em última instância. Sua condição de possibilidade é a pulsão sexual. Seu funcionamento é um intrincado processo de investimentos (catexias) libidinais, frustrações, retornos ao ego e repressões, continuamente forçadas pelos intercâmbios do sujeito consigo e com o mundo externo. A idéia de conflito é de especial importância, pois estes processos forçariam limites ao funcionamento pelo princípio do prazer e aberturas ao princípio da realidade, o que implicaria, antes de tudo, o movimento pulsão/repressão (Guirado, 2010, p. 116).

É a partir ou na esteira dessas considerações que Guirado apresenta o texto de 1914, agora contextualizado dentro do escopo das suposições teóricas que marcavam a psicanálise freudiana à época de sua publicação.

Sua apresentação do texto, no entanto, é também precedida por uma caracterização do momento histórico de produção do mesmo, circunstanciando aquilo que motiva a discussão freudiana e seus interlocutores: tratava-se de um momento matizado por cisões no seio da comunidade psicanalítica, engendradas por divergências teóricas em torno do conceito de libido e ligadas às figuras de Adler e Jung. Não é de se desconsiderar a proximidade da escritura desse texto com a publicação dos artigos sobre técnica (Freud, 1912/2010, 1912a/2010, 1913/2010, 1914a/2010, 1915/2010), contexto discursivo que delimita uma normatização da psicanálise no reconhecimento e na demarcação de um âmbito de ação próprio e legitimado, como a própria autora destaca um pouco mais a frente, no quarto item



do capítulo intitulado “Escritos técnicos: o discurso que marca a psicanálise como instituição” (Guirado, 2010, pp. 124-125). No enlace dessas considerações preliminares, o artigo *Introdução ao Narcisismo* ganha cores particulares:

Este é um texto denso e de difícil compreensão em vários momentos; é um ponto de tensões especiais para a teoria e a psicanálise que então se instituía mais expressamente. [...] Talvez por isso, encontre-se aqui um discurso indeterminado, aberto, mais do que em outras ocasiões de sua escritura (Guirado, 2010, p. 116).

Como um disparador para sua discussão, a leitura de Laplanche e Pontalis do texto de 1914 é aproveitada pela autora no sentido de localizar a compreensão que organiza seu percurso de produção de um entendimento particular desse texto: em suas palavras e em concordância com os psicanalistas franceses, “o texto sobre o narcisismo coloca o *eu* na perspectiva do outro” (Guirado, 2010, p. 117). Da contextualização à explicitação dos caminhos que serão seguidos, o texto *Introdução ao Narcisismo* (Freud, 1914/2010) entra em cena e é submetido à análise. Tentaremos compor um comentário sucinto da análise de Guirado com o esforço de sermos o mais fiel possível aos apontamentos da autora (Guirado, 2010, pp. 117-119).

Naquilo que poderíamos agrupar como considerações referentes a uma análise do texto como um todo, ressaltamos duas como nucleares em seu entendimento do narcisismo. Em primeiro lugar, ela destaca que, no embate com Jung, Freud não apenas reafirma o caráter sexual da libido como também estende o âmbito de ação da sexualidade, mediante uma erotização do ego no início da vida, ao formular a ideia de um narcisismo primário que se constitui como “ocasião de extensão do sujeito, como que um pseudópodo, nos objetos e coisas da realidade externa” (Guirado, 2010, p. 117); da sua compreensão cotidiana (atenção a si mesmo) à sua forma assumida na proposição de Freud (*ocasião/condição de toda e qualquer relação*), o conceito de narcisismo ganha como que uma qualidade de paradoxo (Guirado, 2010, p. 117). Em segundo lugar, ela discorre sobre como Freud trata do narcisismo em termos de localização e orientação da libido (nas palavras de Guirado, como uma “*vetoração*” das forças pulsionais); nesse sentido, a autora aponta que, com esse texto, “uma teoria das pulsões parece se anunciar, sem ser nomeada como tal” (Guirado, 2010, p. 117), uma teoria das pulsões diferente, sem foco para a substância da pulsão, mas sim para os efeitos de localização da libido. Por tal, o texto passa a compor *um tipo de raciocínio* que leva Freud a (re)pensar outros temas da teoria psicanalítica (tipos de escolha de objeto, sublimação, repressão, idealização, entre outros), corroborando a hipótese de que a

formulação do narcisismo configura um modo particular de entender o psiquismo e sua relação com a atividade pulsional: *uma outra teoria das pulsões em Freud* (Guirado, 2010, pp. 117-118).

Com estas duas considerações centrais apresentadas, Guirado propõe ao leitor acompanhar a argumentação de Freud em sua tentativa de justificar a hipótese do narcisismo. Privilegiando alguns aspectos de cada capítulo do texto freudiano, seus comentários visam a “verificar o sentido do pressuposto que lançamos: a edificação da psicanálise no inconsciente (como mecanismo e como conteúdo) remete necessariamente às representações como ponta-de-lança da pulsão sexual” (Guirado, 2010, p. 118). Desse modo, a autora mostra como, no primeiro capítulo (Freud, 1914/2010), serão exatamente alguns elementos das críticas de Jung e Adler que servirão de base para a argumentação freudiana: a constituição do ego será tratada pelo trabalho com a afecção na qual ele se encontra mais prejudicado, a esquizofrenia (pedra angular da crítica jungiana ao caráter sexual da libido): “Nessa situação, há um retorno da libido ao ego, investida então numa imagem onipotente deste. Se houve um retorno, é porque, originariamente, essa energia investia o ego, não lhe era estranha” (Guirado, 2010, p. 118). Por pressuposto teórico, segundo a autora, o narcisismo secundário sustenta a ideia de um narcisismo primário. Do segundo capítulo do artigo, Guirado aponta para o modo como Freud busca identificar a *localização da libido* (ora no ego, ora no objeto) em diferentes situações – a doença orgânica, a hipocondria, as psiconeuroses –, até trabalhar com a caracterização da vida sexual dos seres humanos, destacando aí a perpetuação de modos narcísicos de se relacionar, o que leva Guirado a afirmar que “Essas qualidades da relação atestariam a existência e a permanência do *narcisismo na base de toda relação*” (Guirado, 2010, p. 118, grifo nosso). Em relação ao terceiro capítulo, a autora chama a atenção para como Freud, ao se perguntar sobre o destino do narcisismo infantil e elaborar suas hipóteses a partir do conceito de repressão, chega a uma “derivação essencial do narcisismo: a constituição de um ego ideal, como uma imagem que tem todas as excelências do si, que passa a exercer pressão e controle sobre o ego real e suas possibilidades concretas de ser” (Guirado, 2010, p. 119); para a autora, reafirma-se aqui o aspecto paradoxal do narcisismo que, além de condição de relação, pressupõe no seu destino a construção de uma imagem que controla o próprio ego.

Para concluir sua apresentação desse texto de Freud, Guirado condensa em um parágrafo todos os elementos que dão ao artigo *Introdução ao Narcisismo* um lugar que poderia vir a ter especial interesse para aqueles que se arriscam a pensar com a análise institucional do discurso:

Assim, dos primeiros investimentos na relação com o mundo até a criação de uma censura a reprimir o ego real, em princípio onipotente, temos a ação da libido, ora localizada no ego, ora no objeto, ou seja, temos a ação do narcisismo, esse modo de funcionar que da erotização do ego parte para a erotização das relações e para o manejo de uma censura voltada para si, apoiada em imagens, representações da relação, identificações (Guirado, 2010, p. 119).

Temos então, desse breve levantamento das hipóteses produzidas por Guirado em torno do conceito de narcisismo (lembrando, sem dúvida, que estas se inserem numa linha de pensamento que organiza um modo de entendimento da psicanálise freudiana como um todo), o *conjunto de pressupostos* dos quais partimos para a realização de uma análise institucional do discurso do texto *Introdução ao Narcisismo* (Freud, 1914/2010).

## Capítulo III

### Sobre as análises: método como estratégia de pensamento

O elemento central que define a estratégia metodológica da análise institucional do discurso já foi, no capítulo precedente, destacado. Cabe, devido a sua importância, regatá-lo: é na fronteira com outras áreas do conhecimento que Guirado (2010) articula um campo conceitual que instrumenta um particular método de análise para o exercício profissional e/ou de pesquisa em Psicologia. De Freud a Foucault, de Albuquerque a Maingueneau, conceitos específicos são estratégica e rigorosamente confrontados de modo a comporem a base, não de uma teoria, mas de uma estratégia de pensamento. Das implicações desse trabalho na interface, o conceito de *instituição* (Albuquerque) resguarda lugar privilegiado pela inflexão que causa na possibilidade de articulação entre os conceitos de *discurso* (Foucault), *gênero discursivo* e *cena enunciativa* (Maingueneau), *transferência* (Freud). Todos esses conceitos, em certa medida, sofrem uma torção nesta interface para que, com um *conceito dobradiça de sujeito*, viabilizem uma analítica da subjetividade face o objeto institucional da AID – as relação tal como imaginadas por aqueles que as fazem.

De nossa parte, não temos a pretensão de reconstruir o percurso argumentativo feito pela autora na configuração desse método (Guirado, 2010). Nem conseguiríamos, sobretudo no contexto de um capítulo de método de uma dissertação de mestrado. Nem precisaríamos, dado o reconhecimento acadêmico dessa proposta que, em larga medida, já foi justificada, defendida, autorizada. Isso permite que nossa apresentação delineie um caminho pelo qual a especificidade desta pesquisa possa, ao figurar no escopo da análise institucional do discurso, justificar um destaque interessado dos elementos da AID mais significativos no trabalho ora proposto.

Trazemos outro ponto a se somar à afirmação acima feita. Se considerarmos as pesquisa que trabalham com a AID, é legítimo destacar como grande parte delas, com as particularidades que a cada uma são intrínsecas, tem um horizonte de análise similar. De maneira mais usual, com a escolha de um objeto de pesquisa e da consideração das relações institucionais que o compõem, são utilizadas como instrumento de investigação entrevistas com aqueles que vivem e fazem essas relações (agente institucional e clientela), e aquelas são analisadas visando à montagem de cenas (tanto a da entrevista como as que se mostram na fala dos entrevistados) que permitam a configuração tanto do objeto institucional das práticas

que ali se repetem e se legitimam quanto das subjetividades que nessas relações se constituem. Nosso estudo não se enquadra nesse espectro. Comumente empregada para um determinado fim, a análise institucional do discurso é utilizada aqui para outro, pouco usual: pensar a produção de um conceito em Freud. Por tal, não apenas é possível, mas é antes uma exigência que façamos um recorte da AID de modo a destacar o que lá pode se articular ao trabalho de análise de um texto teórico, justificando sua escolha como método para nossa pesquisa.

Em outras palavras, se nos dois capítulos anteriores, em alguma medida, já trazemos elementos que caracterizam esse método, todo o desenvolvimento que agora propomos será pautado na descrição, um pouco mais precisa, do suporte conceitual que autoriza uma leitura específica do texto de 1914. No intuito de evitar repetições (e algumas, sem dúvida, ocorrerão), seremos breves e diretos: procuraremos explicitar os pressupostos que direcionam nossa análise pela apreciação do trabalho feito por Guirado (1986/2004, 1995/2006, 2000, 2010) em relação às ideias de Foucault e Maingueneau, trabalho esse já “recortado” por nós e articulado a uma possibilidade de análise do texto freudiano. Isso dispõe as bases daquilo que, no último item do presente capítulo, descreveremos como procedimentos da análise.

### 1. Foucault, para pensar um texto de Freud: discurso, poder, verdade

Com Michel Foucault, tomamos o discurso como ato, dispositivo, instituição, que define, para um determinado momento histórico e para uma região geográfica, as regras de enunciação. Nele e por ele [...] o jogo de forças poder/resistência se exerce e a produção de um saber ou verdade se faz concreta (Guirado, 2010, p. 46).

Destacamos da citação dois pontos: o discurso não é pensado como um conjunto de representações de alguma realidade (externa ou interna) sujeita a interpretação, e sim como acontecimento discursivo (Foucault, 1971/1996, p. 57; Guirado, 1995/2006, pp. 42-45); esta noção de discurso carrega, no âmbito das formulações foucaultianas, um conceito de poder como exercício, como correlação de forças, como ação sobre ação, mais corretamente pensado como *relações* de poder e resistência (dada sua implicação mútua), relações pelas quais se produzem verdades e subjetividades (Foucault, 1985, p. 89-93; Guirado, 2010, pp. 72-77). Nas palavras de Foucault, contornadas pelas de Guirado, encontramos os operadores

conceituais que constituem a base da estratégia de pensamento da AID, e, portanto, a base de nossa estratégia analítica.

Para trabalharmos o texto de Freud de 1914, portanto, é necessário que pensemos o discurso que lá se apresenta como efeito de um contexto discursivo que dispõe as condições de possibilidade de sua escritura, permeado pelas ou implicado nas disputas pelo monopólio da especificidade do saber psicanalítico (Guirado, 2010, p. 116). Por esse caminho, como um texto teórico que introduz um conceito, ali buscamos tanto o que pode haver de coerção como de proliferação do discurso, movimento pelo qual o falso se firma enquanto verdades se reafirmam (ou se modificam). Mais: a produção do conceito de narcisismo nesse texto não é pensada pela sua linearidade na história do pensamento freudiano, mas sim pelo que ali há de descontínuo e de acaso na construção da metapsicologia.

## 2. Maingueneau, para analisar um texto de Freud: contexto e enunciação, gênero discursivo e cena

[...] pela pragmática, o que se entende por discurso, remete à ideia de algo além da palavra, embora não se a dispense. Remete à ideia de legitimação de posição: remete a mostração, a co-enunciação. Ora, para além do dito, é o dizer que é fato, ato. Ato que constitui sentidos, na medida em que se dá num contexto que enlaça dizer e dito (Guirado, 2010, pp. 102-103).

[...] Dominique Maingueneau nos conduz a tratar o gênero discursivo como um “quadro” constitutivo dos sentidos da fala. Isto porque tais sentidos só se podem afirmar na relação do conteúdo com o quadro, uma relação constituinte e sempre móvel, onde o contexto também está na mensagem (Guirado, 2010, p. 107).

O discurso não é somente a realização passiva de um quadro; é uma construção/reconstrução desse quadro. [...] Quando você fala, você está sempre procurando impor ou, ao menos, negociar o quadro no qual a interação se estabelece (Maingueneau em Guirado, 2000, p. 98).

Aqui também faremos alguns destaques: sustenta-se a ideia de que a construção dos enunciados não se faz à revelia dos contextos em que se inserem, mas o contexto não é pensado em relação de exterioridade com texto (discurso), e sim em relação de implicação constituinte e dinâmica (Maingueneau em Guirado, 2000, p. 30; Guirado, 2010, pp. 100-101); no destaque do caráter reflexivo e interativo da linguagem, é a própria relação entre enunciação e enunciado (e, no rebote, enunciador e interlocutores) que dispõe o quadro pragmático de produção de sentidos, condição de possibilidade da análise (Maingueneau em

Guirado, 2000, p. 28; Guirado, 2010, p. 102); o conceito de gênero discursivo remete ao contexto que define as regras da enunciação, os papéis a serem assumidos e os lugares de onde alguém fala/escreve (Maingueneau em Guirado, 2000, pp. 91-92; Guirado, 2010, pp. 107-108). Aqui estão algumas concepções da análise do discurso de Maingueneau que, com o suporte das considerações feitas por Guirado (2010), configuram uma trilha possível para o modo de condução das análises que faremos.

O texto freudiano sobre narcisismo, por conseguinte, será analisado visando não apenas ao seu conteúdo como também, e principalmente, à relação entre esse conteúdo e o contexto que se mostra pelo próprio texto. Mais do que dar foco ao que é escrito, queremos atentar para o *modo* como é escrito, na consideração do lugar de onde escreve Freud (*fundador* de uma prática clínica e *criador* de uma teoria psicológica?), para quem escreve (*discípulos?*), para quem escreve (*ratificar* a teoria?). A análise procurará que cena(s) enunciativa(s) é(são) passível(eis) de ser(em) montada(s) nesse texto, na produção desse saber psicanalítico.

### 3. Da especificidade da produção de sentidos: delimitando o que se entende por análise

Por tudo o que se disse até aqui, dirigimos os argumentos para a diferenciação entre análise e interpretação. O diferenciador é a consideração do contexto para a produção do sentido (Guirado, 2010, p. 184).

Parece-nos, portanto, impossível afirmar que o trabalho de análise desvende alguma verdade ou uma essência dos discursos. O que ele faz é delinear como se organizam as falas, num intercâmbio constante entre os mitos e os fantasmas no discurso em análise e os do analista, com o respaldo de um distanciamento a que as teorizações interpretativas, no plano lógico, se propõem (Guirado, 1986/2004, pp. 55-56)

Como já anunciado no primeiro capítulo desta dissertação, e agora um pouco mais demonstrado pelo encadeamento das ideias desenvolvidas neste curto capítulo de método, é possível delimitar o que, no contexto dessa estratégia metodológica, se entende por análise. Não nos posicionamos como quem busca descobrir alguma verdade obscurecida no discurso, no exercício de um fazer interpretativo: pelo contrário, nos colocamos como quem busca *analisar o modo de produção de um discurso*, na tentativa de construir sentidos quando remetidos ao seu contexto discursivo e sua condição de produção.

Tecendo esses termos no objeto de nosso estudo, buscamos analisar o modo de produção do discurso freudiano na constituição de um conceito cuja implicação num contexto institucional o faz concreto.

#### 4. Sobre os procedimentos de análise

Tomamos como referência para a delimitação de alguns procedimentos de análise, além dos trabalhos já indicados de Marlene Guirado (1986/2004, 1995/2006, 2000, 2010), o livro *Loucura e Neurose em Freud: a cena originária da clínica psicanalítica em análise* (Guirado, Martins-Afonso, Guirado, 2012), uma vez que os trabalhos de Felipe Martins-Afonso e Luisa Guirado tratam (cada qual com objetivos próprios) de uma análise institucional do discurso de textos freudianos.

De modo geral, nosso trabalho de análise segue um trajeto “fragmentado”, marcado por dois movimentos complementares: primeiro é feita uma desconstrução do discurso (isso em relação à perspectiva interna a ele próprio) para posteriormente ser feita uma reconstrução do mesmo (agora sob outra perspectiva, que mostre seu modo de produção). Isso se configura, no plano concreto e imediato, como uma atenção à forma como se organiza o texto, pelo acompanhamento da construção de cada parágrafo e pela tentativa de destacar a relação entre eles. Buscamos:

1. que termos e temas se repetem e em que momentos, bem como quais deles surgem aparentemente deslocados em relação ao contexto imediato de uma linha argumentativa desenvolvida;
2. ressaltar, nas relações que se mostram entre substantivos e adjetivos, de que modo alguns termos são caracterizados, perscrutando também seu lugar na argumentação;
3. verificar como se posiciona o sujeito da enunciação na relação com o interlocutor, atentando para que situações a autoria do discurso é declarada (sujeito em primeira pessoa do singular) ou compartilhada (sujeito indeterminado ou em primeira pessoa do plural);
4. que interlocutor se configura na montagem do discurso e que lugar assume no texto;



5. em que momentos a responsabilidade pelo que é dito é reclamada pelo enunciador, ou é dividida com o interlocutor (imitação subversiva), ou, ainda, é dificilmente atribuível (discurso indireto livre);
6. que cenas enunciativas podem ser montadas, nas quais atentamos para os lugares atribuídos aos seus “personagens” (enunciador e interlocutor, teoria e clínica, concepções já firmadas e ideias recém-criadas, entre outros).

Como pano de fundo desses procedimentos, nossa análise organiza-se, ou melhor, guia-se pelas três perguntas básicas que indicamos no capítulo I: Como Freud introduz o narcisismo? Quais são seus interlocutores nesse texto? O que é narcisismo?

#### 4.1 Um breve comentário sobre tradução

É necessário, antes que efetivamente comecemos nossas análises, fazer uma ressalva. Não trabalhamos com o texto freudiano original, e sim com uma tradução. Talvez surja a pergunta: como trabalhar com análise de discurso de uma tradução? Pois bem, reconhecemos que isso não é ideal, mas é o que nos resta como possibilidade dado nosso desconhecimento da língua alemã. Contudo, em que pese esse fator na constituição de um dos limites de nosso trabalho, escolhemos uma tradução feita diretamente do alemão, de autoria e coordenação de Paulo César de Souza, sob a edição da Companhia das Letras (Freud, 1914/2010). Consideramos que, por ser uma tradução direta, ela procura se colocar o mais próxima possível do texto original. Mais que isso, é uma tradução feita por um linguista, não psicanalista, ou seja, é uma tradução que não é necessariamente compromissada com leituras que partem do interior do discurso psicanalítico. Justificamos nossa escolha com as próprias palavras do tradutor, em sua introdução a essa edição das obras freudianas: “O objetivo da presente edição é oferecer textos com o máximo de fidelidade ao original, sem interpretações de comentaristas e teóricos posteriores da psicanálise” (Souza em Freud, 1914/2010, p. 10).

A tradução dos textos freudianos é ainda hoje tema vivo e polêmico. Remetemos o leitor interessado nessa discussão ao livro de Paulo César de Souza, *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões* (Souza, 1999), e também ao livro de Luis Hanns, *Dicionário comentado do alemão de Freud* (Hanns, 1996), mas não entraremos aqui em

questões de tradução, na medida em que isto implicaria num desvio significativo do escopo desta dissertação.

Acrescentaremos apenas dois elementos. Primeiro: dois termos, que aparecem recorrentemente no texto de 1914, são alvo de contínua discussão para os tradutores – “*trieb*” e “*ich*”; o primeiro é traduzido por alguns como “*instinto*” e por outros como “*pulsão*”, e o segundo como “*ego*” por uns e como “*Eu*” por outros. A tradução da edição do texto freudiano que escolhemos utiliza os termos “*instinto*” e “*Eu*”. Parece pertinente que, pelo menos no tocante a esses dois termos, assumamos alguma posição. Esta, contudo, será tomada apenas a título de convenção: seguindo a tendência atual, escolhemos utilizar em nosso texto os termos “*pulsão*” e “*Eu*”. Segundo: no intuito de preservar a complexidade que subjaz na tradução de um autor como Freud, teremos sempre em mãos outra tradução, da Edição Standard Brasileira (da Imago), como fonte para cotejamento (Freud, 1914/1969); no caso de eventuais discrepâncias, indicaremos em nossa análise quais são e nossa posição em relação a elas.

## Capítulo IV

### **Análise do texto *Introdução ao Narcisismo***

Analisaremos cada um dos três capítulos desse texto separadamente, e no capítulo seguinte tentaremos organizar os elementos produzidos numa análise do texto como um todo. Embora sigamos parágrafo por parágrafo, aconselhamos ao leitor que, quando julgar necessário e possível, faça remissões ao próprio texto do autor, uma vez que não visamos aqui a um resumo e, sobretudo, os resultados de nossa análise se configuram como uma construção particular e parcial, já diferente do texto freudiano e inexoravelmente implicada no referencial metodológico por nós imposto.

Enfim, às análises.

#### 1. Primeiro capítulo: entre tensões, extensões e contenções

O primeiro capítulo do texto (Freud, 1914/2010, pp. 14-24) é especialmente denso. Dois planos de discussão, intimamente implicados, marcam essas poucas páginas do artigo freudiano: um referente à introdução e justificativa do conceito de narcisismo na psicanálise e outro reservado para o debate de questões que esse mesmo conceito suscita. Acompanhemos, passo a passo, o desenrolar desse capítulo que abre o texto de Freud.

A começar pelo primeiro parágrafo, chama a atenção o modo pelo qual o autor faz a sua “introdução” ao conceito de narcisismo. Não situa a origem de um *conceito*, mas sim de um *termo*, ressaltando o contexto de que procede e circunscrevendo seu conteúdo e seu significado: advêm da *descrição clínica*, designa uma *conduta específica* (tratamento do próprio corpo como objeto sexual), significa uma *perversão da vida sexual*:

O termo “narcisismo” vem da descrição clínica e foi escolhido por P. Näcke, em 1899, *para designar* a *conduta* em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual, isto é, olha-o, toca nele e o acaricia com prazer sexual, até atingir plena satisfação mediante esses atos. Desenvolvido a esse ponto, o narcisismo tem o *significado* de uma perversão que absorveu toda a vida sexual da pessoa,

e está sujeito às mesmas expectativas com que abordamos o estudo das perversões em geral (Freud, 1914/2010, p. 14, grifo nosso).

Desse modo, o termo “narcisismo” diz da descrição de um comportamento verificado na clínica, cujo significado seria o de uma perversão sexual. Dito de outra forma, é um termo que contextualiza uma procedência clínica, um conteúdo de ação no corpo e um sentido sexual.

Dando prosseguimento ao texto, de pronto será colocado, no parágrafo seguinte, o ponto de vista psicanalítico sobre o tema:

Chamou a atenção da pesquisa psicanalítica o fato de características isoladas da *conduta narcisista* serem encontradas em muitas pessoas sujeitas a outros distúrbios, como os homossexuais, segundo Sedger, e por fim apareceu a conjectura de que uma *alocação da libido que denominamos narcisismo* poderia apresentar-se de modo bem mais intenso e *reivindicar um lugar no desenvolvimento sexual regular do ser humano*. À mesma conjectura chegou-se a partir das dificuldades da psicanálise com neuróticos, pois era como se tal *comportamento narcísico* fosse um dos limites de sua suscetibilidade à influência (Freud, 1914/2010, p. 14, grifo nosso).

É interessante notar como a hipótese aqui formulada a partir da pesquisa psicanalítica, no que diz respeito à denominação de um “narcisismo”, é construída em referência a uma localização da libido (“*alocação da libido*”); ademais, tal hipótese induz um movimento de generalização dessa localização, do patológico em direção à normalidade (movimento recorrente na obra de Freud). As duas observações que justificam a hipótese e essa possibilidade de generalização referem-se também a *uma conduta ou um comportamento* (no campo de outros distúrbios), em relação ao qual o narcisismo é colocado como um adjetivo. Desse modo, na sua relação com o primeiro parágrafo, o argumento agora desenvolvido mantém sem alterações o contexto de procedência da idéia de narcisismo (clínica) e seu conteúdo (designação de uma conduta), alterando-se apenas seu significado, uma vez que “Nesse sentido, o narcisismo *não seria uma perversão, mas o complemento libidinal* do egoísmo do instinto de autoconservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo” (Freud, 1914/2010, pp. 14-15, grifo nosso). Contudo, mesmo que seu significado seja alterado pela sua separação do campo da nosologia clínica, persiste seu sentido sexual: o termo deixa de fazer remissão a uma patologia do campo da sexualidade (em sentido genital), mas é reiterado seu domínio de significação dentro desse mesmo campo, ou melhor, dentro de “*outro*” *campo da sexualidade*, agora no sentido freudiano e “expandido”

da palavra (“*complemento libidinal*”). O modo pelo qual Freud tece suas considerações conduz o termo para o campo do saber psicanalítico.

Seguindo esta linha argumentativa que justificaria uma concepção de narcisismo para a sua psicanálise, o próximo ponto com o qual Freud se debaterá diz respeito à esquizofrenia. É imperioso ressaltar que aqui se situa um dos principais motivos para a hipótese do narcisismo, como o próprio autor declarará:

Um *motivo* premente para nos ocuparmos com a ideia de um narcisismo *primário* e normal apareceu quando se fez a *tentativa de incluir* o que sabemos da demência precoce (Kraepelin) ou esquizofrenia (Bleuler) sob a hipótese da teoria da libido (Freud, 1914/2010, p. 15, grifo nosso).

Essa justificativa da necessidade da ideia de um narcisismo (note-se que, pela primeira vez e ainda sem explicação, fala-se em “*primário*”) mostra o âmbito de sua produção. Um dos motivos da ideia configura-se como consequência da tentativa de *incluir* o que se sabe da esquizofrenia sob a hipótese da teoria da libido, ou seja, situa-se na tensão gerada entre (áreas de) conhecimentos distintos. Mais que isso, a esquizofrenia colocaria em xeque alguns dos aspectos da teoria da libido que retornam pela compreensão que se pode ter de narcisismo (como veremos mais a frente): o aspecto sexual e o de relação com os objetos do mundo externo. É no exame daquilo que ameaçaria a teoria que Freud a reafirma, pelos mesmos aspectos que primeiramente mostravam-se em perigo... Começamos a contornar o contexto dessa enunciação do narcisismo? Não devemos nos apressar. Sigamos a construção da argumentação do autor nesse momento do texto.

Freud ressalta que nos parafrênicos (segundo sua sugestão de designação) duas características se destacam. É no trabalho com essas duas características que se encontra o cerne de sua argumentação a favor de uma justificativa do narcisismo. São elas a megalomania e o abandono do interesse pelo mundo externo. Em relação à última, que justificaria a ineficiência da psicanálise nesses casos, diz o seguinte:

Mas o afastamento do parafrênico face ao mundo externo pede uma caracterização mais precisa. *Também* o histérico e o neurótico obsessivo abandonam, até onde vai sua doença, a relação com a realidade. A análise mostra, porém, que *de maneira nenhuma suspendem sua relação erótica com as pessoas e coisas. Ainda a mantêm na fantasia*, isto é, por um lado substituem os objetos reais por objetos imaginários de sua lembrança, ou os misturam com estes, e por outro lado renunciam a empreender as ações motoras para alcançar as metas relativas a esses objetos. Apenas a esse *estado da libido* se deveria aplicar o termo usado por Jung sem distinção:

o de introversão da libido. Sucede de outro modo com o parafrênico. Este parece mesmo retirar das pessoas e coisas do mundo externo a sua libido, *sem substituí-las por outras na fantasia*. Quando isso vem a ocorrer, parece ser algo secundário, parte de uma tentativa de cura que pretende *reconduzir* a libido ao objeto (Freud, 1914/2010, pp. 15-16, grifo nosso).

A que se presta o trabalho com essa primeira característica, na argumentação do autor? Essencialmente, para diferenciar o afastamento do mundo externo dos parafrênicos em relação àquele do histérico e do neurótico obsessivo. Mas mais que isso: para diferenciar os tipos de afastamento *no que se refere à localização da libido* que foi retirada do mundo. Assim, enquanto que em um caso a relação erótica com o mundo mantém-se pelo investimento da libido em substitutos das pessoas e coisas na fantasia, no outro caso há completa retirada de libido, sem substituição na fantasia. *Onde* se encontra a libido? No histérico e no neurótico obsessivo, em sua fantasia; e no esquizofrênico... Freud conduz a argumentação de modo a produzir uma pergunta inevitável, para a qual dará sua resposta pela megalomania: para *onde* foi a libido do esquizofrênico?

Alguns comentários aqui se fazem necessários. É interessante notar que, como consequência dessa construção argumentativa, o autor passa a caracterizar *também* o histérico e o neurótico obsessivo a partir da *localização de sua libido*. Além disso, ao afirmar que quando vem a ocorrer no parafrênico uma substituição das relações com o mundo na fantasia, descrevendo tal processo como secundário, aponta para isso como uma “*tentativa de cura que pretende reconduzir a libido ao objeto*” (Freud, 1914/2010, p. 16): o termo “reconduzir” sugere, além do foco na localização da libido, uma atenção para seu *movimento/direcionamento*. Por último, já podemos notar tanto a primeira indicação de um interlocutor direto do texto, Jung, como o teor dessa interlocução, que é anunciada pela discordância de ponto de vista (“*sem distinção*”).

Voltando ao texto, de que modo Freud responderá à indagação sobre o *destino* da libido que teria sido retirada dos objetos nos esquizofrênicos?

A megalomania própria desses estados aponta-nos aqui o caminho. Ela se originou provavelmente à custa da *libido objetal*. A libido retirada do mundo externo foi *dirigida ao Eu, de modo a surgir uma conduta que podemos chamar de narcisismo*. No entanto, a megalomania mesma não é uma criação nova, e sim, como sabemos, a *ampliação e o explicitamento de um estado que já havia existido antes*. Isso nos leva a apreender o narcisismo que surge por retração dos investimentos objetais como secundário, *edificado sobre um narcisismo primário*, que foi obscurecido por influências várias (Freud, 1914/2010, p. 16, grifo nosso).

Poderíamos fazer aqui a mesma pergunta que fizemos em relação à característica de abandono do interesse do mundo externo, seguindo o movimento argumentativo do texto: a que se presta o trabalho com a megalomania? Apontar, direta e pontualmente, a nova *localização* da libido: a megalomania, cuja origem é colocada numa relação inversamente proporcional à libido objetal (primeira aparição de um adjetivo para o termo libido), é produto de uma espécie de *redirecionamento* (movimento/direção) da libido retirada do mundo *para o Eu* (localização). Que efeito encontramos? O surgimento de uma “*conduta que podemos chamar de narcisismo*” (Freud, 1914/2010, p. 16). Novamente temos a ideia de narcisismo referida a um comportamento, efeito de um movimento de realocação da libido.

É importante destacar que, no começo de sua argumentação (acerca do tema da relação entre a esquizofrenia e a hipótese da teoria da libido), Freud dizia do motivo da ideia de um narcisismo *primário* e normal. Toda sua argumentação é construída no sentido de demonstrar, num pensamento efetivamente teórico e hipotético, que uma conduta presente na patologia é efeito de um redirecionamento da libido que passa a se localizar no Eu, o que, ao final do trecho acima citado, o autor denomina de narcisismo secundário. Ora, o que o autor demonstra argumentativamente? O narcisismo secundário! A enunciação do narcisismo primário só é permitida pelo uso de algo que no limite se configura como um pressuposto teórico (Guirado, 2010): “[...] *a megalomania mesma não é uma criação nova, e sim, como sabemos, a ampliação e o explicitamento de um estado que já havia existido antes.*” (Freud, 1914/2010, p. 16), oração que poderíamos parafrasear na fórmula “se algo aparece na patologia, isso em algum momento do desenvolvimento correspondia ao normal”. Soma-se a isso o uso, na frase, de um recurso linguístico que envolve e “enreda” o leitor na enunciação (“*como sabemos*”) – a imitação subversiva –, e podemos propor como um salto teórico a afirmação de um narcisismo primário.

Talvez seja interessante destacar também o parágrafo que encerra essa discussão relativa à esquizofrenia:

Insisto em que não pretendo esclarecer ou aprofundar o problema da esquizofrenia, mas apenas reúno o que foi dito em outros lugares, a fim de justificar uma introdução ao narcisismo (Freud, 1914/2010, p. 16).

Todo este parágrafo é curioso. Ele diz que não fará algo que, no entanto, já fez. Diz que apenas reúne o que foi dito em outros lugares a fim de justificar o narcisismo e, contudo, teve que acrescentar algo novo exatamente no sentido dessa justificativa. Essa “afirmação negada” no discurso parece colocar o próprio ato de escrever um texto que justifique o

narcisismo como absolutamente inevitável, natural e desde o início independente de autoria. Contudo, é o primeiro momento do texto em que o sujeito da enunciação está em primeira pessoa do singular; até esse ponto, ou era feito uso do sujeito indeterminado ou do sujeito em primeira pessoa do plural. A autoria é declarada. *O próprio movimento de assunção de autoria no discurso é concomitante a uma naturalização da fala/texto*. Efeito de uma tensão do contexto de produção? Que nos siga tal pergunta em nossa análise – uma pergunta que fazemos, vale lembrar, embasados por hipóteses norteadoras<sup>16</sup> dessa pesquisa (Guirado, 2010) e suportados por pressupostos conceituais<sup>17</sup> que assumimos para a condução da análise (Foucault, 1985).

Tendo já discutido os achados da pesquisa psicanalítica que possibilitariam uma generalização do comportamento narcisista em outros distúrbios e justificado sua introdução ao narcisismo pela esquizofrenia (em especial, pela megalomania), o autor trabalhará mais um elemento: a vida psíquica das crianças e dos povos primitivos. É válido notar que há uma *aproximação* entre as características da vida psíquica desses dois grupos. Parece vigorar aqui uma concepção evolutiva e teleológica de cultura (“*povos primitivos*”) e, com isso, essa aproximação sustenta-se na ideia de que a ontogênese repete a filogênese, um pressuposto que é dado como um fato consumado, uma questão sobre a qual não pairam dúvidas:

Um terceiro elemento que *concorre para essa extensão – legítima, ao que me parece – da teoria da libido* vem de nossas observações e concepções da *vida psíquica das crianças e dos povos primitivos*. *Encontramos* neles [...] (Freud, 1914/2010, p. 16, grifo nosso).

Chamamos atenção para mais um aspecto nesse extrato citado. Aqui também volta a aparecer uma enunciação que aponta para uma primeira pessoa do singular (“*me*”), acompanhada do possessivo no plural (“*nossas*”) e seguida, no período seguinte, do sujeito na primeira pessoa do plural (“*Encontramos*”). Alternância sutil, que pode passar despercebida. O autor inclui na sua fala o leitor como co-produtor do enunciado, que fica assim corroborado e certificado, ao mesmo tempo em que assume um lugar explícito... “*legítima, ao que me parece*” (Freud, 1914/2010, p. 16). Novamente, a tomada de responsabilidade pelo dito é entremeada pela sua naturalização. O que mostra esse movimento do discurso? No mínimo, já podemos pensar numa tensão entre o que se diz neste trecho e o que será dito depois. Ou,

<sup>16</sup> De que esse texto aparece como um ponto de tensão para a teoria e a psicanálise freudiana, produzido num contexto de disputas pelo saber psicanalítico e de rachaduras na comunidade psicanalítica (Guirado, 2010, p. 116).

<sup>17</sup> De que a produção do saber se dá no e pelo discurso em meio a relações de poder-resistência (Foucault, 1985).



entre argumentos que não se anunciaram completamente, mas para os quais (ou um dos quais) o autor precisará da fiança do leitor. Ou, ainda, entre o que é escrito no texto e o próprio ato de escrevê-lo.

Continuemos. Desse terceiro elemento levantado por Freud, o destaque dado será relativo a traços, dos povos primitivos (e – de maneira análoga – das crianças), que dizem respeito a *atitudes* frente ao mundo externo e que podem ser remetidos à *megalomania*:

Encontramos neles traços que, isoladamente, *podem ser atribuídos à megalomania*: uma superestimação do poder de seus desejos e atos psíquicos, a “onipotência dos pensamentos”, uma crença na força mágica das palavras, uma técnica de lidar com o mundo externo, a “magia”, que aparece como aplicação coerente dessas grandiosas premissas. Esperamos encontrar uma *atitude análoga* face ao mundo externo nas crianças de nossa época, cujo desenvolvimento é para nós mais impenetrável (Freud, 1914/2010, pp.16-17, grifo nosso).

Mais uma vez, o argumento centra-se na descrição de um *comportamento*. Mas, além disso, verifica-se que é pela megalomania que novamente se busca argumentos para falar daquilo que justifica o narcisismo... Essa característica da esquizofrenia vai assumindo posição central (*estratégica?*) no desenvolvimento do texto.

Logo em seguida, finalmente chegamos à frase paradigmática do texto, que dá contorno à conceitualização do narcisismo:

Formamos assim a idéia de um originário investimento libidinal *do* Eu, de que algo é depois cedido aos objetos, mas que *persiste fundamentalmente*, relacionando-se aos investimentos de objeto como o corpo de uma ameba aos pseudópodes que dele avançam (Freud, 1914/2010, p. 17, grifo nosso).

Imediatamente somos convocados a pensar dois elementos. Em primeiro lugar, o caráter ambíguo da palavra “do” (“investimento libidinal *do* Eu”): diz ao mesmo tempo de um investimento que o Eu faz e de um investimento feito no Eu (pois, no modo como o texto é construído, a ideia de uma localização da libido é recorrente e “permite” essa ambiguidade). Em segundo lugar, o caráter de persistência fundamental desse investimento: ele assim o designa de modo a colocá-lo como suporte para toda relação com objetos, como condição de possibilidade das relações objetais; isso é atestado pela metáfora da ameba. O que se produz? Um modo de conceber o narcisismo como *condição de relação* (Guirado, 2010), em que investimentos *feitos no Eu* são constitutivos dos investimentos *feitos pelo Eu* em objetos.

Antes de construirmos mais alguma conclusão a partir desses elementos, sigamos a direção argumentativa de Freud:

Essa parte da *alocação da libido* ficou inicialmente oculta para nossa pesquisa, cujo ponto de partida eram os sintomas neuróticos. Notamos apenas *emanações dessa libido*, os investimentos de objeto que podem ser avançados e novamente recuados. Enxergamos também, em largos traços, uma *oposição* entre *libido do Eu e libido de objeto*. Quanto mais se emprega uma, mais empobrece a outra. A mais elevada fase de desenvolvimento a que chega esta última aparece como estado de enamoramento; ele se nos apresenta como um abandono da própria personalidade em favor do investimento de objeto, e tem seu contrário na fantasia (ou autopercepção) de fim do mundo dos paranóicos (Freud, 1914/2010, pp. 17-18, grifo nosso).

Prontamente o argumento volta a girar em torno dos movimentos de localização da libido (“*alocação*”). Nesse sentido e mais além, o próprio sintoma neurótico passa a ser incluído nesse modo de pensar, na medida em que é caracterizado como efeito das “*emanações dessa libido*” (Freud, 1914/2010, p. 17): efeito do movimento, da direção da libido. O uso do demonstrativo também é significativo: *dessa* libido? Haveria outra *substancialmente* diferente? No limite, isso não importaria. O demonstrativo marca para o conceito uma ambiguidade em torno de seu conteúdo, colocando em relevo o substantivo “*emanações*”, que dá ao conceito foco para o destino, o movimento, a localização da libido. Isso é corroborado logo à frente, uma vez que as locuções adjetivas usadas para qualificar libido não se referem ao seu conteúdo, e sim aos lugares onde pode estar ou à direção que pode tomar: *libido de objeto, libido do Eu*.

A relação diretamente proporcional estabelecida entre emprego e empobrecimento de cada uma “*dessas*” libidos (“*oposição entre libido do Eu e libido de objeto*”) aponta para uma ideia de fluxo de investimento, movimento da libido entre Eu e objeto. A exemplificação pelos extremos feita pelo autor ilustra essa consideração. O trecho citado acima termina com uma nota de rodapé, importante para o que estamos desenvolvendo: “Há dois mecanismos desse “fim do mundo”: quando todo investimento libidinal flui para o objeto amado e quando todo ele reflui para o Eu” (Freud, 1914/2010, p. 18, nota 5). A composição de um raciocínio explicativo (“*mecanismos*”) é aqui sustentada pela noção de movimento da libido, implicada na formulação do narcisismo.

Como o autor conclui toda essa argumentação? Podemos dizer que é de modo curioso, na medida em que passa a falar da *qualidade* das energias psíquicas:

Por fim concluímos, *quanto à diferenciação das energias psíquicas*, que inicialmente estão juntas no *estado do narcisismo*, sendo indistinguíveis para a nossa grosseira análise, e que apenas com o investimento de objeto se torna possível distinguir uma energia sexual, a libido, de uma energia dos instintos do Eu (Freud, 1914/2010, p. 18, grifo nosso).

Freud termina sua argumentação distante dela própria, ou pelo menos dos caminhos percorridos por ela até então. Desliza para duas novas suposições teóricas, apresentadas como já demonstradas. Primeiramente, afirmar o narcisismo como um *estado* (esse vinha, até este ponto, sempre referido a um comportamento). Depois, formular dois tipos de energia psíquica (a proveniente da pulsão<sup>18</sup> sexual – libido – e a das pulsões do Eu), juntos e indistinguíveis nesse estado. O autor desloca a discussão do plano da direção (movimento) e da localização da libido, do investimento originário de libido no Eu como condição de relação, para o plano da qualidade da pulsão. O que se mostra interessante é que por esse novo salto teórico, que tenta combinar (e naturalizar) sem demonstração o que vem sendo dito no texto com uma teoria das pulsões prévia, tomam forma as diferenças entre esses modos de pensar. A partir disso, tendo em vista os elementos que nossa análise destacou até o momento, talvez possamos afirmar como de fato o que é apresentado nesse texto é algo distinto, uma “*outra*” teoria das pulsões, como o tem afirmado Guirado (2010) e como o próprio Freud o sugere mais tarde, em *O mal estar na civilização* (Freud, 1930/2010, p. 85). Verifiquemos se, no decorrer de nossa análise, mais elementos confirmarão ou não essa hipótese.

Precisamente nesse momento do texto Freud interrompe suas elaborações específicas em relação ao narcisismo e inicia uma longa discussão que só será encerrada ao final do capítulo. Tal discussão gira em torno de duas perguntas, introduzidas da seguinte forma: “Antes de prosseguirmos, *devo* tocar em duas questões que nos levam ao centro das dificuldades do tema” (Freud, 1914/2010, p. 18). Quebra no discurso, sujeito da enunciação em primeira pessoa do singular. Talvez possamos conjecturar que, do que será apresentado a partir desse ponto, a tensão do contexto de produção (suposta por nós acima) fique cada vez mais palpável. Até o fim desse *outro* debate, haverá constante alternância<sup>19</sup> entre sujeitos da enunciação nas orações, o que apontaremos quando necessário.

Trabalharemos separadamente com cada uma das questões. “Primeira: que relação há entre narcisismo, de que agora tratamos, e o autoerotismo, que descrevemos como um estágio

<sup>18</sup> Como discorreremos no item 4 do capítulo III deste trabalho (“Sobre os procedimentos de análise”), a tradução do alemão “*trieb*” até hoje é tema de discussão. A edição por nós escolhida do texto freudiano traduz o termo por *instinto*. No entanto, apenas a título de convenção (e de acordo com a tendência atual), usaremos no nosso texto a tradução proposta por Laplanche: *pulsão*.

<sup>19</sup> Esta alternância pode mostrar-se, de acordo com nossas suposições, como efeito da tensão do contexto de produção do texto.

inicial da libido?” (Freud, 1914/2010, p. 18). Gerada internamente pelo próprio entrelaçamento conceitual da teoria, ou melhor, pelo encontro (*choque?*) entre a já constituída teoria e os novos elementos apresentados nesse texto, essa questão se configura teórica. A resposta, na mesma direção, também é teórica, construída sob três pressupostos, entre os quais apenas um é anunciado como tal (“*suposição necessária*”):

Sobre a primeira questão, observo o seguinte: é uma *suposição necessária*, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; *o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo* (Freud, 1914/2010, pp. 18-19, grifo nosso).

Três pressupostos, pelos quais são dispostos os “fatos” que evidenciaríamos uma solução: o fato de que o Eu *tem* que ser desenvolvido, de que os instintos autoeróticos *são* primordiais, de que *deve haver* uma nova ação psíquica que se acrescenta ao autoerotismo para que se forme o narcisismo. Desenvolvimento do Eu e formação do narcisismo são colocados quase que em correspondência. Mas o autor não discorre efetivamente sobre a relação entre autoerotismo e narcisismo. Apenas sugere que *há* uma relação. Logo, a pergunta, em si, não recebe resposta.

Nessa perspectiva, é digno de nota como são dispensadas poucas palavras para essa discussão. Sem grandes explicações ou longas inferências metapsicologias, é no apontamento de uma relação causal entre pressupostos que a questão é “resolvida”. Se com as aspas, que aqui usamos, visamos a suspender o sentido da palavra *resolvida*, isso o é precisamente num sentido análogo ao modo como Freud trabalha a pergunta por ele mesmo criada: *suspendendo-a*. “Antes de prosseguirmos, devo tocar em *duas questões que nos levam ao centro das dificuldades do tema*” (Freud, 1914/2010, p. 18)... Se essa primeira questão oferecia dificuldades, o autor mais parece tê-la dispensado. Partamos, então, para a próxima.

Segunda: *se* admitimos para o Eu um investimento primário com libido, *por que* é necessário separar uma libido sexual de uma energia não sexual dos instintos do Eu? Postular uma única energia psíquica *não pouparia* todas as dificuldades da separação entre energia dos instintos do Eu e libido do Eu, libido do Eu e libido de objeto? (Freud, 1914/2010, p. 18, grifo nosso).

Duas perguntas são aqui lançadas ao leitor, e o modo como são construídas é relevante. Verificamos que a montagem da primeira é feita pelo uso de uma condicional que

parece colocar em *oposição* os conteúdos da oração principal e da subordinada... *Se* pensamos o narcisismo primário (libido no Eu), *por que* continuar pensando as separações definidas pela primeira teoria das pulsões (“*libido sexual*” e “*energia não sexual dos instintos do Eu*”)? Em decorrência da primeira, a segunda pergunta cria uma hipótese pelo uso do futuro do pretérito... *Não pouparia* dificuldades pensar uma única energia psíquica? Ademais, é pertinente ressaltar como essas perguntas não parecem ter um enunciador definido: podem ser de Freud (ou de qualquer outro psicanalista), mas também poderiam ser de qualquer contestador da metapsicologia freudiana. É como se Freud supusesse aqui um interlocutor crítico da primeira teoria das pulsões, que inclusive encontraria nos elementos desenvolvidos nesse texto os argumentos necessários para corroborar sua crítica. O autor encena no texto uma diferença de opiniões possíveis, dotando o assunto de um caráter “litigioso”.

O que isso mostra? Dois aspectos saltam aos olhos. Pela oposição criada na primeira pergunta, parece se configurar uma tensão entre o narcisismo e a primeira teoria das pulsões. Aquilo que é produzido no texto assume um lugar de fissura em relação ao que aparece como elementos já estabelecidos e solidificados da teoria psicanalítica até então desenvolvida, em especial no que se refere à metapsicologia das pulsões. Isso se reflete na segunda pergunta, que por hipótese sugere uma reorganização completa de suas especulações, muito embora o autor desenvolva a argumentação (no decorrer do texto) de modo a desafiá-la. Interessa-nos, aqui, que o estopim que produz todo esse movimento argumentativo freudiano surja exatamente por efeito do confronto entre o que é escrito nesse texto e o que foi escrito em outros... “Antes de prosseguirmos, devo tocar em duas questões *que nos levam ao centro das dificuldades do tema*” (Freud, 1914/2010, p. 18)... Talvez seja aqui que efetivamente se situem tais dificuldades: uma mudança na teoria das pulsões efetivamente se anuncia (Guirado, 2010), e por ele mesmo, em meio a denegações, ou melhor, contrariedades.

Outro aspecto que nos chama à reflexão situa-se no conteúdo dessa “cena” montada por Freud que prepara sua argumentação e pela qual ele defenderá seu ponto de vista. Em seu âmago, o que está posto como questão? Sem dúvida, o tema da diferenciação ou não de energias psíquicas. A centralidade e importância da temática são cruciais, haja vista que toda metapsicologia psicanalítica vinha, até esse ponto, pautada no jogo de relações, por vezes conflituoso, entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação/pulsões do Eu. Seria então um perigo para o edifício metapsicológico essa ideia do narcisismo, que fez Freud introduzir uma hipótese sobre uma única energia psíquica e em relação à qual se esforçará até o final do capítulo em “refutá-la”? Até certo ponto sim, e o próprio texto diz disso. Contudo, sem nos preocuparmos tanto com o drama *dualidade pulsional x monismo*, o que mais nos interessa

nessa discussão é *o lugar paradoxal que o narcisismo assume*. Temos indícios disso na relação entre a primeira e a segunda pergunta do fragmento acima citado: é o *investimento primário de libido no Eu* que induz a hipótese a ser “refutada” sobre a consideração de uma única energia psíquica; ou seja, é na erotização do Eu (Guirado, 2010) que se situa tanto o problema como, ao mesmo tempo, a solução do tema que motiva a produção desse texto. Ainda não temos elementos suficientes para dar continuidade a essa linha de pensamento; portanto, deixemos mais esse ponto em pendência a ser verificada no decorrer da análise do capítulo.

Voltemos ao texto. Freud responderá a segunda questão de maneira peculiar, preparando cautelosamente o terreno de seus argumentos. A transcrição abaixo, embora longa, é feita precisamente para ressaltar o preâmbulo que se faz anteceder à resposta da questão:

A solicitação para que dê uma resposta definitiva à segunda questão deve suscitar em todo psicanalista um perceptível mal-estar. Não nos sentimos bem ao abandonar a observação em favor de estéreis disputas teóricas, *mas* não podemos nos furtar a uma tentativa de esclarecimento. É certo que noções como a de uma libido do Eu, energia dos instintos do Eu e assim por diante não são particularmente ricas de conteúdo; uma teoria especulativa das relações em jogo procuraria antes de tudo obter um conceito nitidamente circunscrito como fundamento. *Acredito*, no entanto, ser justamente essa a *diferença* entre uma teoria especulativa e uma ciência edificada sobre a interpretação da empiria. Esta não invejará à especulação o privilégio de uma fundamentação limpa, logicamente inatacável, *mas* de bom grado se contentará com pensamentos básicos nebulosos, dificilmente imagináveis, os quais espera apreender de modo mais claro no curso de seu desenvolvimento, e está disposta a eventualmente trocar por outros. *Pois essas ideias não são o fundamento da ciência, sobre o qual tudo repousa; tal fundamento é apenas a observação*. Elas não são a parte inferior, *mas* o topo da construção inteira, podendo ser *substituídas* e *afastadas* sem prejuízo (Freud, 1914/2010, p. 19, grifo nosso).

Em certa medida, a tensão por nós apontada se faz sentir nesse jogo de cautela e justificativa. Os movimentos na argumentação são marcados por oposições: a preposição adversativa “*mas*” é recorrente e dá tonalidade para o argumento, cuja força repousa na diferenciação... Há relutância em abandonar a observação e entrar em disputas teóricas, *mas* é preciso fazê-lo... Uma teoria especulativa busca um conceito bem circunscrito e uma fundamentação impecável, *mas* uma ciência da empiria se contenta com pensamentos básicos nebulosos, substituíveis... Essas ideias são o topo da construção teórica, *mas* seu fundamento primeiro e último é a observação... É relevante o acento que é dado à diferenciação entre

especulação e observação, com um elogio à observação (“*não invejará à especulação*”; “*tal fundamento é apenas a observação*”), exatamente em um texto teórico, metapsicológico, “especulativo”. No limite, poderíamos propor a montagem de uma cena para esse momento do texto que, na relação entre esse parágrafo e tudo o que já foi dito até esse ponto, circunscreve-se na seguinte sentença: “Escrevo justificadamente sobre a introdução de um novo conceito, mas lembremos que tudo que foi, é e será dito sobre essas ideias não é o fundamento da psicanálise”. Num só golpe, *é relativizada e ao mesmo tempo ratificada a metapsicologia*. E nesse âmbito argumentativo reaparece, no meio do parágrafo, o sujeito em primeira pessoa do singular (“*Acredito*”).

Freud termina esse preâmbulo comparando a psicanálise com a Física, no que se refere às suas concepções básicas como problemáticas (Freud, 1914/2010, pp. 19-20). No traçado desse paralelo entre a psicanálise e uma ciência exata, o autor desloca a força de sua argumentação, antes pautada na diferenciação, para a analogia. É criada como que uma relação por decorrência: se a Física, com seus problemas, é ciência, a psicanálise, com problemas análogos, também o é. Relativização da ciência ou recurso argumentativo de justificação da psicanálise como ciência? Provavelmente o segundo ponto; contudo, o primeiro surge como efeito dessa abertura no discurso.

Quando Freud finalmente inicia sua resposta, chama a atenção o fato de que os elementos primeiramente desenvolvidos aqui são exatamente aqueles introduzidos (produzidos) nesse texto – os conceitos de libido do Eu e libido de objeto:

O valor dos conceitos de libido do Eu e libido de objeto *está em que derivam* da elaboração de características íntimas dos processos neuróticos e psicóticos. A distinção entre *uma libido que é própria do Eu* e *uma que se atém aos objetos* constitui o inevitável prosseguimento de uma primeira hipótese, que separava instintos sexuais e instintos do Eu. Pelo menos *a isso me levou a análise das puras neuroses de transferência* (histeria e neurose obsessiva), e sei apenas que todas as tentativas de prestar contas a tais fenômenos por outros meios fracassaram radicalmente (Freud, 1914/2010, p. 20, grifo nosso).

Em coerência com a questão levantada, busca justificar o *valor* de tais conceitos. Como? Ressaltando o lugar de onde derivam. De que lugar? Da clínica (e não da metapsicologia)! Com a elaboração (*teórica?*) de características dos processos neuróticos e psicóticos pela análise das neuroses de transferência. Em outras palavras, seu valor advém da observação da clínica que suscitou a produção de inferências e a construção desses conceitos. Coerente com todo o preâmbulo que antecedeu esse parágrafo? Pelo menos é o que a análise

“mostra”, independente de uma coerência intencionada naquilo que é proposto pelo autor. O que é mostrado é exatamente que *numa tensão entre o dado e a interpretação também os conceitos se justificam, paradoxalmente, como naturais e relativos.*

Além disso, analisemos mais atentamente a segunda frase do extrato. Ela é interessante na medida em que sugere a tensão entre as duas hipóteses que tentam ser aproximadas: o narcisismo e a primeira teoria das pulsões. O uso dos artigos indefinidos (“*uma*”) pode sugerir uma diferenciação substancial das “libidos”; é isso que, talvez, se colocaria em consonância (“*inevitável prosseguimento*”) com a diferenciação substancial das pulsões (“*instintos sexuais e instintos do Eu*”). Mas, do mesmo modo que notamos acima (vide p. 48), isso fica em segundo plano: pelas orações subordinadas adjetivas restritivas referentes ao substantivo *libido* (“*que é própria do Eu*”; “*que se atém a objetos*”) caracteriza-se a diferenciação por *localização e pertença*. São duas hipóteses cujo contorno é distinto e, portanto, parecem ser em si diferentes; se é exagero descrevê-las como mais divergentes do que convergentes, no mínimo pode-se dizer que têm efeitos diversos sobre o raciocínio clínico (Guirado, 2010).

A resposta de Freud, porém, continua no parágrafo seguinte, agora focada na justificativa da diferenciação das energias psíquicas, pela hipótese da diferenciação das pulsões em sexuais e do Eu. O parágrafo é denso e, portanto, dos pontos que serão levantados, atentemos para cada um. O primeiro aspecto ressaltado pelo autor em favor da hipótese é sua utilidade para a análise das neuroses. Uma utilidade que Freud não explica, não descreve, não desenvolve... Útil como? Para quê? Não sabemos, apenas é apontado que *é útil*:

Dada a completa ausência de uma teoria dos instintos que de algum modo nos orientasse, é lícito, ou melhor, é imperioso experimentar alguma hipótese de maneira consequente, até que falhe ou se confirme. Há vários pontos em favor da hipótese de uma diferenciação original entre instintos sexuais e instintos do Eu, além de sua *utilidade* para a análise das neuroses de transferência. *Admito* que *somente* esse fator *não seria inequívoco, pois poderia ser o caso de uma energia psíquica indiferente, que apenas com o ato do investimento de objeto se torna libido* (Freud, 1914/2010, p. 20, grifo nosso).

Exatamente no interior de uma argumentação que tentará justificar sua suposição, ele inicia pelo ponto que, por si só, não a sustenta completamente (“*não seria inequívoco*”). Até admite o fato, em primeira pessoa (“*Admito*”). O verbo “admitir” parece pressupor que há algo a ser contestado. Por tal, no mesmo sentido do que destacamos acima (vide p. 51), é como se voltasse aqui a ideia de que há, na montagem do discurso freudiano, um suposto



interlocutor que é crítico da primeira teoria das pulsões (“*hipótese de uma diferenciação original entre instintos sexuais e instintos do Eu*”); e no presente momento do texto, crítico da “utilidade” dessa teoria. Esse interlocutor ganha força, à medida que Freud assume lugar explícito na interlocução, admitindo ou reconhecendo a justeza da crítica. Por esse caminho, é importante destacar um fragmento do último período do extrato acima citado: “[...], pois poderia ser o caso de uma energia psíquica indiferente, que apenas com o ato de investimento de objeto se torna libido”. Pelo contexto das ideias desenvolvida por Freud, é possível dizer que essa afirmação não corresponde ao ponto de vista freudiano; mas, ao mesmo tempo, não é possível dizer que a afirmação é de total responsabilidade daquele “suposto interlocutor crítico”, já que é Freud quem afirma. Destacamos, então, que nesse fragmento é possível reconhecer algo que se aproxima do *discurso indireto livre*, em que duas vozes parecem se misturar, a responsabilidade pelo que é escrito não é facilmente atribuível a nenhuma delas (nem à de Freud, nem à de seu suposto interlocutor) e o que efetivamente aparece no discurso é a *discordância* entre elas (Maingueneau em Guirado, 2000, p. 50). O discurso, enquanto se abre, se opacifica. Aqui está mais uma pista que corrobora a ideia de que a introdução (produção) desse conceito se faz em meio a tensões.

Freud, no entanto, dá prosseguimento ao parágrafo destacando três pontos a favor de sua hipótese (“*diferenciação original entre instintos sexuais e instintos do Eu*”). O primeiro é contundente: “*Mas essa distinção conceitual corresponde, primeiro, à separação popular tão corriqueira entre fome e amor*” (Freud, 1914/2010, p. 20, grifo nosso). Simples e direto, o argumento diz de um modo de produzir conhecimento por correspondência. O conhecimento popular (“*separação popular*”) assume aqui lugar ativo no escopo da produção de verdades no discurso freudiano. Se, “como popularmente se entende”, fome e amor são diferentes, um remetendo mais ao Eu e o outro mais à relação de objeto, por que não trabalhar com uma hipótese que seja análoga a essa diferenciação? O saber psicanalítico como que “conversa” com o saber popular, e apesar de (ou pelo) seu caráter vago e indeterminado, a correspondência analógica parece promover apoio para a hipótese. Mas a “conversa” continua, agora com um outro saber (o *biológico*), e Freud desenvolve o segundo ponto a favor de sua hipótese:

Em segundo lugar, considerações *biológicas* se fazem valer em seu favor. O indivíduo tem de fato dupla existência, como fim em si mesmo e como elo de uma corrente, à qual serve contra – ou, de todo modo, sem – a sua vontade. Ele vê a sexualidade mesma como um de seus propósitos, enquanto uma outra reflexão mostra que ele é tão somente um apêndice de seu plasma germinal, à disposição do qual ele coloca suas forças, em

troca de um bônus de prazer – o depositário mortal de uma (talvez) imortal substância, como um morgado, que possui temporariamente a instituição que a ele sobrevive. A distinção entre instintos sexuais e do Eu apenas refletiria essa dupla função do indivíduo (Freud, 1914/2010, pp. 20-21, grifo do autor).

Esse argumento, por ser declaradamente biológico, assume lugar relevante na tentativa de justificação da hipótese do autor, uma vez que esta se escora essencialmente na Biologia, como ele mesmo admitirá no parágrafo seguinte<sup>20</sup>, abertamente e em primeira pessoa. No entanto, é estranhamente inócuo. Construída sobre uma noção de indivíduo definido por uma dupla existência (em relação à qual a distinção hipotética das pulsões seria um *reflexo*), toda a argumentação é sustentada pelo ponto de vista biológico da dupla função do indivíduo no que tange sua *sexualidade*. No jogo estabelecido pela lógica "fim em si mesmo – elo de uma cadeia", parece que a suposição de uma “*distinção entre instintos*” coloca-se dentro do campo da sexualidade, o que não parece falar a favor de uma distinção “substancial” (ou seja, energias psíquicas qualitativamente diferentes) entre pulsões sexuais e do Eu.

No terceiro e último ponto desenvolvido, Freud como que muda a estratégia de sua argumentação. No lugar de justificar sua hipótese no que se refere ao seu conteúdo, o autor desloca o foco do argumento para o caráter provisório da mesma, determinado pela sua falta de alicerces orgânicos:

Em terceiro lugar é preciso não esquecer que todas as nossas concepções provisórias em psicologia devem ser, um dia, baseadas em alicerces orgânicos. Isso torna provável que sejam substâncias e processos químicos especiais que levem a efeito as operações da sexualidade e proporcionem a continuação da vida individual naquela espécie. *Tal probabilidade levamos em conta ao trocar as substâncias químicas especiais por forças psíquicas especiais* (Freud, 1914/2010, p. 21, grifo nosso).

De modo curioso, o autor furta-se da necessidade de justificar sua hipótese ao entregar para a “química” a probabilidade de existência de substâncias e processos especiais que colocariam um ponto final à questão; e, simultaneamente, é pela própria consideração dessa probabilidade que se confere validade para a suposição de forças psíquicas especiais. Paradoxalmente, o autor ratifica sua hipótese no movimento de não justificá-la.

<sup>20</sup> “Precisamente porque em geral me esforço para manter longe da psicologia tudo o que dela é diferente, inclusive o pensamento biológico, quero neste ponto *admitir* expressamente que *a hipótese de instintos sexuais e do Eu separados, ou seja, a teoria da libido, repousa minimamente sobre base psicológica, escorando-se essencialmente na biologia. Então serei consistente o bastante para descartar essa hipótese, se a partir do trabalho psicanalítico mesmo avultar outra suposição, mais aproveitável, acerca dos instintos.* Até agora isso não ocorreu.” (Freud, 1914/2010, p. 21, grifo nosso).

É importante abrir aqui um pequeno parêntese e destacar um interessante aspecto da argumentação freudiana. Os três pontos desenvolvidos no sentido de corroborar a validade ou pertinência da hipótese da diferenciação original entre pulsões sexuais e pulsões do Eu são construídos como *diálogos* com outros conhecimentos. A hipótese se justifica como correspondente a um saber popular, como reflexo de um saber biológico, como prelúdio provisório (e provável) de um saber orgânico-químico. É como se a hipótese, no âmbito dessa argumentação freudiana, se sustentasse mais pelo diz de outros saberes do que pelo que diz do próprio saber psicanalítico. Entretanto, quando discorreu sobre o valor dos conceitos de libido do Eu e libido de objeto (eminentemente implicados na formulação do narcisismo), o cerne da argumentação de Freud era outro: a clínica. Ora, o escopo de justificativas dessas duas teorias (primeira teoria das pulsões e narcisismo) parece distinto. O próprio discurso freudiano vai, no modo como esse texto é produzido, afastando as duas teorias ao mesmo tempo em que tenta aproximá-las e combiná-las. Com essa consideração, fechamos o parêntese.

Para todo esse caminho argumentativo, Freud dá a conclusão que se segue:

*Pode ser que – em seu fundamento primeiro e em última instância – a energia sexual, a libido, seja apenas o produto de uma diferenciação da energia que atua normalmente na psique. Mas tal afirmação não tem muito alcance. Diz respeito a coisas tão remotas dos problemas de nossa observação e de que possuímos tão escasso conhecimento, que é ocioso tanto combatê-la quanto utilizá-la; possivelmente essa identidade primeva tem tão pouco a ver com nossos interesses psicanalíticos quanto o parentesco primordial de todas as raças humanas tem a ver com a prova de que se é parente do testador, exigida para a transmissão legal da herança. Não chegamos a nada com essas especulações* (Freud, 1914/2010, pp. 21-22, grifo nosso).

A primeira oração do extrato parece sugerir, novamente, o aparecimento de algo que se aproxima do discurso indireto livre, já que o autor faz uma afirmação (mesmo que hipotética) que, pelo contexto, sabemos que não é seu ponto de vista: uma *discordância* fica aparente. Contudo, a segunda oração do extrato prontamente se opõe à primeira. Assim, talvez seja mais pertinente afirmar que aqui é feito uso de um recurso argumentativo subversivo: ele admite a possibilidade da hipótese que não subscreve (uma única energia psíquica) para logo em seguida desqualificá-la, e isso de modo contundente. Freud diz que é ocioso combatê-la, mas, em alguma medida, toda essa desqualificação *faz* um combate, ainda que “velado”, daquela hipótese (outra “afirmação negada” no discurso?). Aquele interlocutor crítico, que supusemos na montagem do discurso freudiano e que ganhara alguma força no decorrer do texto, recebe aqui um forte golpe. Com isso, Freud antecipa a discussão/disputa que será

desenvolvida/travada no parágrafo seguinte, último do capítulo, colocando desde já o leitor ao seu lado... E a conclusão prossegue:

Como não podemos esperar até que uma *outra* ciência nos *presenteie* as conclusões finais sobre a teoria dos instintos, é bem mais adequado procurarmos ver *que luz pode ser lançada sobre esses enigmas biológicos fundamentais por uma síntese dos fenômenos psicológicos*. Estejamos *cientes da possibilidade de erro*, mas não deixemos de levar adiante, de maneira conseqüente, a primeira hipótese mencionada de uma oposição entre instintos sexuais e do Eu, *que se nos impôs através da análise das neuroses de transferência*, verificando *se ela evolui de modo fecundo e livre de contradições e se pode aplicar-se também a outras afecções, à esquizofrenia, por exemplo* (Freud, 1914/2010, p. 22, grifo nosso).

Com a ironia de um pensador que luta pela defesa da psicanálise como uma ciência independente, sutilmente configura-lhe uma especificidade nesse diálogo com outras ciências: é pela psicologia (ou pela leitura psicanalítica dos fenômenos psicológicos) que poderão ser “desvendadas” algumas lacunas da biologia. Reforça-se aqui a relação do saber psicanalítico com o saber biológico, mas (por uma espécie de inversão) o primeiro ganha legitimidade ao se impor sobre segundo. E nesse percurso argumentativo (talvez retórico) de Freud, sua hipótese da oposição entre pulsões sexuais e do Eu assenta-se como válida. Ele até admite a possibilidade de erro, mas subseqüentemente a minimiza: as suposições *podem* estar erradas, *porém, lembrem-se*, elas foram “*impostas*” pela experiência clínica. Suposições essas submetidas a uma concepção de ciência/teoria que se desenha no final do extrato acima: sua evolução deve ser verificada como produtiva e sem contradições, de modo a poderem ser generalizadas.

É para esse aspecto de *generalização* que nos atentamos agora. Em si ele talvez não seja de grande destaque para nós, mas o seu papel na argumentação é central para refletirmos sobre tudo que foi e o que ainda será escrito nesse primeiro capítulo. Freud como que cria uma condição para o valor de sua hipótese: “verificando [...] *se pode aplicar-se a outras afecções*” (Freud, 1914/2010, p. 22, grifo nosso). Mas o exemplo que o autor dá, no extrato acima citado, de alguma outra afecção *é a esquizofrenia*. Não parece haver nada de aleatório nesse ponto: é por esse aspecto de generalização que a esquizofrenia é recolocada em cena na argumentação do autor. As perguntas que se seguem abaixo, “*impostas*” pela análise que fazemos, tentam dar conta de clarear a linha analítica que seguimos no momento.

*O que seria indispensável para a refutação da teoria da libido freudiana? O fato dela não ser aplicável a outras patologias que não as neuroses de transferência, por exemplo, a esquizofrenia.*

*Mas qual foi o principal argumento deste capítulo que justificou uma introdução ao narcisismo? No choque entre a teoria da libido e o que se sabe sobre a esquizofrenia, o trabalho com duas características dessa patologia: o abandono de interesse pelo mundo externo e, principalmente, a megalomania.*

*E qual foi o produto desse choque e desse trabalho? Uma “extensão” da teoria da libido (pela formalização do conceito de narcisismo), agora já aplicável também a essa afecção.*

Essas perguntas buscam, em algum grau, organizar o que o discurso freudiano mostra a respeito daquilo que motiva a produção desse texto. Seguindo essa linha de pensamento, partamos para o último parágrafo do capítulo, no qual Freud se dedicará a uma discussão específica e direta com um dos interlocutores centrais do texto: Jung. Todo argumento constrói-se como uma tentativa de desmontar a afirmação jungiana de que a teoria da libido teria fracassado na explicação da *esquizofrenia* e, por isso, não serviria mais como explicação para as outras neuroses. Nesse contexto, “moldura” e “tinta” do quadro da produção do texto, sigamos as palavras de Freud que introduzem essa discussão:

Naturalmente a situação seria outra, *caso se provasse que a teoria da libido já fracassou na explicação da última doença mencionada [esquizofrenia]. C. G. Jung fez tal afirmação, e obrigou-me assim a esta última discussão, que eu bem gostaria de ter evitado.* Teria preferido seguir até o final o curso tomado na análise do caso Schreber, silenciando a respeito de suas premissas (Freud, 1914/2010, pp. 22-23, grifo nosso).

Com essas palavras, o que poderíamos afirmar imediatamente? Que os elementos que caracterizam a discussão (teoria da libido e esquizofrenia) tornam seguro remeter, como vínhamos dando pista, o capítulo como um todo a essa interlocução com Jung. O contexto de produção desse texto se mostra, pelo discurso, marcado pela tensão dessa dissidência interna da instituição psicanalítica. E isso deixa sua marca no conceito de narcisismo. Este não apenas carrega, na sua produção, essa tensão do embate sobre a especificidade e os limites daquilo que pode ser considerado psicanalítico, mas também se posiciona num lugar de tensão dentro da própria teoria, como apontado em nossa análise. Nesse enlaçamento entre o “*ato de escrever*” e o “*escrito*”, as relações de poder na construção do conhecimento psicanalítico se tencionam, um conceito de narcisismo se configura, e o discurso freudiano, enquanto restringe, se prolifera.

Acompanhemos Freud em sua argumentação nesse último parágrafo do capítulo. Este será desenvolvido, quase na sua totalidade, em primeira pessoa do singular. Interlocação e autoria declaradas. No primeiro ponto levantado, o caráter sexual da libido é foco do debate:

A afirmação de Jung é no mínimo precipitada. Seus fundamentos são parcos. Primeiro ele invoca meu próprio testemunho, segundo o qual, devido às dificuldades da análise de Schreber, fui obrigado *a estender o conceito de libido, isto é, a abandonar seu conteúdo sexual*, identificando libido com interesse psíquico propriamente. O que se poderia dizer para corrigir tal equívoco de interpretação já foi dito por Ferenczi, numa sólida crítica ao trabalho de Jung. Resta-me apenas corroborar sua crítica e repetir que *não expressei tal renúncia à teoria da libido* (Freud, 1914/2010, p. 23, grifo nosso).

Freud é aqui assertivo, não abre mão do conteúdo sexual da libido e, inclusive, chama em seu auxílio outro autor da psicanálise (Ferenczi). É válido notar como se organiza o argumento. Em discurso indireto, dá voz a Jung, que teria dito que exatamente a psicose (paranóia) ofereceu as dificuldades que obrigaram Freud a “*estender o conceito de libido*” e “*abandonar seu conteúdo sexual*”. Os verbos usados aqui chamam a atenção, na medida em que a conclusão freudiana é: “*não expressei tal renúncia à teoria da libido*”. Ora, o modo como Freud escreve parece construir uma relação de implicação: estender o conceito de libido abandonando seu conteúdo sexual implica no abandono da própria teoria da libido.

Nesse sentido, toda essa introdução ao narcisismo parece fazer inflexão neste ponto: explicar a psicose sem abandonar o caráter sexual da libido (ou, nos termos freudianos, sem abandonar a própria teoria da libido). Como? Fazendo *uma extensão (pelo conceito de narcisismo) da teoria, mas de forma legítima*, como as palavras do próprio Freud indicam<sup>21</sup>. A afirmação de Jung perde legitimidade já neste primeiro ponto levantado pelo autor. Porém, ela mostra seu efeito: legitima a produção do conceito de narcisismo.

É pertinente, no entanto, relacionar essa discussão com outros elementos que nossa análise pode destacar. Freud, embora escreva o texto de modo a fazer uma “extensão” de sua teoria da libido, repetidamente busca combinar o que é escrito aqui com uma teoria prévia (primeira teoria das pulsões). Assim, nessa interlocação com Jung, outro motivo parece se configurar para a escritura desse texto: *não alterar sua teoria*. Entretanto, nossa análise permitiu destacar que o narcisismo, no modo como Freud o concebe, se mostra como uma teoria diferente, assumindo um lugar de tensão em relação a elementos já estabelecidos da

---

<sup>21</sup> “(...) que concorre para essa *extensão – legítima, ao que me parece – da teoria da libido (...)*” (Freud, 1914/2010, p.16, grifo nosso).

metapsicologia. Dando continuidade à linha de raciocínio indicada algumas páginas acima (vide p. 52), o narcisismo parece se colocar tanto como a solução do problema que leva Freud a produzir esse texto, como também o “problema” dessa mesma solução. Resta-nos, portanto, subscrever aquilo que já foi afirmado por Guirado (2010): nessa “extensão” de sua teoria, cuja condição de possibilidade se dá pelo embate com Jung, Freud não apenas mantém o caráter sexual da libido, como também *erotiza o Eu com libido*; e desse modo, ao escrever para não alterar sua teoria, escreve “outra”, uma vez que nessa erotização do Eu e do mundo (ou seja, no modo de pensar exigido pelo conceito de narcisismo) fica em segundo plano o conteúdo da pulsão e passa para o primeiro os efeitos de seus movimentos e sua localização. Uma *teoria das pulsões pelo narcisismo* (Guirado, 2010), se possível.

Continuemos a seguir o autor em seu debate com Jung. A afirmação deste último continua a receber duras críticas, e o segundo ponto desenvolvido por Freud diz respeito à forma como Jung produz um argumento específico:

Um outro argumento de Jung, segundo o qual não é concebível que a perda da normal função do real possa ser causada apenas pela retração da libido, não é um argumento, mas um decreto; *it begs the question*, antecipa a decisão e evita a discussão, pois o que deve ser investigado é justamente se e como isto é possível (Freud, 1914/2010, p. 23, grifo do autor).

Importa-nos aqui dois elementos dessa argumentação. Em primeiro lugar, o acento dado ao fato de que o argumento jungiano é um imperativo. É destacada sua impropriedade *como argumento* e, desse modo, também essa asserção de Jung perde legitimidade. No entanto, e em segundo lugar, atentemos para o que Freud descreve, em discurso indireto, do argumento jungiano: ser inconcebível *a perda da função do real apenas pela retração da libido*. O cerne da questão parece ser exatamente os efeitos do movimento da libido no psiquismo, o que, em grande medida, nossa análise pode considerar como um modo de pensar constitutivo da produção do próprio conceito de narcisismo nesse texto. Isso parece fornecer mais uma pista que corrobora o que afirmamos acima (vide p. 60): novamente, no mesmo movimento em que as afirmações de Jung perdem seu caráter de legítimas, elas conferem legitimidade à produção do conceito de narcisismo.

Freud dá prosseguimento ao debate e, diferentemente do que vinha fazendo, abandona o discurso indireto, substituindo-o por discurso direto – por esse recurso linguístico o autor se exime da responsabilidade do que é dito ao mesmo tempo em que dá mais credibilidade para o que diz das afirmações jungianas, impondo mais força argumentativa em sua “refutação”:

No seu trabalho grande seguinte, Jung passou ligeiramente ao lado da solução que eu havia indicado há muito: “Nisso deve-se considerar ainda – aliás, algo a que Freud se refere em seu trabalho acerca do caso Schreber – que a introversão da *libido sexualis* conduz a um investimento do ‘Eu’, mediante o qual possivelmente se produz o efeito da perda da realidade. Constitui de fato uma possibilidade tentadora explicar desse modo a psicologia da perda da realidade”. Mas ele não se detém muito nessa possibilidade. Algumas linhas adiante ele a dispensa, com a observação de que partindo dessa condição “se chegaria à psicologia de um anacoreta ascético, não a uma *dementia praecox*”. Uma comparação inadequada, que não leva a decisão alguma, como nos ensina a observação de que um tal anacoreta, que “se empenha em erradicar todo traço de desejo sexual” (mas apenas no sentido popular de termo “sexual”), não precisa mostrar sequer uma colocação patogênica da libido. Ele pode ter afastado inteiramente dos seres humanos o interesse sexual, sublimando-o num elevado interesse por coisas divinas, naturais, animais, sem haver experimentado uma introversão de sua libido a suas fantasias ou um retorno dela ao seu Eu. Parece que tal comparação despreza antecipadamente a distinção possível entre o interesse vindo de fontes eróticas e o de outras fontes (Freud, 1914/2010, pp. 23-24, grifo do autor).

A construção do argumento freudiano nesse estrato parece se configurar do mesmo modo como já destacamos nos dois extratos precedentes: uma afirmação de Jung é apresentada e subsequentemente deslegitimada. Mais: deslegitimada por considerações que fazem eco em pontos argumentativos relacionados à introdução do narcisismo – o conceito “expandido” de sexualidade (como vimos, é por este que o termo narcisismo é conduzido ao terreno do saber psicanalítico) e a atenção para os movimentos de localização da libido (“*colocação patogênica da libido*”). Nesse âmbito argumentativo, o autor, por imitação subversiva, volta a colocar o leitor ao seu lado (“*como nos ensina a observação*”), ratifica seu ponto de vista e relega às proposições jungianas a qualidade de inadequadas. O discurso parece, mais uma vez, mostrar que a produção/introdução do conceito de narcisismo se legitima enquanto deslegitima o discurso jungiano, num embate pela manutenção de uma especificidade do saber psicanalítico: a sexualidade.

Antes de concluirmos, sigamos as palavras de Freud que encerram o capítulo. Como quem conduz sua argumentação para um desfecho estratégico, o autor cria uma condição – lembrando ao leitor o fato de que a escola suíça (da qual Jung é representante privilegiado) não produziu explicações a respeito do mecanismo da psicose (“*dementia praecox*”) – que, somada às suas considerações anteriores, lhe permite declarar sua conclusão ao debate:



Se recordarmos também que as investigações da escola suíça, apesar de todo seu mérito, trouxeram luz apenas sobre dois pontos do quadro da *dementia praecox*, a existência de complexos achados tanto em pessoas sadias com em neuróticos e a similitude entre as suas construções fantasiosas e os mitos dos povos, mas de resto não conseguiram esclarecer o mecanismo da doença, então poderemos rechaçar a afirmação de Jung, segundo à qual a teoria da libido fracassou ao lidar com a *dementia praecox* e por isso está liquidada também para as outras neuroses (Freud, 1914/2010, p. 24, grifo do autor).

A afirmação jungiana é, portanto, reconhecida como falsa (“rechaçar”) e excluída do saber psicanalítico. Entretanto, notemos: a afirmação de Jung é reconhecida... Como falsa, como não legítima, mas é reconhecida no discurso. Foucault (1971/1996) aponta, acerca das disciplinas (um dos procedimentos internos de controle e delimitação do discurso que submete sua dimensão de acaso), que uma proposição, “antes de poder ser declarada como verdadeira ou falsa, deve encontrar-se, como diria M. Canguilhem, ‘no verdadeiro’.” (Foucault, 1971/1996, p. 34). Nesses termos, o discurso jungiano, pela própria pena de Freud, parece ser inserido no “campo do verdadeiro” do discurso psicanalítico, assumindo um lugar em seu escopo de produção de verdades (entre elas, o conceito de narcisismo), mesmo que pela sua exclusão. E a “disciplina” (discurso? instituição?) da psicanálise vai aqui se fazendo concreta, talvez não no terreno de sua prática clínica, mas no terreno de sua prática de produção escrita de conhecimento. E, com essa última consideração, talvez seja possível arriscar um pouco mais, retomando as ideias de Guirado (2010, pp. 124-125): o primeiro capítulo desse texto acaba mostrando, entre tensões e extensões, entre falso e verdadeiro, entre a especificidade de um saber e o monopólio de legitimidade de uma prática de produção de conhecimento, um *discurso que também parece marcar a psicanálise como instituição*<sup>22</sup>. Pelas palavras desta autora encerramos aqui a análise do primeiro capítulo:

[...] as rachaduras da e na comunidade discursiva se fazem acompanhar de escritos normativos (FREUD, 1912/1976) e teóricos (FREUD, 1914/1976) que, ao que tudo indica, fortalecem a psicanálise. Como relações de poder, tais normatizações sinalizam o jogo poder/resistência, sempre móvel, em que os caminhos da resistência se anunciam ora lá, ora cá, nos pólos dissidentes bem como naqueles, psicanalíticos, das origens. Recusar permanecer na psicanálise é uma saída produtiva, acionada pelo pólo que resiste às investidas contra a dissidência; do mesmo modo, escrever sobre os pontos postos em xeque pelo antagonista e, com isso, fazer acréscimos e modificações na teoria (ainda que inconfessas), é resistir e produzir (Guirado, 2010, p. 125).

<sup>22</sup> Guirado (2010), ao discorrer sobre os escritos técnicos de Freud, caracteriza-os como *o discurso que marca a psicanálise como instituição*.

## 2. Segundo capítulo: entre uma ideia e um fato, modos de pensar e verdades

Para que comecemos a análise do segundo capítulo do texto (Freud, 1914/2010, pp. 25-37), atentemos para o parágrafo que o inaugura. Ele dispõe os elementos que compõem o foco argumentativo do capítulo e também anuncia o modo como serão trabalhados. Ele, portanto, é crucial para já levantarmos alguns pontos que nos servirão de suporte para a análise do capítulo e, desse modo, seremos cuidadosos, detendo-nos nele demoradamente.

Freud, de imediato, propõe pensar as vias que permitem o acesso ao narcisismo e seu conhecimento:

Dificuldades especiais *me* parecem impedir um *estudo direto do narcisismo*. O *principal acesso a ele* continuará sendo provavelmente o *estudo das parafrenias*. Assim como as *neuroses de transferência nos possibilitaram rastrear os impulsos instintuais libidinais*, a *dementia praecox e a paranoia nos permitirão entender a psicologia do Eu*. Mais uma vez teremos que *descobrir, a partir dos exageros e distorções do patológico, o que é aparentemente simples no normal*. No entanto, para *nos aproximarmos do conhecimento do narcisismo, algumas vias continuam abertas para nós*, e são elas que *passo* agora a descrever: a consideração da *doença orgânica*, da *hipocondria* e da *vida amorosa dos sexos* (Freud, 1914/2010, p. 25, grifo nosso).

Queremos dar destaque aqui a quatro pontos.

Primeiro: podemos notar que esse parágrafo faz uma brusca passagem entre *o debate que encerrou o capítulo precedente* (que não era explicitamente voltado para o conceito de narcisismo) e *o tema do narcisismo*. Vínhamos acompanhando uma interlocução explícita e seus efeitos na configuração do discurso freudiano e, contudo, nos deparamos, logo no início desse segundo capítulo, com uma situação diferente, na qual uma interlocução não parece bem definida ou talvez, se não for exagero, parece exclusivamente interna ao discurso psicanalítico. De um âmbito discursivo passamos para outro, sem uma “ponte” ou relação imediatamente aparente, e *é dessa forma que o narcisismo é recolocado em cena*. Mais: esse mesmo parágrafo também parece fazer uma brusca passagem entre o *modo* como foi discutido o narcisismo na primeira parte do capítulo anterior e o *modo* como ele é colocado nesse momento. O autor se distancia de uma argumentação relativa à *pertinência da introdução de um novo conceito e sua justificativa* (como conduzida no capítulo anterior) e anuncia, neste primeiro parágrafo, uma argumentação que será relativa ao *conhecimento do narcisismo...* O discurso muda de feição e, em certa medida, é como se o conceito deixasse de ser um produto

teórico e passasse a ser objeto da realidade, passível de “*estudo*”, “*acesso*”, “*conhecimento*”. Os verbos utilizados não estão no futuro do pretérito (o que poderia indicar hipótese), mas estão no presente ou no futuro (“*continuará*”, “*permitirão*”, “*é*”, “*continuum*”) e conferem concretude para o que é descrito. Nesse princípio do segundo capítulo, o narcisismo não apenas é recolocado em cena num âmbito discursivo diverso, como também é colocado *como um fato*.

Segundo: podemos verificar uma alternância entre sujeitos da enunciação. Logo no primeiro período do extrato acima reconhecemos uma enunciação que aponta para a primeira pessoa do singular (“*me*”); em seguida, nos períodos subsequentes, é possível reconhecer uma enunciação em primeira pessoa do plural (“*nos possibilitaram*”, “*nos permitirão*”, “*teremos*”). No último período há até uma mistura (“*nos aproximarmos*”, “*para nós*”, “*passo*”). É curioso destacar que em nossa análise do primeiro capítulo também encontramos tal alternância ou mistura entre sujeitos da enunciação, e foi ressaltado como isso parecia anunciar uma quebra no discurso, uma tensão do contexto de produção do texto que marcava, entre oposições e cautelas, entre naturalizações e relativizações, entre “afirmações negadas” no discurso e imitações subversivas, uma disputa pela especificidade da construção do conhecimento psicanalítico; entretanto, neste primeiro parágrafo acima citado, *não encontramos nenhum indício no discurso que permita fazer afirmações analíticas semelhantes*. Pelo contrário. Uma tensão não parece estar presente. Neste momento do texto essa alternância parece constitutiva de um discurso mais “livre” e, ao mesmo tempo, mais fechado, principalmente pela dificuldade de aqui definir ou localizar mesmo que minimamente um interlocutor que seja exterior ao discurso que se reproduz. De certo modo relacionado com o que destacamos no ponto anterior, *é como se, em algum grau, a cena enunciativa se alterasse na passagem de um capítulo para o outro*.

Terceiro: como o narcisismo é (re)apresentado como um fato, o cerne do capítulo gira em torno dos *meios de acesso* a ele. Notemos que o caminho para o conhecimento do narcisismo *não é* direto: passa pelas parafrenias (investimento no Eu), divergindo das neuroses de transferência que permitem “rastrear” os impulsos libidinais (investimento em objetos). Novamente é dado destaque às parafrenias, um dos principais pólos argumentativos do primeiro capítulo e núcleo da justificativa do narcisismo. Mas parece haver uma peculiar inversão: se, num primeiro momento, as parafrenias constituíam “*um motivo premente*” (Freud, 1914/2010, p. 15, grifo nosso) para se ocupar com a *ideia*-narcisismo, agora elas se posicionam como situação privilegiada de estudo do *fato*-narcisismo. A diferença é sutil, mas relevante: da produção de uma ideia pela observação desliza-se para a concretude de um

“fato” observável. Atentemos também para o seguinte fragmento do extrato: “*Assim como as neuroses de transferência nos possibilitaram rastrear os impulsos instintuais libidinais, a dementia praecox e a paranoia nos permitirão entender a psicologia do Eu.*” (Freud, 1914/2010, p. 25, grifo nosso). Narcisismo é colocado como um elemento da psicologia do Eu e as parafrenias têm seu valor, para a pesquisa psicanalítica, equiparado ao das neuroses de transferência; mais além, é importante notar como o valor de pesquisa dado a essas afecções (parafrenias e neuroses de transferência) concentra-se naquilo que nelas encontra-se mais prejudicado (Guirado, 2010) – para rastrear os impulsos libidinais, estudemos os “problemas nas relações com objetos” das neuroses de transferência, e para entender a psicologia do Eu, estudemos os “problemas do Eu” nas psicoses. Isso é diretamente suportado pelo pressuposto da frase: “Mais uma vez teremos que descobrir, a partir dos exageros e distorções do patológico, o que é aparentemente simples no normal.” (Freud, 1914/2010, p. 25). *Mais uma vez, com efeito... É uma suposição teórica básica que retorna*<sup>23</sup> e dá contorno às afirmações precedentes; mais ainda, é uma suposição que modela o próprio método psicanalítico e desenha um modo de produção de conhecimento.

Quarto: se a questão são as vias de acesso ao narcisismo, Freud apresenta logo nesse primeiro parágrafo outras que não a parafrenia, cujos desenvolvimentos correspondem ao percurso a ser trilhado no capítulo. Novas vias que levam ao narcisismo por caminhos distintos daquele traçado pela parafrenia – vias que passam pelo *corpo* (doença orgânica e hipocondria) e pelas *relações de objeto* (vida amorosa), e que configurariam *outros modos* de investimento da libido no Eu.

Esses quatro pontos por nós levantados não visam a definir ou restringir as possibilidades de análise do segundo capítulo. Eles foram aqui apontados devido a um estranhamento nosso nessa passagem de um capítulo a outro e nos servirão apenas como um pano de fundo no decorrer da análise. Como foi feito com o primeiro capítulo, sigamos também nesse segundo, passo a passo, o desenrolar da argumentação freudiana.

Freud principia, já no segundo parágrafo, pelo seu estudo das doenças orgânicas. E, de partida, salta aos olhos como o motivo da introdução do tema da doença física é delegado a uma interlocução já declarada no primeiro capítulo. Ferenczi é repetidamente citado no texto freudiano (no presente caso, Freud se coloca em 1ª pessoa) e se posiciona, pelos diferentes contextos em que aparece, como uma interlocução (re)produtiva, como um “diálogo” sem

---

<sup>23</sup> A suposição de que se algo aparece na patologia isso fez, em algum momento, parte do desenvolvimento normal. Lembremos que ela teve papel importante na argumentação do primeiro capítulo que sustentou a hipótese do narcisismo primário.

embates ou tensões; na construção textual freudiana, esse “diálogo” parece configurar um *campo coeso de produção de verdades em psicanálise*, campo de trocas e proliferação do discurso psicanalítico:

*Sigo uma sugestão verbal de Sándor Ferenczi, ao apreciar a influência da enfermidade orgânica sobre a distribuição da libido. É algo sabido, e tomamos por evidente, que alguém que sofre de dor orgânica e más sensações abandona o interesse pelas coisas do mundo externo, na medida em que não dizem respeito ao seu sofrimento. Uma observação mais precisa mostra que ele também retira seu interesse libidinal de seus objetos amorosos, que cessa de amar enquanto sofre. A banalidade desse fato não pode nos dissuadir de lhe dar uma tradução em termos da teoria da libido. Diríamos então que o doente retira seus investimentos libidinais de volta para o Eu, enviando-os novamente para fora depois de curar-se. “No buraco de seu molar”, diz Wilhelm Busch do poeta que sofre de dor de dente, “se concentra sua alma”. Libido e interesse do Eu têm aí o mesmo destino e são de novo inseparáveis. O conhecido egoísmo dos doentes cobre ambos. Nós o achamos tão evidente porque estamos certos de comportarmo-nos igualmente nesses casos (Freud, 1914/2010, pp. 25-26, grifo nosso).*

É possível notar como o tratamento da temática que se apresenta no extrato é contíguo às elaborações do primeiro capítulo. Se a proposta é pensar a “*influência da enfermidade orgânica sobre a distribuição da libido*”, de que falamos então? Novamente, dos movimentos de direção e localização da libido (“*distribuição*”). Nesse momento, contudo, parece haver uma especificidade, que dá novo contorno à discussão, a saber, essa mobilidade e distribuição são colocadas como *passíveis de influência*, ganhando o *corpo* um lugar de destaque.

Tentemos destrinchar como se dá a construção do argumento freudiano. Pode-se distinguir nele dois movimentos complementares: um de observação e um de explicação. *O que se observa?* Por imitação subversiva, assim dividindo a responsabilidade da observação com o leitor e naturalizando-a (“*algo sabido*”, “*tomamos por evidente*”), Freud destaca que sensações dolorosas no corpo levam a um *abandono do interesse pelo mundo externo*. Dessa observação, já compartilhada por todos, desliza para outra (“*observação mais precisa*”), dada então como *fato* comprovado: há *também um abandono do interesse libidinal pelo mundo externo*. É interessante apontar como esses elementos destacados são correspondentes aos aspectos ressaltados em sua argumentação a respeito da esquizofrenia, no primeiro capítulo. Um mesmo *modo de pensar* é exercitado (aquele introduzido pela produção do conceito de narcisismo), fazendo o texto ecoar sobre si mesmo. Assim, a explicação subsequente não é arbitrária. *Como se explica esse fato?* Introduzida pela qualificação de sua pertinência (“*banalidade desse fato não pode nos dissuadir de lhe dar uma tradução em termos da teoria*

*da libido*”), a explicação segue o caminho que responderia à pergunta “Para onde foi a libido do doente?”<sup>24</sup>: há um retorno dos investimentos libidinais para o Eu. Ora, isso é o próprio *narcisismo secundário*, que explicou a megalomania, ou melhor, que foi construído pela interpretação freudiana da megalomania. Os próprios termos usados (“*retira*”, “*de volta para o Eu*”, “*enviando-os novamente para fora*”) são coerentes com o sentido construído no capítulo precedente: movimento, direção, localização da libido.

Também podemos notar o retorno da discussão da diferenciação de energias psíquicas – *libido e interesse do Eu*. Entretanto, não é exatamente uma discussão que retorna: a questão é dada como resolvida, embora também inserida sob a ótica ou o modo de pensar relativo ao narcisismo. *Há* duas energias psíquicas, que no “estado doente” têm o mesmo *destino* (movimento, localização) e estão juntas novamente.

Além disso, Freud qualifica o “*egoísmo dos doentes*” como *evidente* pela sua referência ao fato de qualquer pessoa ter certeza de que se comportaria igual na mesma situação. Freud “fala” pelo leitor (“*estamos certos de comportarmo-nos igualmente*”) e, assim, certifica seu ponto de vista, mas o que mais chama a atenção é que, mais uma vez, é feita referência a *um comportamento*. Se lembrarmos que a condução do termo narcisismo para o campo do saber psicanalítico apoiou-se, no primeiro capítulo, na observação de comportamentos descritos como narcísicos, podemos reconhecer no texto uma organização ou lógica argumentativa que se reproduz. Somemos a isso outra peculiaridade: até o momento, nessa discussão sobre a doença orgânica, a palavra *narcisismo* não apareceu nenhuma vez! Todos esses curiosos aspectos parecem não fazer correspondência ao modo como foi anunciado, no primeiro parágrafo desse segundo capítulo, o trabalho com o narcisismo. Isso como que produz uma sutil tensão dentro do próprio capítulo, uma vez que o discurso, até aqui, não mostra um *fato-narcisismo* que é “estudado”, “acessado”, mas sim uma *ideia-narcisismo* que opera um tipo de pensamento, descritivo e explicativo... E o discurso, mais uma vez, se abre. Talvez possamos conjecturar que, com a introdução do conceito de narcisismo nesse texto, o discurso freudiano mostra-se “maleável” no tocante à produção de verdades que configuram uma “substancialização” do psiquismo, recorrentemente abrindo brechas que dispõem tais verdades como um modo de pensar (*o psiquismo pela noção de movimento*).

Para finalizar sua discussão sobre a doença física, o autor como que corrobora seu ponto de vista ao apontar o uso humorístico que é feito do “*fato*” que acabou de descrever: “O

---

<sup>24</sup> Repete-se aqui o movimento argumentativo que, no primeiro capítulo, foi elaborado para pensar a esquizofrenia e a megalomania.

*fato* de mesmo a mais intensa disposição de amar desvanecer por causa de distúrbios físicos, sua repentina substituição pela completa indiferença, foi convenientemente explorado na arte do humor.” (Freud, 1914/2010, p. 26, grifo nosso). É como se tal uso do humor assumisse, indiretamente, o lugar de uma prova da justeza do que foi descrito. Contudo, notemos: justeza da *observação*, não necessariamente da *explicação*... E as *verdades da psicanálise* assumem, no mesmo ato em que se afirmam e como que pela indeterminação no modo como se afirmam, o lugar de *verdades possíveis pela psicanálise*.

No parágrafo seguinte, Freud soma à sua discussão precedente mais um tema, trabalhado do mesmo modo, com a mesma linha de pensamento. Analogamente à doença física, o sono também aparece como ocasião de expansão do novo conceito, assunto intrínseco a uma temática tão cara à psicanálise, *os sonhos*:

De modo semelhante à doença, o estado do sono também significa *uma retração narcísica das posições da libido para a própria pessoa*, mais precisamente para o desejo de dormir. O egoísmo dos sonhos se enquadra bem nesse contexto. Em ambos os casos vemos, ainda que seja apenas isso, exemplos de *mudanças na distribuição da libido graças à mudança no Eu* (Freud, 1914/2010, p. 26, grifo nosso).

O raciocínio que prevê para a descrição/explicação da vida psíquica uma mobilidade de localização e um direcionamento da libido (“*retração narcísica das posições da libido*”) se desprende mais ainda do campo do patológico ao ser considerado no entendimento de um fenômeno tão cotidiano como o sono. Mas tanto este como a doença orgânica trazem uma especificidade, como já apontamos acima e que retorna no extrato: são “*exemplos de mudanças na distribuição da libido graças à mudança no Eu*”. Acompanhamos, no capítulo anterior, diferentes argumentações sobre os efeitos *no* psiquismo *causados pelos* movimentos de direção da libido, mas o que vemos no extrato são os efeitos *nesses* movimentos *causados pelas* alterações do Eu (permeadas por alterações corporais). Há uma inversão: ela, contudo, parece manter a característica do modo de pensar implicado no narcisismo; vejamos que a palavra que faz remissão ao conceito (“*retração narcísica*”) é adjetivo, não substantivo.

Dos três temas que se anunciaram como focos do capítulo, é válido notar como a doença orgânica ganha uma discussão breve e pontual. Na esteira do pensamento desenvolvido no primeiro capítulo, a doença orgânica (e, por extensão e semelhança, o sono) se posiciona no texto como um elemento outro que “demonstra”, ou melhor, justifica o narcisismo. São os outros dois temas que recebem maior atenção por parte do autor e, seguindo o curso do desenvolvimento do texto, partamos para o próximo: a hipocondria.

Freud começa sua exposição de uma maneira que nos leva, de partida, à comparação entre a doença orgânica e a hipocondria (“*como a enfermidade orgânica*”, “*também coincide com ela no efeito sobre a distribuição da libido*”). Um paralelo é estabelecido, e nossas considerações a respeito daquilo que o autor desenvolveu sobre a doença física podem, por tal e em alguma medida, ser recolocadas para o novo tema em questão – parece tratar-se de mais um tema que “demonstra”/justifica o narcisismo, em que notamos um raciocínio descritivo/explicativo suportado pela ideia de movimentos de direção e localização da libido (“*distribuição*”), que são passíveis de influência por alterações corporais:

A hipocondria se manifesta, *como a enfermidade orgânica*, em sensações físicas penosas e dolorosas, e *também coincide com ela no efeito sobre a distribuição da libido*. O hipocondríaco *retira interesse e libido* – esta de maneira bem nítida – *dos objetos do mundo exterior e concentra ambos no órgão que o ocupa*. Uma diferença entre hipocondria e doença orgânica se evidencia agora: *no último caso as sensações penosas se baseiam em mudanças demonstráveis, no primeiro, não. Mas harmoniza plenamente com nossa concepção geral dos processos da neurose afirmarmos que a hipocondria há de estar certa, que as mudanças orgânicas também não podem faltar nela. Em que consistiriam então?* (Freud, 1914/2010, pp. 26-27, grifo nosso).

É curioso notar que, embora uma comparação seja estabelecida, no extrato acima não há afirmação explícita de um retorno da libido ao Eu, como apareceu durante a descrição da doença orgânica<sup>25</sup>. Aqui encontramos uma afirmação diferente: “O hipocondríaco *retira interesse e libido* – esta de maneira bem nítida – *dos objetos do mundo externo e concentra ambos no órgão que o ocupa*” (Freud, 1914/2010, pp. 26-27, grifo nosso). Duas possibilidades de análise nos ocorrem: ou há uma diferença entre doença orgânica e hipocondria que não é anunciada, ou a noção de Eu carrega, no texto, uma certa imprecisão que permite a Freud deslizar do Eu para o corpo, e vice-versa. Inclina-mos para a segunda possibilidade, e talvez também seja válido supor que o “corpo” colocado no extrato acima não seja o corpo estritamente orgânico, mas sim o corpo “psíquico”, aquele das neuroses de transferência ou do investimento do Eu como narcisismo secundário (“*no último caso [doença orgânica] as sensações penosas se baseiam em mudanças demonstráveis, no primeiro [hipocondria], não*”)

Podemos notar, nesse sentido, que quando é anunciada essa diferença entre doença orgânica e hipocondria, ela é subseqüentemente colocada em xeque. Como? Pela própria

---

<sup>25</sup> “Diríamos então que o doente retira seus investimentos libidinais de volta para o Eu” (Freud, 1914/2010, p. 26).



“*concepção geral dos processos da neurose*”. Uma nova “verdade” se antepõe como decorrência conceptual do ponto de vista psicanalítico: “Mas harmoniza plenamente com nossa concepção geral dos processos da neurose afirmarmos que a hipocondria há de estar certa, que as mudanças orgânicas também não podem faltar nela” (Freud, 1914/2010, p. 27). O paralelo entre doença física e hipocondria é reforçado, colocando-se em cena uma temática nova: *que mudanças orgânicas ocorrem na hipocondria?* Nesse movimento, a própria noção de “*mudanças orgânicas*” é sutilmente deslocada para o campo do saber psicanalítico (“*nossa concepção geral dos processos da neurose*”), ganhando o tratamento argumentativo que este saber pode lhe circunscrever (como veremos no parágrafo seguinte do texto). O modo como esta nova temática é colocada em cena também não deixa de chamar a atenção, posto que, pela primeira vez nesse capítulo, uma *pergunta* é colocada ao leitor ou, melhor dizendo, compartilhada com ele. É como se, ao ser colocada desse modo, a temática assumisse a característica de *ser inédita, tornada possível pelo ponto de vista psicanalítico e em vias de ser pensada, junto com o leitor, por esse mesmo ponto de vista*. Mais que isso: pensada pelas noções de movimento e localização, pela idéia de narcisismo... por essa “outra” teoria das pulsões (Guirado, 2010).

Para dar início a sua resposta, Freud faz um curto preâmbulo que situa o leitor a respeito do contexto de procedência de suas elaborações, a experiência clínica:

Aqui nos deixaremos guiar pela experiência, segundo a qual sensações corporais do tipo desprazeroso, *comparáveis às hipocondríacas*, também não faltam nas outras neuroses. Já uma vez *externei* a inclinação de situar a hipocondria<sup>26</sup> junto à neurastenia e à neurose de angústia, como a terceira “neurose atual”. *Provavelmente não significa ir longe demais* dizer que *nas outras neuroses também se desenvolve regularmente um quê de hipocondria*. O melhor exemplo disso pode estar na neurose de angústia e na histeria sobre ela edificada (Freud, 1914/2010, p. 27, grifo nosso).

Neste breve preâmbulo podemos notar que, tomando como base a experiência clínica, o cerne da argumentação é a possibilidade de generalização de características da hipocondria (sensações corporais desprazerosas) às outras neuroses. É importante destacar que isso se dá em meio a alguns deslizamentos: do compartilhamento da experiência com o leitor (“*nos*

---

<sup>26</sup> Na tradução que agora utilizamos (da Companhia das Letras, coordenada por Paulo César de Souza), neste momento do texto aparece a palavra *histeria*, e não *hipocondria*. Contudo, supomos ser um equívoco de tradução ou revisão, uma vez que de acordo com o contexto faz mais sentido a palavra hipocondria. De maneira a corroborar nossa opinião, conferimos o mesmo trecho na tradução da Standard Brasileira das Obras Completas (Freud, 1914/1969, p. 99) e lá encontramos o termo hipocondria. Por tal, a transcrição do extrato foi feita com essa alteração.

*deixaremos guiar*”) somos levados a uma analogia entre sensações corporais desprazerosas na hipocondria e nas outras neuroses (*“comparáveis”*); em seguida, notamos a tomada de responsabilidade por uma opinião (*“externei”*) que coloca a hipocondria como uma neurose atual, para por fim chegarmos ao período que conclui o argumento, em que o sujeito da enunciação se mostra indeterminado: *“Provavelmente não significa ir longe demais dizer que nas outras neuroses também se desenvolve regularmente um quê de hipocondria”* (Freud, 1914/2010, p. 27, grifo nosso). Qual o efeito desse movimento no discurso? Como que fica sugerido que, daqui para frente, o que for dito sobre essa característica da hipocondria *também serve* para as outras neuroses ou, no mesmo sentido, que a explicação para algumas características das outras neuroses *também pode servir* para pensar a hipocondria. Entre deslizamentos, aqui cautelosos (*“inclinação”*, *“provavelmente não significa ir longe demais”*, *“pode estar”*), um pressuposto sutilmente se estabelece. E, nesse âmbito argumentativo, Freud continua:

Ora, o modelo que conhecemos de um órgão dolorosamente sensível, de algum modo alterado, e todavia não doente no sentido habitual, é o órgão genital em estado de excitação. Ele fica irrigado de sangue, intumescido, umedecido e se torna o centro de múltiplas sensações. Se, tomando uma área do corpo, chamarmos sua atividade de enviar estímulos sexualmente excitantes para a psique de *erogenidade*, e se refletirmos que as considerações da teoria sexual há muito nos habituaram à concepção de que algumas outras áreas do corpo – as zonas *erógenas* – podem agir como substitutas dos genitais e comportar-se de maneira análoga a eles, então só teremos que arriscar um passo mais. Podemos nos decidir de ver na erogenidade uma característica geral de todos os órgãos, o que nos permitirá então falar do seu aumento ou decréscimo numa determinada área do corpo. Para cada alteração dessas na erogenidade dos órgãos poderia haver uma alteração paralela no investimento libidinal do Eu. Em tais fatores deveríamos procurar o que se acha na base da histeria e o que pode ter, na distribuição da libido, o mesmo efeito que a doença material dos órgãos (Freud, 1914/2010, pp. 27-28, grifo do autor).

A transcrição acima é longa, mas foi feita no sentido de manter coeso o argumento freudiano. Vejamos como este é organizado. Em coerência com a questão levantada, toma-se um modelo de uma alteração corporal (dolorosamente sensível) que não corresponde a um estado doente – o órgão genital em estado de excitação –, e dele derivam-se considerações para a construção de uma suposição. Duas condições são criadas, e uma hipótese é produzida: se se entender a capacidade de uma área do corpo de enviar estímulos sexualmente excitantes para a psique de erogenidade e se se admitir que algumas áreas do corpo (zonas erógenas) podem agir como substitutos dos genitais, então (dando *“um passo a mais”*) se pode

considerar a erogenidade uma característica de qualquer área do corpo. *Mas mais que isso: pode-se, então, considerar que cada área do corpo tem “um lugar potencial” de influência nos investimentos libidinais do Eu. Se há, ao longo do argumento, alguns saltos teóricos, eles parecem se anunciar – mesmo que indiretamente – como hipóteses (“se”, “arriscar um passo a mais”, “podemos nos decidir”, “nos permitiria”, “poderia haver”). Isso, a cada passo da construção do argumento. É como se, a cada um desses passos, ficasse patente no discurso escolhas, que o dotam de um caráter indeterminado.*

Além disso, notemos, novamente, a ausência da palavra *narcisismo* em uma elaboração que parece de fato buscar uma explicação *sobre o investimento libidinal do Eu*; se, por um lado, com este tipo de explicação nos aproximamos de um pensamento sobre um *fato-narcisismo* que é estudado (como anunciado no primeiro parágrafo desse capítulo), por outro, é possível reconhecer nessa mesma explicação um raciocínio cujo mote permanece sendo um pensamento relativo aos movimentos de direção da libido (“*distribuição da libido*”), à *ideia-narcisismo*. Parece haver, no discurso, uma oscilação ou sobreposição entre um modo de pensar e um “fato” a ser pensado, que vai dando ao narcisismo a qualidade tanto de verdade da psicanálise como de um “método” (*estratégia?*) de pensamento.

É interessante acompanhar como Freud dá continuidade ao assunto no parágrafo seguinte. Retoma o tema da hipocondria e destaca que, pelo pensamento desenvolvido anteriormente (ou seja, o corpo, pela erogenidade dos órgãos, como influente na distribuição da libido), chega-se também ao problema das outras neuroses atuais; o corpo parece se posicionar, assim, como um articulador entre essas afecções:

Notamos que, prosseguindo nesse curso de pensamento, topamos não só com o problema da hipocondria, mas também com o das outras neuroses “atuais”, a neurastenia e a neurose de angústia. Por isso vamos parar neste ponto; não está no propósito de uma investigação puramente psicológica avançar tanto além da fronteira com a pesquisa fisiológica. Direi apenas que é possível conjecturar, a partir disso, que a hipocondria tenha com a parafrenia uma relação similar à das outras neuroses “atuais” com a histeria e a neurose obsessiva, que dependa da libido do Eu, como as outras da libido de objeto; a angústia hipocondríaca seria a contrapartida, desde a libido do Eu, da angústia neurótica (Freud, 1914/2010, p. 28, grifo nosso).

Após construir uma hipótese sobre erogenidade como característica geral dos órgãos do corpo, Freud como que a coloca de lado, ou melhor, interrompe seu prosseguimento justamente pela sua posição fronteira com a fisiologia; nesse movimento, tanto a hipocondria como as outras neuroses atuais são posicionadas nessa mesma fronteira. A

influência do corpo na distribuição da libido, também. E é desse modo e por esse motivo que é anunciado o encerramento do assunto... Entretanto, este não ocorre exatamente.

Queremos, nesse sentido, dar destaque especial para o último período do extrato. Assim ele começa: “*Direi apenas que é possível conjecturar, a partir disso, que [...]*” (Freud, 1914/2010, p. 28, grifo nosso). A enunciação está em primeira pessoa do singular (“*Direi*”) – a autoria é declarada –, uma nova hipótese é anunciada (“*conjecturar*”) e em referência ao que foi elaborado imediatamente antes (“*a partir disso*”). Que hipótese? Que a hipocondria estaria para a parafrenia assim como as outras neuroses atuais (neurose de angústia e neurastenia) estariam para a histeria e a neurose obsessiva... Mas há mais: que a hipocondria “*dependa da libido do Eu, como as outras da libido de objeto; a angústia hipocondríaca seria a contrapartida, desde a libido do Eu, da angústia neurótica*” (Freud, 1914/2010, p. 28, grifo nosso). Ora, os conceitos de libido do Eu e libido de objeto, implicados na formulação do narcisismo, voltam a aparecer (isto, pela primeira vez nesse capítulo) e dão contorno a novas hipóteses, agora sobre as neuroses atuais e sobre a angústia na sua relação com aquilo que se coloca como o “objeto por excelência” da psicanálise, *as psiconeuroses*; e um raciocínio “pelo narcisismo” (movimentos de direcionamento e localização da libido) continua a ganhar terreno como articulador de uma “hipótese no modo de conceber a ação das pulsões na vida psíquica” (Guirado, 2010, p. 118), como uma particular teoria das pulsões. Se nossas demonstrações ainda mostram-se insuficientes, vejamos como Freud, ao produzir mais uma hipótese, termina o parágrafo acima citado:

Mais: *se já estamos familiarizados com a ideia de ligar o mecanismo de adoecimento e formação de sintomas nas neuroses de transferência, o progresso da introversão à regressão, a um represamento da libido de objeto, então poderemos nos aproximar também da ideia de um represamento da libido do Eu, e pô-la em relação com os fenômenos da hipocondria e da parafrenia* (Freud, 1914/2010, p. 28, grifo nosso).

As ideias de libido do Eu e libido de objeto posicionam-se como pivôs da produção hipotética que, da retomada de temas já bem estabelecidos no domínio da psicanálise (neuroses de transferência), avança para outros (hipocondria e parafrenia). E o discurso freudiano, enquanto reafirma-se, se “reinventa” sob novos matizes. Isto pois, na medida em que já toma-se como ideia consolidada a ligação dos mecanismos de adoecimento e formação

de sintomas com a noção de um represamento de libido, é sob o matiz dos *vetores*<sup>27</sup> da libido represada que se configuram novas diferenciações no plano teórico-descritivo.

Não nos apressemos, entretanto. O parágrafo seguinte mantém ligação direta com o anterior, e Freud se coloca a questão a respeito dos motivos do represamento de libido no Eu ser sentido como desprazeroso, e encaminha sua resposta pelo aspecto econômico de sua teoria:

Naturalmente a *nossa curiosidade perguntará* aqui por que um tal represamento de libido no Eu tem de ser sentido como desprazeroso. *Quero me contentar* com a resposta de que o desprazer em geral é expressão de uma tensão mais elevada, de que portanto é uma quantidade do suceder material que aqui, como em outros lugares, se transforma na qualidade psíquica do desprazer; para o desenvolvimento do desprazer pode não ser decisiva a grandeza absoluta do evento material, mas uma determinada função dessa grandeza absoluta (Freud, 1914/2010, p. 29, grifo nosso).

O extrato parece claro, e aquilo que torna desprazeroso o represamento de libido no Eu é explicado como elevação de uma tensão, à medida que o aumento de uma quantidade material (em função, não absoluta) se expressa na qualidade psíquica de desprazer<sup>28</sup>. Por esse caminho, uma pequena provocação ao texto talvez caiba nesse momento: argumento na fronteira com a “fisiologia”? Se é exagero apontar a afirmação feita por Freud, no parágrafo anterior ao acima citado<sup>29</sup>, como uma “afirmação negada” no discurso, ao menos podemos indicar como a delimitação dessa fronteira não constrange a produção de hipóteses. Pelo contrário: tanto essa quanto outras “fronteiras” parecem constitutivas das condições de produção do discurso freudiano.

É relevante, ademais, chamar a atenção para o fato de que, pela segunda vez nesse capítulo, Freud como que coloca uma pergunta ao leitor, ou melhor, apresenta uma pergunta na forma de uma afirmação. Com efeito, o leitor é, por imitação subversiva (“*nossa curiosidade*”), “envolvido” no enunciado, de modo que a pergunta ganha legitimidade e

---

<sup>27</sup> A ideia de “vetoração” das forças pulsionais é proposta por Guirado para pensar exatamente esse modo de conceber o narcisismo como uma questão de localização, movimento, orientação, direcionamento da libido (Guirado, 2010, p. 117).

<sup>28</sup> É curioso como estas concepções parecem derivar da própria definição de pulsão em Freud. Novamente, o autor como que reafirma suas elaborações no âmbito da primeira teoria das pulsões, no mesmo movimento em que há uma espécie de “dessubstancialização” da pulsão para enunciá-la como vetoração no âmbito do narcisismo (Guirado, 2010). Nisto, desprende-se da imposição de trabalhar com substâncias (como, por exemplo, os conceitos de pulsão de vida e de morte, elaborados por ele seis anos mais tarde). O narcisismo abre-se como um outro caminho de entendimento (e de uso) da própria idéia de pulsão.

<sup>29</sup> “Por isso vamos parar neste ponto; não está no propósito de uma investigação puramente psicológica avançar tanto além da fronteira com a pesquisa fisiológica” (Freud, 1914/2010, p. 28).

pertinência; mas o período seguinte é prontamente iniciado com uma enunciação em primeira pessoa do singular. Se, como discorremos acima, essa alternância entre sujeitos da enunciação não parece anunciar, nesse segundo capítulo, uma tensão do contexto de produção do texto (como destacamos no primeiro), no presente momento do texto ela parece anunciar um outro tipo de tensão: *uma tensão da própria produção de conhecimento*. Por quê? Em primeiro lugar, a disposição de uma pergunta e o compartilhamento de sua autoria com o leitor sugere que algo do que se produziu não é, *a priori*, suficiente. Em segundo lugar e principalmente, os verbos usados na enunciação em primeira pessoa do singular (“*Quero me contentar*”) como que *conferem ao discurso uma qualidade de indeterminação, pois ao mesmo tempo em que uma resposta é dada, ela é relativizada*. É nesse mesmo âmbito discursivo que outra pergunta é criada (voltando a enunciação em primeira pessoa do plural), e o conhecimento segue sendo tensionado:

*A partir disso* ousaremos abordar esta outra questão: de onde vem mesmo a necessidade que tem a psique de ultrapassar as fronteiras do narcisismo e pôr a libido em objetos? A resposta *derivada* de nosso curso de pensamento *seria*, mais uma vez, que tal necessidade surge quando o investimento do Eu com libido superou uma determinada medida. *Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar* (Freud, 1914/2010, p. 29, grifo nosso).

Sua pergunta mostra, de antemão, duas suposições: 1) *há* uma necessidade, no plano psíquico, de se ultrapassar o narcisismo (investimento de libido no Eu) – desse modo, recoloca-se o narcisismo como um estado primordial do psiquismo, naturalmente sujeito a “travessia” com o tempo (“*ultrapassar*”); 2) e isso *implica* o direcionamento da libido para objetos – assim, dá-se relevo para os movimentos de localização da libido. A questão, assim colocada, parece novamente *sobrepôr, no tocante ao narcisismo, dois “modos de enunciação”*: um fato/estado/substância e um modo de pensar.

Como a questão advém de uma discussão no plano econômico da teoria (“*A partir disso*”), sua resposta se mantém nesse mesmo plano (“*derivada*”) e é explicativa, pela postulação de um limiar na capacidade do Eu de suportar investimento. É como se o narcisismo voltasse a ser colocado como “objeto de estudo”, fato a ser explicado por outros elementos da teoria. Isso se mostra também nos tempos verbais que compõem a resposta (“*surge*”, “*superou*”), embora ela própria seja introduzida como hipótese (“*seria*”),

conferindo-lhe a característica de *um recorte* pela especificidade do conhecimento psicanalítico.

O período final do extrato, entretanto, ao mesmo tempo em que corrobora a resposta dada, também abre a possibilidade de trabalhar a questão de um modo diferente: “*Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar*”. Sem necessariamente fazer remissão a uma explicação econômica, o período mostra, de modo curiosamente aberto e “descompromissado” com termos que remetam à teoria, uma concepção de adoecimento contornada pelas *possibilidades de relação* do Eu com objetos (“*amar*”) e consigo mesmo (“*egoísmo*”).

O parágrafo seguinte do texto prossegue essa discussão teórica. “Se foi possível se contentar”<sup>30</sup> com a resposta sobre os motivos do efeito de desprazer causado pelo represamento de libido no Eu, Freud agora se põe a pensar como o psiquismo lida frente a situações nas quais a descarga direta de excitações não ocorre. Cada vez mais, com o decorrer do texto, os temas de discussão “possível” se proliferam; nesse segundo capítulo, a circunscrição do objetivo de estudar o *fato do narcisismo*, anunciada no primeiro parágrafo, é “desrespeitada” pela pluralização de temáticas que o próprio narcisismo (como “*fato*” e, especialmente, como “*ideia*”) abre:

Em nosso aparelho psíquico reconhecemos sobretudo *um expediente para lidar com excitações* que de outro modo seriam sentidas como penosas ou de efeito patogênico. A *elaboração psíquica* ajuda extraordinariamente no *desvio interno de excitações que não são capazes de uma direta descarga externa, ou para as quais isso não seria desejável no momento. Mas no princípio é indiferente*, para uma tal elaboração interna, *se ela ocorre em objetos reais ou imaginários. A diferença mostra-se apenas depois*, quando o *voltar-se da libido para objetos irrealis* (introversão) *conduz a um represamento da libido* (Freud, 1914/2010, p. 30, grifo nosso).

Antes de tudo, notemos que, na passagem de um parágrafo a outro, fomos deslocados do termo *libido* para o termo *excitações* (e de volta para o termo *libido* no último período do extrato acima). Caso seja exagero apontar que o texto mostra uma relação de correspondência entre os termos<sup>31</sup>, no mínimo é possível pensar que uma certa “indeterminação conceitual” favorece um intercâmbio entre eles na escrita de Freud nesse texto.

<sup>30</sup> Jogando um pouco com as palavras do autor.

<sup>31</sup> Pois – tomando o contexto das ideias elaboradas por Freud a respeito da neurose de angústia (Freud, 1895/1969) – naquilo que se convencionou chamar de 1ª teoria da angústia entende-se que a excitação sexual

É relevante nos determos na citação. Com a introdução do tema da elaboração psíquica – como um desvio *interno* de excitações que deveriam (mas por algum motivo não puderem) ter uma descarga *externa* –, novas suposições entram em cena: as excitações que *acometem* o psiquismo *têm* como seu destino descarga externa; *é* função do aparelho psíquico lidar com as excitações que não foram dirigidas para “fora”, por meio de uma elaboração que *ajuda* no seu desvio interno; num primeiro momento, essa elaboração *independe* da qualidade real ou imaginária dos objetos nos quais ela ocorre; posteriormente, se ela *ocorre* em objetos irrealis, *há* represamento da libido. Pode parecer estranho que, de certo modo, apenas repetimos (parafraseamos?) o que pode ser encontrado no extrato. Assim procedemos de maneira a mostrar que, nesse breve extrato, muitas verdades se estabelecem, e com força (por isso os verbos que utilizamos estão no presente, mesmo tempo verbal utilizado aqui por Freud). Mas, acima de tudo, se estabelecem sob o predicado de que *há* um “dentro” e um “fora”. E, discretamente, estes compõem a base da enunciação que se ocupa com a *direção da excitação/libido entre um e outro*.

O lugar, contudo, que a elaboração psíquica assume na linha argumentativa do autor só se mostra ao final do parágrafo. Vejamos:

*Nas parafrenias, semelhante elaboração interna da libido que retornou ao Eu é tornada possível pela megalomania; talvez somente com o fracasso desta o represamento de libido no Eu se torne patogênico e incite o processo de cura que aparece para nós como doença* (Freud, 1914/2010, p. 30, grifo nosso).

As parafrenias voltam à cena. A megalomania seria (como já vimos) efeito da libido que, retirada do mundo externo, voltou ao Eu e foi (como vemos agora) elaborada. Arriscamos, tomando o texto em sua coesão argumentativa: a megalomania seria a elaboração psíquica do narcisismo secundário (efeito psíquico do movimento da libido). Assim, dos movimentos de localização da libido o autor faz suficiente como hipótese explicativa (que, pelo menos por ora, deixa em suspenso as “substâncias” do aparelho psíquico).

É no parágrafo subsequente que Freud organiza, de maneira pontual e direta, esses novos elementos teóricos (cuja construção começou já no primeiro capítulo e teve prosseguimento nesse segundo). Assim ele começa: “Tentarei agora penetrar um pouco mais no mecanismo da parafrenia, e resumirei as concepções que já atualmente me parecem dignas

---

pode atingir o plano psíquico e transformar-se em libido ou pode ser represada (não atingindo assim o plano psíquico) e transformar-se em angústia. Neste contexto, *libido* e *excitação* são termos irreduzíveis um ao outro, uma diferença explícita delimita-os como noções distintas (o que, em certa medida, seria possível derivar do extrato que citamos do texto de 1914, acima).



de atenção.” (Freud, 1914/2010, p. 30). Lembremos que, se na análise do primeiro capítulo apontamos como uma “afirmação negada” no discurso a ressalva freudiana de que não pretendia aprofundar o problema da esquizofrenia<sup>32</sup>, agora temos mais um indício que nos incentiva a reafirmar tal apontamento analítico. A autoria é aqui novamente declarada (“*Tentarei*”, “*resumirei*”, “*eu atribuo*”), de maneira que o próprio modo de enunciação parece mostrar, nessa assunção de responsabilidade pelo dito, a relatividade da verdade que se produz no discurso. Contudo, como vemos no prosseguimento do parágrafo, os tempos verbais encontram-se todos no presente (“*não fica*”, “*retorna*”, “*corresponde*”, “*nasce*” etc.), o que, concomitantemente, reforça essa mesma verdade:

*A diferença entre tais afecções e as neuroses de transferência eu atribuo à circunstância de que a libido liberada pelo fracasso não fica em objetos da fantasia, mas retorna ao Eu; a megalomania corresponde, então, ao domínio psíquico sobre esse montante de libido, ou seja, à introversão para as fantasias encontrada nas neuroses de transferência; do fracasso desta realização psíquica nasce a hipocondria da parafrenia, análoga à angústia das neuroses de transferência. Sabemos que essa angústia pode acabar através de mais elaboração psíquica, isto é, por conversão, formação reativa, formação protetiva (fobia). Nas parafrenias isso é feito pela tentativa de restauração, a que devemos as marcantes manifestações da doença (Freud, 1914/2010, pp. 30-31, grifo nosso).*

É digno de nota como, uma vez anunciado que o que será resumido são concepções relativas ao mecanismo da parafrenia, de imediato é colocada em questão *a(s) diferença(s) entre esta e as neuroses de transferência*. Diferenças que se referem a quê? Em primeiro lugar, ao destino da libido liberada; em segundo lugar, ao domínio psíquico dessa libido. Ao dar destaque a isso, queremos chamar a atenção para o fato de que, *embora a palavra narcisismo esteja ausente*, toda a argumentação aqui desenvolvida tem sua base naquilo que serviu como *motivo da ideia do narcisismo*: no confronto entre parafrenias e neuroses de transferência, nas quais há abandono do interesse pelo mundo externo (“*libido liberada pelo fracasso*”), busca-se qual o novo *destino* da libido (“*em objetos da fantasia*”, “*retorna ao Eu*”) e seu efeito no psiquismo (“*domínio psíquico sobre esse montante de libido*”, “*megalomania*”, “*introversão para as fantasias*”). Acresce-se a esse raciocínio outros pontos desenvolvidos nesse segundo capítulo: se há fracasso nessa primeira elaboração psíquica, surge a angústia hipocondríaca, *num caso*, e a angústia neurótica, *no outro*; e destas, verifica-se como efeito uma nova elaboração psíquica, como a conversão (histeria), a formação reativa

<sup>32</sup> “Insisto em que não pretendo esclarecer ou aprofundar o problema da esquizofrenia, mas apenas reúno o que foi dito em outros lugares, a fim de justificar uma introdução ao narcisismo” (Freud, 1914/2010, p. 16).

(neurose obsessiva) ou a formação protetiva (fobia), *num caso*, e o delírio (parafrenia), *no outro*. *Num caso, no outro...* Parece que a possibilidade de escrever/produzir hipóteses a respeito da parafrenia é suportada pela sua comparação (*correlação?*) com as neuroses de transferência, comparação esta permeada por aquilo que justifica o conceito de narcisismo; nesse sentido, o narcisismo também parece se posicionar como *um termo que permite uma ponte conceitual entre neurose e psicose no discurso freudiano*.

Antes de concluirmos essa linha de pensamento, vejamos que Freud, ao continuar seu aprofundamento da parafrenia nesse parágrafo, continua a ter como núcleo argumentativo a ideia de direcionamento da libido:

[...] Como a parafrenia frequentemente – senão a maioria das vezes – acarreta um *desligamento só parcial da libido em relação aos objetos*, no seu quadro pode-se distinguir três grupos de manifestações: 1) as de normalidade conservada ou neurose (manifestações residuais); 2) as do processo patológico (de *desligamento da libido em relação aos objetos*, e também a megalomania, a hipocondria, o distúrbio afetivo, todas as regressões); as de restauração, em que *a libido se apega novamente a objetos*, à maneira de uma histeria (dementia praecox, parafrenia propriamente) ou de uma neurose obsessiva (paranoia). *Esse novo investimento de libido sucede a partir de outro nível, sob outras condições que o primeiro. A diferença entre as neuroses de transferência com ele criadas e as formações correspondentes do Eu normal deve proporcionar uma mais profunda compreensão da estrutura de nosso aparelho psíquico* (Freud, 1914/2010, p. 31, grifo nosso).

Pelos apontamentos que foram feitos ao longo da análise desse segundo capítulo, o extrato acima talvez nos permita ratificar que a parafrenia é imprescindível para a produção do narcisismo no discurso freudiano, seja como justificativa de sua pertinência (como ideia e modo de pensar – movimentos de localização da libido), seja como via de seu conhecimento (como fato a ser estudado – estado do psiquismo infantil).

Ademais, os dois últimos períodos do extrato contribuem para desenvolvermos aquilo que acima apontamos e que agora concluímos: se o conceito de narcisismo faz uma relação entre neurose e psicose no discurso freudiano, *pelo próprio método de produção de conhecimento psicanalítico ele também faz uma relação com a “normalidade”*. Por essa qualidade, pode-se dizer ou, no nosso caso, reafirmar (Guirado, 2010) que Freud “erotiza” o Eu, desde o primórdio da constituição de suas funções... Pela sua hipótese de um narcisismo primário... Narcisismo se torna *condição de relação*, de qualquer relação, “normalmente”... Desde o nascimento... Pela própria constituição das funções do Eu... E, *tudo*, pela vetoração da pulsão (movimentos de localização da libido para o Eu ou para o objeto). Como já

apontado por Guirado (2010), a não substancialização da pulsão acaba por produzir um ganho conceitual para a psicanálise.

Ora, fica difícil não considerar que, entre todos esses elementos da teoria psicanalítica que aqui se reafirmam e se modificam, uma concepção particular de pulsão e psiquismo se faz concreta (Guirado, 2010). Concepção de um psiquismo que é “interioridade” (sem dúvida), que lida com pulsões que são “substâncias” (novamente sem dúvida), mas em que – nas implicações que o conceito de narcisismo impõe ao discurso freudiano – o foco dado para as noções de movimento, localização e direção joga para segundo plano essas “categorias” de interioridade e substância (ou, pelo menos, permite que joguemos).

Continuemos. O capítulo prossegue e Freud dá início à discussão referente ao terceiro e último tema anunciado no primeiro parágrafo. A vida amorosa dos seres humanos é posicionada como mais uma “*via de acesso ao estudo do narcisismo*” – voltamos aqui, pelo menos num primeiro momento, ao plano da discussão que toma o narcisismo como fato:

Uma terceira *via de acesso ao estudo do narcisismo* constitui a vida amorosa dos seres humanos, em sua variada diferenciação no homem e na mulher. Assim como a libido de objeto escondeu primeiramente da nossa observação a libido do Eu, também na escolha de objeto pela criança (e o adolescente) vimos primeiro que ela toma seus objetos sexuais de suas vivências de satisfação (Freud, 1914/2010, p. 31, grifo nosso).

O extrato acima possibilita que já façamos duas antecipações do modo como Freud conduzirá sua argumentação sobre o tema da vida amorosa. Em primeiro lugar, o tema ganhará especificidade pela consideração das *diferenças* entre homens e mulheres; e em segundo lugar, o tema é disposto por *analogia* (“Assim como”) ao modo como a libido de objeto “*escondeu*” da observação, num primeiro momento, a libido do Eu. Feitos estes destaques iniciais, sigamos um pouco mais o texto.

[...] na escolha de objeto pela criança (e o adolescente) *vimos primeiro que ela toma seus objetos sexuais de suas vivências de satisfação*. As primeiras satisfações sexuais autoeróticas são experimentadas em conexão com funções vitais de autoconservação. *Os instintos sexuais apoiam-se de início na satisfação dos instintos do Eu, apenas mais tarde tornam-se independentes deles*; mas esse apoio mostra-se ainda no fato de *as pessoas encarregadas da nutrição, cuidado e proteção da criança tornarem-se os primeiros objetos sexuais*, ou seja, a mãe ou quem a substitui (Freud, 1914/2010, pp. 31-32, grifo nosso).

Podemos notar que as afirmações feitas por Freud aqui parecem configurar um âmbito de enunciação de reprodução de verdades. Quase todos os verbos, na citação, estão no presente; o extrato não mostra uma argumentação ou construção, mas sim uma exposição de um conhecimento, prévio e dado, cuja base é a primeira teoria das pulsões (pulsões sexuais e pulsões do Eu/de autoconservação). No entanto, há um lugar para essas afirmações no encadeamento das ideias do texto – destacar *o apoio (inicial) das pulsões sexuais nas pulsões do Eu, que determina um tipo de escolha de objeto*, como podemos notar abaixo:

Junto a esse tipo e essa fonte de escolha de objeto, que podemos chamar de tipo *de apoio*, a pesquisa analítica nos deu a conhecer um outro, que não esperávamos encontrar. De modo especialmente nítido em pessoas cujo desenvolvimento libidinal sofreu perturbação, como pervertidos e homossexuais, descobrimos que não escolhem seu posterior objeto de amor segundo o modelo da mãe, mas conforme o de sua própria pessoa. Claramente buscam a si mesmas como objeto amoroso, evidenciando o tipo de escolha de objeto que chamaremos de *narcísico*. Nessa observação se acha o mais forte motivo que nos levou à hipótese do narcisismo (Freud, 1914/2010, p. 32, grifo do autor).

Chama a atenção que novamente a pesquisa psicanalítica aparece como fiador daquilo que é dito/escrito... *para falar do narcisismo*. Mas *como se fala*, aqui, do narcisismo? Envolvendo o leitor numa descoberta (“*não esperávamos encontrar*”, “*descobrimos*”) agora compartilhada, o autor destaca como a escolha de objeto amoroso, em algumas pessoas (destaque para aquelas com alguma perturbação no desenvolvimento libidinal), se dá segundo o modelo de sua própria pessoa. E esse tipo de escolha é nomeado de narcísico. Vemos que, mais uma vez, a palavra que faz remissão ao conceito de narcisismo é um *adjetivo*, não substantivo. Mas há mais: podemos notar que o adjetivo é colocado de modo a *qualificar um tipo de relação*. Ora, o elemento central desse tipo de escolha de objeto que lhe permite ser nomeado de narcísico, a busca de si mesmo como objeto sexual, delimita para o plano conceitual do narcisismo uma característica quase paradoxal (Guirado, 2010): *busca de si mesmo na relação com um outro*. Atentemos também para o fato de que é aqui que Freud situa “*o mais forte motivo que nos levou à hipótese do narcisismo*”.

Foi possível destacar, na análise do primeiro capítulo, que a frase que dava contorno à conceitualização do narcisismo parecia colocá-lo como suporte da possibilidade de relação com objetos, *como condição de relação* (Guirado, 2010). Isso parece retornar no presente momento do texto, *como se o conceito acionasse a possibilidade de pensar modos de relação sob a perspectiva dos investimentos de libido no Eu e no objeto*. No entanto, talvez seja cedo para fazermos tal afirmação; deixemo-la em suspenso.

O parágrafo subsequente à citação que acima transcrevemos inicia-se com a preposição adversativa “mas”. É colocada uma ressalva que de imediato relativiza o que foi anteriormente descrito:

*Mas não concluímos que as pessoas se dividem em dois grupos bem diferenciados, conforme sua escolha de objeto obedeça ao tipo narcísico ou ao “de apoio”. Preferimos supor, isto sim, que para cada pessoa ficam abertos ambos os caminhos da escolha de objeto, sendo que um ou outro pode ter preferência. Dizemos que o ser humano tem originalmente dois objetos sexuais: ele próprio e a mulher que o cria, e nisso pressupomos o narcisismo primário de todo indivíduo, que eventualmente pode se expressar de maneira dominante em sua escolha de objeto (Freud, 1914/2010, pp. 32-33, grifo nosso).*

Se tipos de escolha de objeto são produzidos como conhecimento e dados como fato/verdade, no mesmo passo o conhecimento é relativizado em um aspecto: a separação rígida desses tipos. Relativização que se dá pela hipótese, anunciada e assumida em co-autoria com o leitor (“*Preferimos supor*”), de que há “sobreposição” e eventual predominância.

É curioso notar aqui que a palavra que faz remissão ao conceito de narcisismo é um substantivo (“*narcisismo primário*”), não um adjetivo: ele seria aquilo que se pressupõe para afirmar que há originalmente dois objetos de amor para todo ser humano. Assume no texto, mais uma vez, o lugar de um fato (pressuposto) e não de um modo de pensar... Substancialização do psiquismo? Talvez. Como já afirmamos, a oscilação/sobreposição entre esses dois planos da discussão continua a aparecer ao longo do texto e marca para o conceito um caráter complexo em seu modo de enunciação.

Prossigamos com as considerações freudianas a respeito da vida amorosa dos seres humanos. Como havia anunciado, o autor se deterá na diferenciação entre homens e mulheres:

*A comparação entre homem e mulher mostra que há diferenças fundamentais, embora não universais, naturalmente, quanto ao seu tipo de escolha de objeto. O amor objetual completo, segundo o tipo “de apoio”, é de fato característico do homem. Exibe a notória superestimação sexual, que provavelmente deriva do narcisismo original da criança, e corresponde assim a uma transposição do mesmo para o objeto sexual. Essa superestimação sexual permite que surja o enamoramento, esse peculiar estado que lembra a obsessão neurótica, remontando assim a um empobrecimento libidinal do Eu em favor do objeto (Freud, 1914/2010, p. 33, grifo nosso).*

O argumento é marcado pelo uso de verbos no presente, como que denotando certeza de um fato. Qual? De que é característico do homem o tipo “de apoio” de escolha de objeto,

colocado por Freud como “*amor objetal completo*”. E ponto! Sem mais fundamentos, esse fato é dado.

O que, além disso, nos interessa é a característica que o autor confere a esse tipo de escolha: ela exhibe superestimação sexual, provável derivado do narcisismo original da criança que foi transposto ao objeto e condição do surgimento do enamoramento. Reorganizando os termos em outra sentença, mas sem ir muito longe do próprio texto freudiano: o narcisismo é, “*provavelmente*”, a condição de possibilidade do amor objetal completo, que implica na sua própria diminuição em decorrência do movimento de direção da libido para o objeto. Sem contradições, é o paradoxo do narcisismo “mostrado” no discurso.

Um pequeno parêntese faz-se necessário antes de continuarmos. Notamos como nossa análise, há muito, parece ter se tornado estranhamente repetitiva. Talvez isso não seja ao acaso. O próprio modo como os termos e suas relações se organizam no discurso sugerem para o conceito de narcisismo especificidades que se repetem e se reafirmam pelo pensamento que se desenrola nesse capítulo, na sobreposição de dois planos discursivos – um que o toma como um “fato” e um que com ele opera como um modo de pensar. Nesse ínterim, nossa análise esforça-se em demonstrar aquilo que, dos referenciais de onde partimos (Guirado, 2010), mostra-se no discurso: paradoxo, condição de relação, movimentos de direção e localização da libido (“vetoração” da pulsão).

Retornemos ao texto. Destacado o que caracteriza o homem no que se refere ao seu tipo de escolha de objeto, Freud dá continuidade à discussão detendo-se na caracterização da mulher. E, de imediato, salta aos olhos como o início dessa caracterização não versa sobre o tipo *de escolha de objeto da mulher*, mas sobre um tipo *de mulher* (o que não ocorreu em relação os homens):

De outro modo se configura o desenvolvimento *no tipo mais frequente e provavelmente mais puro e genuíno de mulher*. Com a puberdade, a *maturação dos órgãos sexuais femininos* até então latentes parece trazer um *aumento do narcisismo original, que não é propício à constituição de um regular amor objetal com superestimação sexual*. Em particular quando se torna bela, *produz-se na mulher uma autossuficiência que para ela compensa a pouca liberdade que a sociedade lhe impõe na escolha de objeto*. A rigor, *tais mulheres amam apenas a si mesmas com intensidade semelhante à que são amadas pelo homem*. Sua *necessidade* não reside tanto em amar quanto *em serem amadas*, e o homem que lhes agrada é o que preenche tal condição (Freud, 1914/2010, pp. 33-34, grifo nosso).

É curioso notar, também, que a determinação de certo tipo de escolha de objeto na (ou num certo tipo de) mulher é colocado como decorrência do próprio desenvolvimento

biológico a que ela está, naturalmente, sujeita. Curioso ainda é perceber como, no próprio discurso, acentua-se o caráter *relacional* da proposição do narcisismo: se ele é colocado como obstáculo (quando ele “*umenta*”) da constituição de “*um regular amor objetal com superestimação sexual*”, ao mesmo tempo persiste a ideia de que isso se dá *em relação*. Por quê? Basta notar o que, para Freud, passa a “definir” a escolha de objeto na mulher: a necessidade de serem amadas... Pode não haver a constituição do amor objetal, mas há uma *necessidade de relação*.

Não é de pouca relevância destacar que estas elaborações sobre a mulher mostram-se implicadas num contexto de enunciação específico. “Em particular quando se torna bela, produz-se na mulher uma autossuficiência que para ela *compensa a pouca liberdade que a sociedade lhe impõe na escolha de objeto*” (Freud, 1914/2010, p. 34, grifo nosso). Aqui, talvez mais claramente do que em outras passagens, o texto mostra seu contexto de produção (Maingueneau em Guirado, 2000, p. 30).

Freud continua sua discussão, e podemos notar que o que se enuncia mais uma vez refere-se a um tipo de mulher, não a um tipo de escolha de objeto; e o que se produz, no decorrer do argumento, se coloca em referência a esse tipo de mulher:

A importância *desse tipo de mulher* para a vida amorosa dos seres humanos é bastante elevada. *Tais mulheres exercem a maior atração sobre os homens*, não apenas por razões estéticas, porque são normalmente as mais belas, *mas também devido a interessantes constelações psicológicas*. Pois parece bem claro que o narcisismo de uma pessoa tem grande fascínio para aquelas que desistiram da dimensão plena de seu próprio narcisismo e estão em busca do amor objetal; a atração de um bebê se deve em boa parte ao seu narcisismo, sua autossuficiência e inacessibilidade, assim como a atração de alguns bichos que parecem não se importar conosco, como os gatos e os grandes animais de rapina; e mesmo o grande criminoso e o humorista conquistam nosso interesse, na representação literária, pela coerência narcísica com que mantêm afastados de seu Eu tudo o que possa diminuí-lo. *É como se os invejássemos pela conservação de um estado psíquico bem-aventurado, uma posição libidinal inatacável, que desde então nós mesmos abandonamos* (Freud, 1914/2010, p. 34, grifo nosso).

O que é destacado nesse “*tipo de mulher*”? O fato de exercerem a maior atração sobre homens, por razões estéticas (por serem belas) e, também, *por razões psicológicas (por seu narcisismo)*... O elemento argumentativo que dá sustentação às afirmações volta a colocar a enunciação do narcisismo no plano de enunciados que se referem a *possibilidades de relação*, na medida em que o narcisismo de um seduz aqueles que o abandonaram. Se tal proposição é dada, ao longo do parágrafo, quase como natural (novamente, pelo uso do tempo verbal no

presente), o último período parece circunscrevê-la, de rebote, num pensamento hipotético (“*É como se*”).

Além disso, detenhamo-nos um pouco mais nesse último período. Ele é interessante à medida que dois “modos de enunciar” o narcisismo aparecem concomitantemente (vide p. 76). Como um estado do psiquismo (“*conservação de um estado psíquico bem-aventurado*”), e como localização da libido (“*posição libidinal inatacável*”). O texto não explicita uma diferenciação ou oposição entre esses dois modos de enunciação, mas o discurso se abre nessa possibilidade.

Freud termina esse longo parágrafo da seguinte forma: “À grande atração da mulher narcísica não falta o reverso, porém; boa parte da insatisfação do homem apaixonado, a dúvida quanto ao amor da mulher, a queixa quanto aos enigmas do seu ser, tem sua raiz nessa incongruência entre os tipos de escolha de objeto” (Freud, 1914/2010, pp. 34-35). Mais uma vez o conceito é referido por meio de um adjetivo, que qualifica o substantivo “mulher”. E, nesse movimento, a posição da mulher e do homem no discurso parece, pelo entorno conceitual, assentar-se.

O parágrafo seguinte, entretanto, chama a atenção pela volta, depois de algumas páginas, de uma enunciação que aponta para a primeira pessoa do singular. Ele, com efeito, não parece ser supérfluo:

*Talvez não seja supérfluo garantir que esse quadro da vida amorosa feminina não implica em nenhuma tendência a depreciar a mulher. Sem contar que a tendenciosidade me é alheia, sei também que esses desenvolvimentos em direções várias correspondem à diferenciação de funções num contexto biológico altamente complicado; além disso, disponho-me a admitir que muitas mulheres amam segundo o modelo masculino e exibem a superestimação sexual própria desse tipo (Freud, 1914/2010, p. 35, grifo nosso).*

Vários são os elementos que esse curto parágrafo permite pensar. Ao inserir essa ressalva a respeito de uma tendência depreciativa em relação à mulher, *é como se o próprio autor inserisse no texto uma tensão*. Com este parágrafo, interpolado em sua discussão quase como um parêntese, o discurso volta a mostrar seu caráter contextual, vivo e aberto. Uma interlocução que é externa ao próprio discurso que se reproduz parece ganhar lugar na enunciação. Uma autoria pelo dito/escrito é declarada; Freud se expõe ao supor e antecipar críticas às suas proposições e negocia seu enunciado com o leitor. Como? Assumindo posição (“*a tendenciosidade me é alheia*”) ao mesmo passo em que se exime de parte da responsabilidade do que foi escrito ao dividi-la com a Biologia (“*esses desenvolvimentos em*



*direções várias correspondem à diferenciação de funções num contexto biológico altamente complicado*). Mais que isso: até mesmo relativizando sua proposta e dando voz ao seu interlocutor (“*disponho-me a admitir*”) – muitas mulheres, segundo ele, amam segundo o modelo masculino. No entanto, um destaque talvez seja importante: *por meio dessa mesma relativização suas proposições ratificam-se*, pois *haveria um modelo masculino* pelo qual muitas mulheres amam.

Freud, como que retomando sua discussão após as ressalvas feitas no parágrafo (“parêntese”?) acima citado, volta sua atenção mais uma vez para as mulheres narcísicas:

Também para as mulheres que *permaneceram narcísicas* e frias em relação ao homem *há um caminho que conduz ao completo amor objetal*. No filho que dão à luz, *uma parte de seu próprio corpo lhes surge à frente como um outro objeto, ao qual podem então dar, a partir do narcisismo, o pleno amor objetal*. E há mulheres que não precisam aguardar o filho para *dar o passo no desenvolvimento do narcisismo (secundário) ao amor objetal*. Antes da puberdade elas se sentiram masculinas e por algum tempo se desenvolveram masculinamente; depois que essa inclinação foi interrompida pela maturação da feminilidade, resta-lhes a *capacidade de ansiar por um ideal masculino, que na verdade é a continuação da natureza do menino que um dia tiveram* (Freud, 1914/2010, p. 35, grifo nosso).

Dois exemplos são colocados como situações nas quais a mulher narcísica “chega” ao amor objetal. É importante destacar que, no primeiro, outra vez vemo-nos diante de um raciocínio que coloca o próprio narcisismo como condição de possibilidade desse amor objetal (“*podem então dar, a partir do narcisismo, o pleno amor objetal*”), tendo o corpo papel central na articulação com o conceito (“*parte de seu próprio corpo lhes surge à frente como um outro objeto*”). Já no segundo exemplo, a referência argumentativa volta a ser o *masculino*, este como que assumindo no texto um lugar de “conceito”, que pressupõe um tipo de escolha de objeto (a de apoio).

Queremos ainda dar destaque ao seguinte fragmento: “[...] para dar o passo no desenvolvimento do narcisismo (secundário) ao amor objetal” (Freud, 1914/2010, p. 35). É o primeiro momento, nesse segundo capítulo, que é feita uma ressalva, por parêntese, que situa o enunciado em referência ao narcisismo *secundário*. Nas “*mulheres que permaneceram narcísicas*” coloca-se em jogo o narcisismo secundário; e, neste âmbito, narcisismo secundário e amor objetal são situados como momentos do desenvolvimento, o último podendo ser sucedâneo do primeiro.

O autor, no parágrafo seguinte (Freud, 1914/2010, pp. 35-36), conclui sua exposição com um sumário relativo aos modos como uma pessoa pode amar. Neste sentido, segundo o autor, a pessoa ama: o que ela mesma é, foi, gostaria de ser, ou a pessoa que foi parte dela mesma (conforme o tipo narcísico); a mulher nutriz ou o homem protetor (conforme o tipo “de apoio”); “e a série de substitutos que deles derivam” (Freud, 1914/2010, p. 36). Nesse sumário é possível verificar como a concepção de narcisismo, pelas qualificações propostas, se faz concreta *no entendimento de modos de relação*: “Essas qualidades da relação atestariam a existência e a permanência do narcisismo na base de toda relação” (Guirado, 2010, p. 118).

Chegamos, enfim, ao parágrafo que encerra o segundo capítulo do texto. Freud assim o desenvolve:

*O narcisismo primário que supomos na criança, que contém uma das premissas de nossas teorias sobre a libido, pode ser mais facilmente confirmado por inferência retrospectiva de um outro ponto do que apreendido por observação direta. Quando vemos a atitude tenra de muitos pais para com seus filhos, temos de reconhecê-la como revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo abandonado. Como todos sabem, a nítida marca da superestimação, que já na escolha de objeto apreciamos como estigma narcísico, domina essa relação afetiva. Os pais são levados a atribuir à criança todas as perfeições – que um observador neutro nelas não encontraria – e a ocultar e esquecer todos os defeitos, algo que se relaciona, aliás, com a negação de sexualidade infantil (Freud, 1914/2010, p. 36, grifo nosso).*

É válido notar como o primeiro período desse parágrafo parece fazer remissão àquele que abriu o capítulo: trata-se, aqui, da possibilidade de “confirmar” o narcisismo. No entanto, os termos usados como que *dispõem o modo de dizer o narcisismo numa tensão entre relativização e naturalização*: o narcisismo é anunciado como um suposto, uma premissa da(s) teoria(s) da libido, mas ao mesmo tempo é colocado como fato, passível de ser confirmado. Como? Por *inferência* retrospectiva, mais do que por apreensão por observação direta. Neste particular (paradoxal?) modo de dizer, uma *suposição* parece ser dotada de legitimidade pela possibilidade de sua *confirmação* (por inferência...). No limite, *o discurso configura um conceito cuja condição de enunciação legítima reside, pelo menos nesse momento, na sua qualidade de verdade*. Como, então, se confirma (se infere) essa verdade? Com outra, derivada do próprio modo de pensar o narcisismo: “Quando vemos a atitude tenra de muitos pais para com seus filhos, *temos de reconhecê-la* como revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo abandonado”. E, por imitação subversiva (“*Como todos sabem*”),

essa outra verdade convence: “Como todos sabem, a nítida marca da superestimação, [...] estigma narcísico, domina essa relação afetiva”.

É importante também destacar que se reforça aqui o narcisismo como constitutivo de relação pela via da superestimação, “*estigma narcísico*” da relação com objetos. E estando a relação no cerne da questão, retomamos e reafirmamos: “o narcisismo coloca o eu na perspectiva do outro” (Guirado, 2010, p. 117).

Para finalizarmos a análise do segundo capítulo, deixaremos que as próprias palavras de Freud – ao terminar o capítulo ainda desenvolvendo sua discussão a respeito da atitude de pais frente a seus filhos – mostrem como essa relação, marcadamente afetiva e quase que “paradigma” de amor objetal, é tingida pelas cores de uma qualidade narcísica:

Mas também se verifica a tendência a suspender, face à criança, todas as conquistas culturais que *seu próprio narcisismo foi obrigado a reconhecer*, e a nela renovar as exigências de privilégios há muito renunciados. *As coisas devem ser melhores para a criança do que foram para seus pais, ela não deve estar sujeita às necessidades que reconhecemos como dominantes na vida.* Doença, morte, renúncia à fruição, restrição da própria vontade não devem vigorar para as crianças, tanto as leis da natureza como as da sociedade serão revogadas para ela, que novamente será centro e âmago da Criação. *His Majesty the Baby*, como um dia pensamos de nós mesmos. *Ela deve concretizar os sonhos não realizados de seus pais, tornar-se um grande homem ou herói no lugar do pai, desposar um príncipe como tardia compensação para a mãe.* No ponto mais delicado do sistema narcísico, a imortalidade do Eu, tão duramente acossada pela realidade, a segurança é obtida refugiando-se na criança. *O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão a narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetal revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora* (Freud, 1914/2010, pp. 36-37, grifo nosso).

### 3. Terceiro capítulo: entre a delimitação de fronteiras institucionais e a produção de uma “nova” concepção de neurose

É coerente, agora que chegamos ao terceiro e último capítulo do texto (Freud, 1914/2010, pp. 37-50), dar início à sua análise do mesmo modo pelo qual pareceu-nos pertinente começar a análise do capítulo anterior: detendo-nos no parágrafo que o inaugura e, assim, atentando para a passagem de um capítulo ao outro.

Freud principia da seguinte maneira:

*As perturbações a que está exposto o narcisismo original da criança, as reações com que delas se defende, as vias pelas quais é impelido a fazê-lo – isso eu gostaria de deixar em suspenso, como um importante material de trabalho que ainda aguarda exploração. A sua parte mais significativa podemos destacar como “complexo da castração” (angústia relativa ao pênis, no garoto; inveja do pênis, na garota) e tratar em conexão com o efeito da intimidação sexual exercida sobre a criança (Freud, 1914/2010, pp. 37-38, grifo nosso).*

Alguns pontos merecem destaque antes de continuarmos a transcrição desse primeiro parágrafo. No modo como o discurso se organiza, uma nova “verdade” é configurada de antemão e dada como natural ao leitor: o narcisismo original *está* exposto a perturbações. Nesse mesmo sentido, podemos notar que o narcisismo, na esteira do pensamento desenvolvido no capítulo anterior, também aqui parece ser colocado como fato (“*narcisismo original da criança*”), o que ratifica seu lugar de verdade no plano enunciativo do discurso freudiano nesse texto. E, como foi recorrente no primeiro e (principalmente) no segundo capítulo, mais uma temática, já firmada no âmbito institucional do conhecimento psicanalítico constituído, se abre como passível de discussão sob a “tônica” do narcisismo: o complexo de castração.

Outro elemento, no entanto, nos chama a atenção com especial destaque. É possível verificar que há a disposição de um tema que, de imediato e no âmbito de uma enunciação em primeira pessoa do singular, é colocado em suspenso e que subsequentemente, num movimento “contrário” e no âmbito de uma enunciação em primeira pessoa do plural, é desenvolvido pela indicação de uma especificidade. Esta oscilação entre sujeitos da enunciação concomitante a uma espécie de “afirmação negada” no discurso causa-nos um estranhamento e nos faz remeter, pela maneira como se configura o discurso, ao primeiro capítulo do texto; nas implicações que nossa análise “impõe” ao texto freudiano, cabe perguntarmos, como o fizemos anteriormente, sobre esse movimento do discurso: haveria aqui um efeito de uma tensão no contexto de produção do texto? Não temos elementos suficientes para corroborar este ponto de vista. Contudo, com essas pistas que se mostram no discurso, já podemos conjecturar, pelo menos num primeiro momento e ainda sem subsídios analíticos, que a colocação desse tema pode não ser natural, fortuita ou sem efeitos. Com esse destaque em mente, sigamos o parágrafo:

*A investigação psicanalítica, que normalmente nos leva a acompanhar os destinos dos instintos libidinais, quando estes, isolados dos instintos do Eu, acham-se em oposição aos últimos, nos permite nesse campo fazer inferências sobre uma época e uma situação psíquica em que as duas*

*classes de instintos surgem como interesses narcísicos, ainda operando em concerto e inseparavelmente unidas. Alfred Adler criou a partir desse contexto o seu “protesto masculino”, que ele erige em quase única força motriz na formação do caráter e da neurose, enquanto a fundamenta numa valoração social, e não numa tendência narcísica, portanto ainda libidinal. A pesquisa psicanalítica reconheceu desde o início a existência e a importância do “protesto masculino”, mas em oposição a Adler defendeu sua natureza narcísica e sua origem no complexo de castração. Ele é da formação do caráter, na gênese do qual participa com muitos outros fatores, e não se presta em absoluto para o esclarecimento dos problemas da neurose, nos quais Adler quer considerar apenas a maneira como servem ao interesse do Eu (Freud, 1914/2010, pp. 38-39, grifo nosso).*

Freud retoma a discussão sobre as duas classes de pulsão que, numa determinada época ou situação psíquica, operariam unidas e em consonância como interesses narcísicos. Vejamos que, mais uma vez, o que fia o dito/escrito é a investigação psicanalítica, e que “narcísico” é um adjetivo que qualifica o surgimento dos interesses das duas classes de pulsões “*nessa situação psíquica*” (estado psíquico do narcisismo), em que atuam conjuntamente. É curioso que, novamente, *dois modos de enunciar o narcisismo aparecem ao mesmo tempo*: como época/situação/estado do psiquismo e como qualificação de modos de expressão da pulsão.

É, contudo, a declaração da outra grande interlocução do texto que nos parece essencial destacar. Alfred Adler é convocado ao debate precisamente nesse momento do texto, mas como? Freud destaca que Adler cria suas proposições “*a partir desse contexto*”: este se refere ou ao que foi desenvolvido imediatamente antes – a situação psíquica em que as duas classes de pulsão operam em conjunto (o estado do *narcisismo*) – ou ao complexo de castração (parte mais significativa das perturbações ao *narcisismo*). Ora, de um modo ou de outro, o que se coloca como ponto argumentativo de articulação para o debate é o narcisismo. *A interlocução se explicita enquanto mostra seu ponto de inflexão, ou melhor, ela se anuncia nos elementos que foram produzidos nesse texto e, desse modo, mostra seu lugar na própria produção do narcisismo.*

Há, nesse mesmo sentido, mais a se notar. O que Freud destaca das proposições de Adler? Que seu “protesto masculino” é situado como principal fator na formação da neurose, e cuja fundamentação *não é situada numa tendência narcísica, não é libidinal*. De modo análogo ao que foi possível destacar na análise do final do primeiro capítulo, o que se mostra no discurso parece ser uma tentativa de manutenção de uma especificidade do conhecimento psicanalítico cujo monopólio delimita para a psicanálise de Freud um objeto (*institucional?*) na produção do saber: a sexualidade. E como isso se dá? *Pelo conceito de narcisismo*: “A

pesquisa psicanalítica reconheceu desde o início a existência e a importância do “protesto masculino”, *mas em oposição a Adler defendeu a sua natureza narcísica* e sua origem no complexo de castração” (Freud, 1914/2010, p. 38, grifo nosso). Do mesmo modo como nossa análise pode configurar o debate com Jung no final do primeiro capítulo, aqui também destacamos como Adler é excluído da pesquisa psicanalítica (“*em oposição a Adler*”) e suas proposições são deslegitimadas, mas no mesmo movimento são *reconhecidas* e inseridas dentro do “campo do verdadeiro”<sup>33</sup> da psicanálise freudiana, assim deixando sua marca na legitimação do conceito de narcisismo.

Se, acima, nos questionamos sobre a possibilidade de que a inserção desta temática (perturbações ao narcisismo, complexo de castração) no início do capítulo pudesse estar implicada numa tensão do contexto de produção do texto, talvez agora tenhamos podido demonstrar a pertinência dessa hipótese.

O modo como Freud encerra esse parágrafo inicial do terceiro capítulo também chama à reflexão, na medida em que a autoria volta a ser declarada no discurso:

*Acho impossível* colocar a gênese da neurose sobre a base estreita do complexo de castração, por mais que este compareça, nos homens, entre as resistências à cura da neurose. Afinal, *conheço* também casos de neurose em que o “protesto masculino” ou, tal como entendemos, o complexo da castração, não tem papel patogênico ou simplesmente não aparece (Freud, 1914/2010, p. 39, grifo nosso).

São feitas aqui afirmações que, em certa medida, causam estranhamento. Elas são como que contraditórias com a própria psicanálise freudiana, anterior e posterior ao texto de 1914, e isso tudo no âmbito de uma enunciação em primeira pessoa do singular. Na edição Standard Brasileira das obras completas de Freud, encontramos exatamente ao final do extrato acima citado uma nota de rodapé feita pelo editor inglês, James Strachey, que chama a atenção para o fato de que o próprio Freud, numa carta de 1926, admite não lembrar o que tinha em mente ao fazer tais afirmações: “[...] não poderia citar qualquer neurose na qual esse complexo não fosse encontrado, e de qualquer maneira hoje não teria escrito a mesma frase” (Freud, 1914/1969, p. 110, nota 1). Na particularidade do contexto que dispõe as condições de produção desse texto – e nas suas implicações na construção do saber (narcisismo) –, seu desenho configura-se sob as cores da tensão... *É o caráter de acontecimento do discurso.*

---

<sup>33</sup> Como já apontamos (vide p. 63), segundo Foucault, em *A ordem do discurso* (1971/1996, p. 34), somente quando uma afirmação é colocada no “campo do verdadeiro” se pode também dizer que seja falsa, ou seja, que não corresponde à verdade daquele saber (o psicanalítico, no caso). O discurso adleriano é colocado no “campo do verdadeiro” da psicanálise freudiana (pela sua exclusão) e assume lugar no âmbito de produção de suas verdades.

Propomos, destarte, tomando como referência Guirado (2010, p. 45): é como se ficasse mostrada no discurso uma reivindicação de monopólio por um objeto (o conhecimento que pode ser reclamado como psicanalítico), que se dá na delimitação de âmbitos de ação (de pensamento?) com interlocutores. *O conceito de narcisismo assume assim, no limite desse modo de pensar a que submetemos o texto freudiano, o lugar de um saber que ratifica as fronteiras da psicanálise como instituição do conhecimento.*

Vemos, com este primeiro parágrafo, que a passagem do segundo para o terceiro capítulo também implica, de maneira similar ao que ocorreu na passagem do primeiro para o segundo, como que uma mudança na cena enunciativa. Feitos esses apontamentos iniciais, sigamos também, ponto por ponto, este capítulo que encerra o texto freudiano.

No segundo parágrafo, Freud muda o foco da discussão e o texto parece retomar seu curso: o tema é como que deslocado das perturbações a que está exposto o narcisismo (mais ligado a um “plano psicopatológico”) para os “destinos” do narcisismo (mais ligado a um “plano do desenvolvimento”):

*A observação do adulto normal revela que a sua megalomania de outrora arrefeceu e que se apagaram os traços psíquicos a partir dos quais desvelamos o seu narcisismo infantil. O que aconteceu à sua libido do Eu? Devemos supor que todo o seu montante passou para investimentos de objeto? Essa possibilidade contradiz evidentemente o veio de nossas discussões; mas podemos tomar à psicologia da repressão também uma pista para outra resposta à pergunta (Freud, 1914/2010, p. 39, grifo nosso).*

É possível notar como, com efeito, essa mudança no tema de discussão é feita de modo abrupto, visto que não se mostra no texto uma ligação entre o parágrafo que agora citamos e o anterior. No mesmo movimento, o sujeito da enunciação retorna para a primeira pessoa do plural. Isso parece demarcar como que uma nova mudança na cena enunciativa, cujo desenho passa a assemelhar-se àquele por nós configurado no segundo capítulo: a interlocução volta a ser quase que interna ao discurso que, pelo menos inicialmente, parece se fechar.

Sigamos então as palavras de Freud. Logo no primeiro período do extrato é válido verificar como o narcisismo novamente é colocado como verdade descoberta (“desvelamos”). Uma verdade que, no entanto, circunscreve ela própria, na sua descoberta, um novo problema: o que acontece com o narcisismo infantil? É digno de nota que esse é o primeiro momento do capítulo em que Freud coloca perguntas ao leitor – de certa maneira, o discurso mostra um enunciado que se coloca como “em construção, e com a cumplicidade do leitor” (“Devemos

*supor*”). E, exatamente nesse contexto de enunciação, a “infiltração” do narcisismo nos núcleos teóricos da psicanálise prossegue deixando seus efeitos... Agora, na psicologia da repressão.

Anunciado esse novo caminho de discussão, no parágrafo seguinte Freud volta-se para a teoria (já estabelecida) e se coloca a tarefa de explicitar o que é a repressão, mas, em especial, de “onde” ela vem:

Aprendemos que os *impulsos instintuais da libido sofrem o destino da repressão patogênica, quando entram em conflito com as ideias morais e culturais do indivíduo*. Com isso não entendemos jamais que a pessoa tenha um simples conhecimento intelectual da existência de tais ideias, mas que as reconheça como determinantes para si, que se submeta às exigências que delas partem. *Dissemos que a repressão vem do Eu; podemos precisar: vem do autorrespeito do Eu* (Freud, 1914/2010, p. 39, grifo nosso).

Interessa-nos aqui destacar o lugar privilegiado que ocupa a noção de Eu (ou autorrespeito do Eu) na argumentação. Ao discorrer sobre um assunto tão nodal em sua teoria (repressão), vemos que Freud restringe ou pelo menos delimita o desenvolvimento do tema sob um matiz específico: *o papel do Eu nesse processo* (é precisamente isso que, como veremos, permite a ponte conceitual entre repressão e narcisismo). Continuemos a seguir o argumento freudiano nesse parágrafo:

As mesmas impressões, vivências, impulsos, desejos que uma pessoa tolera ou ao menos elabora conscientemente são rejeitados por outra com indignação, ou já sufocados antes de se tornarem conscientes. A diferença entre as duas, que contém a condição da repressão, pode ser facilmente colocada em termos que possibilitam uma explicação pela teoria da libido. Podemos dizer que uma erigiu um *ideal* dentro de si, pelo qual mede seu Eu atual, enquanto à outra falta essa formação de ideal. Para o Eu, a formação do ideal seria a condição para a repressão (Freud, 1914/2010, pp. 39-40, grifo do autor).

É dada ênfase à singularidade com que cada pessoa pode lidar com esse jogo de impulsos – ideias morais/culturais – conflito – repressão. No entanto, a noção que, no centro desse jogo, articula uma possibilidade de explicação é a noção de Eu. Por quê? Se o Eu foi colocado como o executor da repressão, *é exatamente por ele que é situada a condição da mesma*: a criação de um ideal dentro da pessoa pelo qual ela mede seu Eu real. O parágrafo, escrito com verbos no passado e no presente, se encerra com um verbo no futuro do pretérito, recolocando as verdades produzidas na tensão com sua qualidade de hipóteses: “Para o Eu, a



formação do ideal seria a condição para a repressão”. A repressão aparece como efeito de uma ação do Eu, cuja condição de possibilidade dá-se pelo “choque” entre esse mesmo Eu e um ideal.

Outro aspecto do extrato nos causa impressão. Tomemos o seguinte período: “A diferença entre as duas, que contém a condição da repressão, pode ser facilmente colocada em termos que possibilitam *uma explicação pela teoria da libido*” (Freud, 1914/2010, p. 40, grifo nosso). Tendo em mente a discussão que encerrou o primeiro capítulo e aquela desenvolvida no parágrafo inicial deste terceiro, talvez seja pertinente destacar como esse período se posiciona, nesse momento do texto, de modo a marcar para essa nova construção teórica – formação de ideal – sua qualidade libidinal e, assim, seu contexto sexual. *A sexualidade, no plano das explicações possíveis pela psicanálise, é novamente reiterada.*

O parágrafo seguinte dá continuidade à discussão, finalmente posicionando o lugar do narcisismo neste âmbito teórico:

*A esse ideal do Eu dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal* (Freud, 1914/2010, p. 40, grifo nosso).

O ideal do Eu parece se configurar como uma suposição teórica que articula uma explicação não só sobre a repressão, mas também sobre o que se sucedeu com o narcisismo. Ele seria o novo “destino” do amor a si mesmo, quase que abrindo a possibilidade de pensar uma nova localização da libido; nesse sentido, vale destacar o uso do termo “*deslocado*” que, ao fazer a referência da relação entre o narcisismo e o Eu ideal, parece colocar novamente o narcisismo em termos de localização e movimento. Ademais, Freud situa esse movimento no âmbito da satisfação da libido, colocando assim o próprio ideal do Eu, condição da repressão, como “*substituto*” de um *modo narcísico de satisfação da libido*. Usamos aqui o adjetivo “narcísico” como que aproveitando a forma como o próprio autor coloca a ideia de narcisismo: como adjetivo (no extrato, qualificando o substantivo “perfeição”).

Destacamos que, pelo menos até esse momento do texto, não há uma explicação sobre como se dá a formação do ideal; o que se mostra no texto é que *há* a formação de um ideal,

que é tanto a condição da repressão como o substituto para o narcisismo infantil. Das implicações que podemos observar nesse modo como as ideias de Freud são colocadas, destacamos duas. Primeira: retomando o que impulsionara o desenvolvimento dessas hipóteses, lembremos que a pergunta freudiana era: “O que aconteceu à sua libido do Eu?” (Freud, 1914/2010, p. 39). Dado o que se mostra pelo texto, parece plausível destacar no ideal do Eu a nova localização da libido, ou seja, é para uma imagem de si (Guirado, 2010) que se dá o direcionamento da libido. Segunda: o narcisismo parece ser colocado, por implicação teórica, como *constitutivo da condição da repressão...*

É relevante apontar, antes de prosseguirmos, que Freud começa usando a expressão “*ideal do Eu*”, depois utiliza a expressão “*novo Eu ideal*”, voltando novamente a usar a expressão “*ideal do Eu*”. O autor como que desliza entre essas expressões, e seu uso não é discriminado. Aquilo que recebe discriminação são “momentos do desenvolvimento”: um primeiro, o próprio narcisismo infantil (no qual o amor a si mesmo é desfrutado pelo Eu real, sendo ele próprio ideal, perfeito), e um segundo, o destino desse narcisismo infantil (no qual o amor a si mesmo é desfrutado pelo Eu real mediante a projeção de uma imagem de si, sendo ela ideal, perfeita). Esta diferenciação é suportada pela noção de narcisismo como direcionamento da libido para o Eu e como um modo de satisfação (e isso no plano do desenvolvimento do indivíduo). Não é dada nenhuma especificidade conceitual para os termos ideal do Eu e Eu ideal que os diferencie<sup>34</sup>, sendo seu uso indiscriminado ou, talvez, indeterminado.

Dando continuidade ao texto, vemos Freud decorrer desse contexto de ideias uma outra discussão teórica:

Isso nos leva a indagar sobre as relações entre a formação de *ideal* e a *sublimação*. A sublimação é um processo atinente à libido objetal e consiste em que o instinto se lança a outra meta, distante da satisfação sexual; a ênfase recai no afastamento ante o que é sexual. A idealização é um processo envolvendo o objeto, mediante o qual este é aumentado e psiquicamente elevado sem que haja uma transformação de sua natureza. A idealização é possível no âmbito da libido do Eu e no da libido objetal. *De modo que a superestimação sexual do objeto, por exemplo, é uma idealização dele*. Na medida, portanto, em que a sublimação descreve algo que sucede ao instinto, e a idealização, algo que diz respeito ao objeto, devemos separá-las conceitualmente (Freud, 1914/2010, pp. 40-41, grifo nosso).

---

<sup>34</sup> Curiosamente, na edição Standard Brasileira das obras completas de Freud, a tradução desse parágrafo é feita de modo que encontramos apenas o uso da expressão “*ego ideal*” (Freud, 1914/1969, p. 111).

Vemos aqui uma tentativa de precisar conceitualmente termos teóricos. “Sublimação” seria um termo usado para descrever um processo relativo à libido objetual, concernente ao desvio da meta sexual, e ligado à pulsão. Já “idealização” seria um termo usado para descrever um processo relativo ao objeto, concernente à sua elevação psíquica sem uma transformação de sua natureza, possível tanto no plano da libido objetual como no da libido do Eu. Notemos que essas diferenças marcam escopo e alvo específicos, e é isso o que justifica a distinção conceitual.

É curioso destacar o exemplo dado por Freud no sentido de explicar a idealização: “[...] a superestimação sexual do objeto, por exemplo, é uma idealização dele”. Se lembrarmos que, no capítulo anterior, Freud descreveu a superestimação sexual como um estigma narcísico, não parece exagero aproximar, no discurso freudiano, narcisismo e idealização. Ou, arriscando mais, propor que, em Freud, o termo “idealização” descreve um processo narcísico...

É importante notar que esta nova temática é introduzida do seguinte modo: “Isso nos leva a indagar sobre as relações entre formação de ideal e a sublimação”. Da discussão precedente para aquela que agora se desenrola, Freud faz uma conexão apenas por intermédio desse período, deixando em aberto o motivo dessa indagação. É apenas no parágrafo subsequente que se mostra o lugar dessa discussão na argumentação do autor:

A formação do ideal do Eu é frequentemente *confundida*, em prejuízo da compreensão, com a sublimação do instinto. Haver trocado seu narcisismo pela veneração de um elevado ideal do Eu não implica ter alcançado a sublimação de seus instintos libidinais. É certo que o ideal do Eu requer tal sublimação, mas não pode forçá-la; a sublimação continua sendo um processo particular, cuja iniciação pode ser instigada pelo ideal, mas cuja execução permanece independente da instigação (Freud, 1914/2010, p. 41, grifo nosso).

Agora sim Freud contextualiza a necessidade da separação ou precisão conceitual, situando-a especificamente numa confusão conceitual: a formação do ideal do Eu<sup>35</sup> e sua veneração (substituto do narcisismo) não implica sublimação da pulsão – os processos aos quais se referem os termos permanecem independentes. O que mais nos interessa destacar,

---

<sup>35</sup> Deste ponto em diante, até o final do texto, é feito uso apenas da expressão “*ideal do Eu*”, não sendo mais feito uso da expressão “*Eu ideal*”. Do mesmo modo ocorre da edição Standard Brasileira: a partir desse parágrafo (Freud, 1914/1969, p. 111) é feito uso apenas da expressão “*ideal do ego*”, não sendo mais feito uso da expressão “*ego ideal*”. Reiteramos assim nosso posicionamento e ponto de vista a respeito da indeterminação com que são utilizadas essas expressões por Freud e sua não discriminação conceitual por parte do autor.

contudo, é o modo como Freud embasa essa proposição – recorrendo, mais uma vez, à observação clínica:

*Precisamente nos neuróticos encontramos as maiores diferenças de tensão entre desenvolvimento do ideal do Eu e o grau de sublimação de seus primitivos instintos libidinais, e em geral é bem mais difícil convencer os idealistas do que os homens simples, modestos em suas pretensões, acerca do inadequado paradeiro de sua libido. A formação do ideal e a sublimação também se relacionam diferentemente à causação da neurose. Como vimos, a formação de ideal aumenta as exigências do Eu e é o que mais favorece a repressão; a sublimação representa a saída para cumprir a exigência sem ocasionar repressão (Freud, 1914/2010, p. 41, grifo nosso).*

Se a necessidade da separação conceitual é situada numa confusão, seu contexto de procedência mostra o âmbito da própria construção de conceitos em Freud: *a neurose*. É com a observação desta e, principalmente, para a sua explicação, que os termos são caracterizados. E caracterizados, no extrato, quase que em “oposição” pelos diferentes lugares que assumem na montagem de um quadro explicativo da neurose. Esta é, portanto, o parâmetro. E é pensada, aqui, sob o prisma da repressão, sendo colocada como sua decorrência. Nisso, outra implicação no modo como se configura o discurso parece a nós relevante: se lembrarmos que a formação de ideal foi situada como condição da repressão, esse ideal é colocado, assim, como “condição” da neurose<sup>36</sup>. Ora, o que subjaz na formação do ideal do Eu? O narcisismo, por conseguinte ou por implicação ou por hipótese nossa, assume aqui também o lugar de “condição” da neurose... *E atinge, no terreno da psicanálise freudiana, o objeto por excelência de suas práticas de saber.*

Dando continuidade ao capítulo, Freud fala da possibilidade de existência de uma instância psíquica especial que garanta a satisfação narcísica pelo ideal do Eu. O modo como este assunto é introduzido parece anunciar mais uma hipótese (“*Não seria de admirar se*”):

*Não seria de admirar se encontrássemos uma instância psíquica especial, que cumprisse a tarefa de assegurar a satisfação narcísica a partir do ideal do Eu e que, com esse propósito, observasse continuamente o Eu atual, medindo-o pelo ideal. Havendo uma tal instância, será impossível para nós descobri-la; poderemos apenas identificá-la e constatar que o que chamamos de nossa consciência moral tem essas características (Freud, 1914/2010, pp. 41-42, grifo nosso).*

---

<sup>36</sup> E, vale a pena destacar, a *sublimação aparece como alternativa à repressão e, por efeito, à própria neurose*.

Se a hipótese faz referência à existência de uma instância psíquica particular, como esta se configura? A partir da *descrição de suas funções*! Cumpriria a tarefa de garantir satisfação narcísica a partir do ideal do Eu (narcisismo aqui é novamente colocado como adjetivo, que qualifica um modo de satisfação) pela observação do Eu atual e sua comparação com o ideal. Mais além, são interessantes os termos usados por Freud ao pensar a viabilidade de “verificação” da hipótese: se tal instância existe, não se pode “*descobri-la*”, mas apenas “*identificá-la*” nas “*características*” de nossa consciência moral. Vejamos que, se a própria configuração da hipótese sobre essa instância psíquica deu-se pela descrição de suas funções, também sua “verificação” é feita por analogia a características e funções do que comumente se chama de consciência moral. Embora a ideia de instância (lugar?) possa produzir no discurso uma espécie de “substancialização” do aparelho psíquico, no próprio modo como Freud escreve abre-se a possibilidade de pensar essa mesma instância em termos de função psíquica (Guirado, 2010), dotando a hipótese de uma qualidade mais descritiva em paralelo (contraste?) à sua qualidade de verdade/fato.

É relevante destacar, na continuação do argumento, que é pela legitimação dessa propositura teórica (“*reconhecimento*”) que se desenha a possibilidade de construção de sentido para outro sintoma, o delírio de ser notado/observado:

O reconhecimento dessa instância nos torna possível compreender o que chamam delírio de ser notado ou, mais corretamente, *observado*, que surge de maneira tão clara na sintomatologia das doenças paranoides, podendo sobrevir também como doença isolada, ou entremeadada na neurose de transferência. Os doentes se queixam então de que todos os seus pensamentos são conhecidos, todas as suas ações notadas e vigiadas; há vozes que os informam do funcionamento dessa instância, falando-lhes caracteristicamente na terceira pessoa (“Agora ela pensa novamente nisso; agora ela vai embora”). Essa queixa é justificada, ela descreve a verdade; um tal poder, que observa todos os nossos propósitos, inteirando-se deles e os criticando, existe realmente, e existe em todos nós na vida normal. O delírio de ser notado a apresenta de forma regressiva, e nisso revela a sua gênese e o motivo pelo qual o enfermo se revolta contra ela (Freud, 1914/2010, p. 42, grifo do autor).

Podemos notar que há, nessa construção argumentativa, um rigor e um compromisso com um determinado modo de pensar, subsidiado pelo pressuposto que já deixou sua marca tanto no primeiro como no segundo capítulo: “se algo aparece na patologia, isso em algum momento fez parte do desenvolvimento normal”. Constitutivo do discurso freudiano nesse texto, este pressuposto delinea, como já indicamos na análise do segundo capítulo, um modo de produção de conhecimento, como que dispendo uma regra do exercício da enunciação em

psicanálise: “*Essa queixa é justificada, ela descreve a verdade; um tal poder [...] existe realmente, e existe em todos nós na vida normal*”.

O parágrafo que segue aquele acima citado começa com a conjunção “pois”, anunciando assim uma explicação a respeito daquilo que fora desenvolvido:

Pois a *incitação a formar o ideal do Eu*, cuja tutela foi confiada à consciência moral, *partiu da influência crítica dos pais intermediada pela voz*, aos quais se juntaram no curso do tempo os educadores, instrutores e, como uma hoste inumerável e indefinível, todas as demais pessoas do meio (o próximo, a opinião pública). (Freud, 1914/2010, p. 42, grifo nosso).

Freud já havia falado da formação do ideal como destino do narcisismo, mas é só agora que se coloca em questão o *como se forma o ideal*. Em seus termos, “pela influência crítica dos pais intermediada pela voz” (e seus substitutos). É a “*influência crítica*” que faz a ligação entre os parágrafos e que, veiculada pela “*voz dos pais*”, confere ao ideal do Eu uma característica peculiar: *é efeito de relação*. O narcisismo, sob um matiz um pouco diferente, volta a posicionar-se no âmbito das relações: na sua “origem”, aparece como condição/base de relação, e no seu “destino”, como resguardado em efeito de relação, sob uma tonalidade crítica.

É interessante também notar como o ideal do Eu constitui-se para ser “tutelado” por uma consciência moral (ou, se não for ir longe demais, constitui-se como consciência moral). Isso como que nos possibilita desenhar, no escopo descritivo das hipóteses freudianas, o ideal do Eu como a composição de *imagem associada a uma função*, bastante particular.

A explicação, contudo, continua no parágrafo subsequente:

Grandes quantidades de libido essencialmente homossexual foram assim carreadas para a formação do ideal narcísico do Eu, e acham vazão e satisfação em conservá-lo. A instituição da consciência moral foi, no fundo, uma corporificação inicialmente da crítica dos pais, depois da crítica da sociedade, processo que é repetido quando nasce uma tendência à repressão a partir de uma proibição ou um obstáculo primeiramente externos. As vozes e a multidão indefinida são trazidas à luz pela doença, a evolução da consciência moral se reproduz regressivamente. Mas a revolta contra essa *instância censória* vem de que a pessoa, consoante o caráter fundamental da doença, quer se livrar de todas essas influências, começando pela dos pais, e retira deles a libido homossexual. A sua consciência moral lhe aparece então, em forma regressiva, como hostil interferência de fora (Freud, 1914/2010, pp. 42-43, grifo do autor).

O termo “carreadas” volta a dar destaque aos movimentos de localização da libido; a formação do ideal do Eu configura-se, dessa maneira, como efeito de um particular direcionamento da libido. Verifiquemos, nesse mesmo sentido, que “*ideal*” é qualificado pelo adjetivo “*narcísico*”; novamente a ideia de narcisismo é situada como uma qualidade, um modo de pensar e descrever o psiquismo sob a tônica dos vetores da libido e seus efeitos (Guirado, 2010). Somemos a isso mais um elemento: nesse particular direcionamento da libido para uma imagem de si, incitado pela influência crítica dos pais (como vimos acima) e cujo efeito é a formação do ideal do Eu, delimita-se um modo específico de satisfação da libido (uma “*satisfação narcísica*”<sup>37</sup>), a saber, a conservação dessa imagem no seu confronto com o Eu real. Desse modo, como já apontado por Guirado (2010, p. 119), o paradoxo do narcisismo parece se mostrar novamente: no âmbito de seu destino, a ação do narcisismo (como movimentos de localização da libido, que da erotização do Eu partiram para a erotização do mundo e das relações) volta-se para o próprio Eu real como *censura*, impondo-lhe limites.

Outra característica do extrato se mostra peculiar. Freud começara sua explicação no que se refere à *formação do ideal do Eu*, para em seguida discorrer sobre a *consciência moral*, que subsequentemente é colocada como *instância censória*. Parece haver um hiato no texto entre a formação do ideal do Eu – uma projeção (incitada pela influência crítica dos pais mediante suas vozes e possível por um certo direcionamento da libido) do melhor de si numa imagem que é confrontada com o Eu real – e a “*corporificação*” da influência crítica dos pais e da sociedade na “*instituição da consciência moral*”. Um hiato que não se explica e que, pelas exigências impostas pelo nosso método de análise, não visamos a explicar, apenas destacar. O máximo que podemos dizer é que todos estes “nomes” teóricos, curiosamente, relacionam-se no texto não por delimitação conceitual explícita (não são feitas referências a mecanismos ou ações diferenciadas), mas sim por implicação de características análogas, nas quais fica em relevo a noção de *censura*, cerceamento. A teoria, como conjunto de verdades, “é falada” de modo aberto.

Talvez também seja pertinente apontar mais um aspecto. Vemos que a “*instituição da consciência moral*” é colocada como *corporificação* de críticas inicialmente externas que conduzem à repressão: se com este termo “*corporificação*” parece produzir-se, mais uma vez e com efeito, um entendimento do aparelho psíquico que o “substancializa”, quando Freud

---

<sup>37</sup> “Não seria de admirar se encontrássemos uma instância psíquica especial, que cumprisse a tarefa de assegurar a *satisfação narcísica a partir do ideal do Eu e que, com esse propósito, observasse continuamente o Eu atual, medindo-o pelo ideal*” (Freud, 1914/2010, p. 41, grifo nosso).

coloca em pauta a doença como uma retirada de libido com efeitos psíquicos específicos voltamos ao plano descritivo dos movimentos de direção da libido; de certo modo, no âmbito do modo de pensar introduzido com a ideia de narcisismo, uma “substancialização” do aparelho psíquico é recorrentemente tensionada com uma hipótese descritiva do mesmo que pode prescindir da “busca” de seu caráter substancial.

Ainda no destaque das relações entre doença e consciência moral, Freud desenvolve mais um ponto:

A queixa da paranoia mostra também que a autocrítica da consciência moral coincide no fundo com a auto-observação, sobre a qual está construída. Portanto, a mesma *atividade psíquica* que assumiu a *função* da consciência moral se pôs também a serviço da pesquisa interior, que fornece à filosofia o material para suas operações intelectuais. Isso teria algo a ver com o impulso à construção de sistemas especulativos, peculiar à paranoia (Freud, 1914/2010, p. 43, grifo nosso).

É do contexto clínico que se tira o suporte da afirmação da hipótese, novamente. Qual? A coincidência da autocrítica da consciência moral e a auto-observação. O que se coloca em questão, mais uma vez, são característica ou funções psíquicas (“*atividade psíquica que assumiu a função*”), pelas quais se produz uma explicação possível do próprio desenvolvimento do sintoma na doença.

Dando continuidade a seu texto, Freud desenvolve no parágrafo seguinte mais um aspecto que promova sustentação para sua hipótese a respeito de uma instância crítica. Para tal, propõe a análise de *outro campo* de pesquisa psicanalítica (sonhos) e o faz em *interlocução* (Silberer):

Para nós será importante, não há dúvida, reconhecer ainda em outros campos indícios dessa instância criticamente observadora, elevada a consciência e a introspecção filosófica. Aduzirei aqui o que Herbert Silberer descreveu como o “fenômeno funcional”, um dos poucos acréscimos de valor indiscutível à teoria dos sonhos (Freud, 1914/2010, pp. 43-44).

É curioso notar como o movimento investigativo/argumentativo nos últimos parágrafos segue um curso “familiar” no âmbito do discurso freudiano: primeiramente propôs-se a *existência* de uma instância psíquica especial (cuja função é observar e medir o Eu atual pelo ideal), identificando-a nas características da consciência moral; posteriormente buscou-se *pertinência* para a hipótese no campo do patológico, pela descrição de sintomas (em especial, da paranoia); finalmente, busca-se agora mais um elemento de *sustentação* para



a hipótese no campo dos sonhos. É como se, neste recorte que fazemos do terceiro capítulo do texto, ficasse mostrado em ato um “percurso” de produção de conhecimento em psicanálise, marcadamente freudiano – do campo da patologia para o campo dos sonhos. Isto, sob a égide do pressuposto básico que define, como propusemos, o método (e as regras) da produção do saber psicanalítico: “se aparece na patologia, fez parte do desenvolvimento normal”.

Destacado isto, continuemos a acompanhar a argumentação:

Silberer demonstrou, como se sabe, que em estados entre o sono e a vigília pode-se observar diretamente a transposição de pensamentos em imagens visuais, mas que em tais circunstâncias é frequente aparecer não uma representação do conteúdo do pensamento, mas do estado (de disposição, cansaço etc.) em que se acha o indivíduo que pelega com o sono. Ele mostrou igualmente que várias conclusões de sonhos e trechos de seus conteúdos não significam outra coisa senão a autopercepção do dormir e do despertar. Ele provou, então, o papel da auto-observação – no sentido do delírio paranóico de ser observado – na formação do sonho. Esse papel não é constante; provavelmente o *ignorei* porque não sobressai nos *meus próprios sonhos*; em pessoas filosoficamente dotadas, habituadas à introspecção, ele pode tornar-se bem nítido (Freud, 1914/2010, p. 44, grifo nosso).

O sonho “mostra” pistas (provas?) da auto-observação/autopercepção, que desempenham *papel* em sua formação. E assim a hipótese de uma “instância psíquica observadora” ganha força, não necessariamente na demonstração de um “lugar” psíquico, mas sim na descrição de uma “função” ou “característica” psíquica.

É interessante também destacar o aparecimento, no final do parágrafo, da enunciação em 1ª pessoa do singular, como que colocando em aberto a própria pessoa de Freud como condição de produção do conhecimento psicanalítico.

Em conexão direta com o tema desenvolvido, no parágrafo subsequente é trazida à discussão uma descoberta prévia da psicanálise no tocante à formação dos sonhos. Uma descoberta prévia que, à moda das tensões e reorganizações que este texto “impõe” ao contexto teórico freudiano, ganha novos matizes:

Lembramos haver descoberto que a formação do sonho ocorre sob o domínio de uma censura que leva os pensamentos oníricos à distorção. Mas não imaginávamos esta censura como um poder especial, tendo escolhido o termo para designar um lado das tendências repressoras que dominam o Eu, aquele voltado para os pensamentos oníricos. Penetrando mais na estrutura do Eu, é lícito reconhecer no ideal do Eu e nas exteriorizações dinâmicas da consciência também o *sensor do sonho*. Estando este censor alerta em alguma medida também durante o sono, entenderemos que a premissa de sua atividade, a auto-observação e

autocrítica – tendo conteúdos como: “agora ele está sonolento demais para pensar”, “agora ele desperta” –, contribui para o conteúdo do sonho (Freud, 1914/2010, pp. 44-45, grifo do autor).

Aqui, menos tensão e mais reorganização. Uma hipótese previamente estabelecida ganha complementos daquilo que se desenvolve no texto, como se a produção de saber mostrasse-se contígua. A tensão do contexto de produção ou a tensão que o narcisismo produz no interior da teoria não se mostram nesse momento; contudo, os efeitos de proliferação e mudança dos (e nos) saberes são contundentes, deixam sua marca e dizem do lugar de inflexão desse texto na produção intelectual de Freud.

Notemos, além disso, como novamente a noção de censura dá contorno à formulação do ideal do Eu que, agora subsidiada pela pesquisa no campo dos sonhos, assenta-se no discurso psicanalítico.

O próximo tema abordado pelo autor é referente ao amor-próprio. Assim ele o introduz: “Agora podemos tentar uma discussão do amor-próprio no indivíduo normal e no neurótico” (Freud, 1914/2010, p. 45). Já podemos notar que, mais uma vez, outro campo de estudo abre-se a partir da introdução ao narcisismo, e isso como que na qualidade de um ensaio (“*tentar uma discussão*”). E talvez, do mesmo modo como foram desenvolvidos outros assuntos no texto, aquilo que dá contorno à discussão encontra-se na “comparação” entre neurose e normalidade.

Freud principia por uma definição “genérica” do que seria o amor-próprio, e nesse sentido o narcisismo não deixa de mostrar seu lugar:

O amor-próprio nos aparece de imediato como *expressão da grandeza do Eu*, não sendo aqui relevante o caráter composto dessa grandeza. Tudo o que se tem ou que se alcançou, todo resíduo do primitivo sentimento de onipotência que a experiência confirmou, ajuda a *aumentar* o amor próprio (Freud, 1914/2010, p. 45, grifo nosso).

Vemos que a descrição de o que é o amor-próprio é concisa e pontual, dada como “expressão da grandeza do Eu”. Aquilo que ganha destaque é o que aumenta o amor-próprio: as realizações efetivas da vida que realimentam resíduos da onipotência infantil (que foi um dos elementos usados na justificação do narcisismo). A ligação estabelecida entre narcisismo e amor-próprio já se mostra neste curto parágrafo, muito embora ela seja declarada abertamente no parágrafo seguinte:

*Se* introduzimos nossa *distinção entre instintos sexuais e do Eu*, temos de reconhecer para o amor-próprio uma dependência bem íntima da libido narcísica. Nisso nos apoiamos em dois fatos fundamentais: o de que nas parafrenias o amor-próprio é aumentado, nas neuroses de transferência é diminuído; e de que na vida amorosa não ser amado rebaixa o amor-próprio, enquanto ser amado o eleva. Como afirmamos, ser amado representa o objetivo e a satisfação na escolha narcísica de objeto (Freud, 1914/2010, p. 45, grifo nosso).

O parágrafo começa com a conjunção “*Se*”, de modo que uma hipótese e um recorte se mostram como uma “leitura” a partir da distinção entre pulsões sexuais e do Eu. Qual a conclusão que ele apresenta a partir desta condicional? Que o amor-próprio depende da libido narcísica. Queremos chamar a atenção a dois pontos. Primeiro: a primeira teoria das pulsões volta a ser colocada como constitutiva da produção da ideia de narcisismo; se foi pertinente o que apontamos anteriormente, de que as relações que se mostram no texto entre primeira teoria das pulsões e narcisismo desenham-se mais sob as cores da tensão do que da contigüidade, então pode ser válido conjecturar que novamente uma tensão vem marcar o desenvolvimento do tema em questão (amor-próprio). Deixemos essa conjectura em pendência a ser verificada. Segundo: o termo que remete à ideia de narcisismo é um adjetivo que qualifica “libido” (“*narcísica*”). Aquilo que do narcisismo é utilizado para pensar o amor-próprio refere-se à ideia de libido do Eu e volta a colocar em primeiro plano uma atenção aos movimentos de localização da libido: pode-se, então, falar em libido voltada para o eu (narcisismo secundário) e libido dirigida ao objeto, e *nesse (e por esse) caminho* produzem-se as diferenciações entre neurose, psicose e normalidade no que diz respeito ao amor-próprio.

Notemos, no mesmo sentido, que os exemplos usados (ou “fatos” destacados) como apoio para a afirmação freudiana fazem remissão a temas desenvolvidos no próprio texto (parafrenias, neuroses de transferência, vida amorosa). De rebote, isso permite que nós, de um ponto de vista analítico, façamos remissão ao *modo* como tais temas foram desenvolvidos no texto e, assim, propor que o amor-próprio também é situado em um âmbito do raciocínio freudiano que o explicará como efeito de uma localização da libido e sob a marca do tema da relação. Podemos encontrar elementos que dão sustentação a esta afirmação por nós feita no parágrafo subsequente ao acima citado, que mantém ligação com o anterior (“*além disso*”):

É fácil observar, além disso, que o investimento libidinal de objetos não aumenta o amor-próprio. A dependência do objeto amado tem efeito rebaixador; o apaixonado é humilde. *Alguém que ama perdeu*, por assim dizer, *uma parte de seu narcisismo, e apenas sendo amado pode reavê-la*. Em todos esses vínculos o amor-próprio parece guardar

*relação com o elemento narcísico da vida amorosa* (Freud, 1914/2010, p. 46, grifo nosso).

O rebaixamento do amor-próprio é mostrado como efeito da localização da libido (“*investimento libidinal de objetos*”). Se a libido “vai” para objetos, uma parte do narcisismo (ou seja, investimento de libido no Eu) é perdida. Mas mais que isso: é sendo amado que se pode “*reaver*” esta parte perdida; há aqui uma articulação do amor próprio ao pensamento que coloca o narcisismo na base de toda relação (“*o elemento narcísico da vida amorosa*”).

Curiosamente, na continuação de sua argumentação (como veremos abaixo), Freud destaca como a impossibilidade de amar também rebaixa o amor-próprio. Por que “curiosamente”? Se o amar (investimento de libido em objetos) tem efeito rebaixador sobre amor-próprio, a impossibilidade de amar (represamento de libido) também o tem, e muito. De um lado, vemos o efeito psíquico de uma localização da libido e, do outro, o efeito psíquico da impossibilidade de seu movimento. Pelas bases desse modo de pensar introduzido com essa “nova teoria das pulsões”, a ideia de narcisismo mais uma vez mostra-se como paradoxo (Guirado, 2010):

A percepção da impotência, da própria incapacidade para amar, devido a distúrbios psíquicos ou físicos, tem efeito altamente rebaixador no amor-próprio. Aí devemos encontrar, *na minha avaliação*, uma das fontes do sentimento de inferioridade *relatado espontaneamente pelos que sofrem de neurose de transferência*. Mas a fonte principal desse sentimento é o *empobrecimento do Eu que resulta dos enormes investimentos libidinais dele retirados, ou seja, o dano trazido ao Eu por tendências sexuais não mais sujeitas a controle* (Freud, 1914/2010, p. 46, grifo nosso).

Não podemos deixar de notar que, após alguns parágrafos, volta a aparecer uma enunciação (“*minha*”) que aponta para a 1ª pessoa do singular (sob a forma de uma opinião, que relativiza o dito). E, isso, em que contexto enunciativo? De descrição da observação clínica. Mais: imediatamente após situar na impossibilidade de amar uma das fontes do sentimento de inferioridade relatado na clínica – no âmbito de uma enunciação em primeira pessoa do singular –, o período subsequente começa com a preposição “*mas*” (que produz uma oposição) e situa *no empobrecimento libidinal* do Eu a principal fonte desse sentimento – agora no âmbito de uma enunciação assertiva, com verbos no presente, configurada como que em sujeito indeterminado. O que mostra esse movimento no discurso? A assunção de autoria pelo dito, que o relativiza, é seguida de uma afirmação que naturaliza uma verdade. Uma

verdade cujo cerne, mais uma vez, é a reafirmação da sexualidade (“*investimentos libidinais*”, “*tendências sexuais*”) na possibilidade de explicação da clínica.

Conjecturamos, acima, a volta de uma tensão a marcar o desenvolvimento do tema do amor-próprio. Somemos a isso essa nova alternância de sujeitos da enunciação, de relativização e naturalização, num contexto que impõe a sexualidade como objeto de e para a construção explicativa. Com estes destaques conduzimos nossa argumentação, não sem interesse, para o seguinte ponto: é exatamente nesse momento do texto, no parágrafo que segue o acima citado, que Freud volta a “mostrar” sua interlocução com Adler. Vejamos que a cena enunciativa, mais uma vez, parece alterar-se:

Alfred Adler sustentou, *corretamente*, que a percepção de inferioridade em um órgão tem efeito instigador numa vida mental ativa, suscitando um desempenho maior pela via da supercompensação. *Mas seria um exagero completo fazer remontar todo bom desempenho*, seguindo Adler, a essa condição de inferioridade original de um órgão. Não são todos os pintores que sofrem de mal na vista, nem todos os oradores foram originalmente gogos. *Sobejam exemplos* de realização excelente com base em superior dote orgânico. *Na etiologia da neurose* a inferioridade e a atrofia orgânicas têm papel mínimo, digamos que o mesmo que o material percebido tem na formação do sonho. A neurose se utiliza delas como pretexto, como faz com qualquer fator convenientemente (Freud, 1914/2010, pp. 46-47, grifo nosso).

O tema aqui discutido, a percepção da inferioridade (de um órgão), permite-nos estabelecer ligação entre este e o parágrafo precedente; neste sentido, pelo retorno da interlocução, talvez seja pertinente reafirmar o reaparecimento acima da enunciação em 1ª pessoa do singular como não sendo fortuita.

De que maneira, no entanto, é restabelecida a interlocução? Não há exatamente uma deslegitimação das proposições de Adler, como notamos no começo desse terceiro capítulo. O que se mostra é uma afirmação das proposituras de Adler que, primeiramente, são corroboradas e apoiadas por Freud (“*sustentou, corretamente*”), mas que, logo na sequência, são relativizadas (“*Mas*”, “*exagero completo*”, “*todo bom desempenho*”). Em certa medida, a proposta adleriana é, nesse momento, reconhecida como legítima na sua qualidade de relativa, no mesmo movimento em que é desqualificada como verdade universal.

É interessante também destacar como Freud dá suporte a essa “desqualificação” do valor de verdade da proposição de Adler. É primeiramente colocada a observação de situações que marcam completa oposição à explicação adleriana – situações de âmbito genérico que, muito embora Freud afirme que “*sobejam exemplos*”, nenhum é explicitado (notemos que os

exemplos do pintor e do orador não são colocados como casos de superior dote orgânico, apenas situam-se como relativização do papel da inferioridade orgânica). Entretanto, Freud subsequentemente passa a falar da etiologia da neurose e do papel mínimo que a inferioridade ou atrofia orgânicas ali desempenham. Neste sutil deslizamento para o âmbito da neurose, a desqualificação da proposição de Adler é carregada para o escopo das explicações clínicas. Vejamos que, quando Freud se coloca a falar da neurose, os exemplos são efetivamente explicitados, argumentativamente desenvolvidos com contundência lógica:

Se acabamos de crer numa paciente neurótica, que afirma ter adoecido porque é feia, disforme e sem atrativos, de maneira que ninguém pode amá-la, logo aprenderemos mais com a neurótica seguinte, que persiste na neurose e na aversão ao sexo, embora pareça mais atraente e seja mais desejada do que a média das mulheres. A maioria das histéricas se inclui entre as representantes desejáveis e mesmo bonitas de seu sexo, e por outro lado a frequência de deformidades, atrofias e desfiguramentos nas classes inferiores de nossa sociedade não contribui para aumentar a incidência de enfermidades neuróticas nesse meio (Freud, 1914/2010, p. 47).

O modo como os exemplos são desenvolvidos chamam a atenção por diferentes aspectos: toda a “retórica” do argumento não produz necessariamente uma opinião afirmativa, mas apenas configura uma negativa em relação à opinião de Adler; além disso, notemos que os exemplos são exclusivamente relativos à mulher (“*numa paciente neurótica*”, “*a neurótica seguinte*”, “*a maioria das histéricas*”); por fim, não é menos importante notar como o contexto histórico de enunciação se mostra (“*classes inferiores*”) e recoloca o discurso na sua qualidade de acontecimento. Todos esses aspectos como que fazem do discurso, no embate da interlocução anunciada, aberto à relatividade da produção de verdades pela implicação de seu acontecimento com aquele que fala/escreve para alguém num determinado lugar, numa determinada época, num determinado contexto institucional (Foucault, 1969/1997; Guirado, 2010).

É relevante destacar que a passagem do parágrafo acima citado para o próximo não mostra ligação evidente (como veremos abaixo). Novamente o fim da interlocução é abrupto, sem dar notícias de uma ligação argumentativa entre os parágrafos, e uma “nova” discussão é inserida de súbito (usamos as aspas, pois, de certo modo, o tema vinha sendo desenvolvido e foi interpolado pela interlocução). Como se, novamente, a cena enunciativa mudasse de feição:

As relações do amor-próprio com o erotismo (com os investimentos de objeto libidinais) podem ser apresentadas, concisamente, da maneira que segue. Em ambos os casos é preciso distinguir se os investimentos amorosos estão *em sintonia com o Eu* ou se, ao contrário, experimentaram uma repressão. No primeiro caso (em que a utilização da libido é sintonizada com o Eu), amar é visto como qualquer outra atividade do Eu. O amar em si, enquanto ansiar, carecer, rebaixa o amor-próprio, e ser amado, achar amor em troca, possuir o objeto amado, eleva-o novamente. Sendo a libido reprimida, o investimento amoroso é sentido como grave diminuição do Eu, a satisfação amorosa é impossível, o reenriquecimento do Eu torna-se possível apenas retirando a libido dos objetos. O retorno da libido objetual ao Eu, sua transformação em narcisismo, representa como que um amor feliz novamente e, por outro lado, um real amor feliz corresponde ao estado primordial em que libido de objeto e libido do Eu não se distinguem uma da outra (Freud, 1914/2010, pp. 47-48, grifo do autor).

Nesta “nova” discussão, é dado, de partida, que *há* relações entre amor-próprio e erotismo. E a *base* que permite pensar essas relações é a consideração dos investimentos de objeto como passíveis de estarem em sintonia com o Eu ou de sofrerem repressão.

Vemos que, do mesmo modo como o narcisismo colocou-se como paradoxo ao ser pensado na vida amorosa dos seres humanos (no segundo capítulo do texto), aqui também o narcisismo deixa sua marca nas relações paradoxais que se constroem entre amor-próprio e erotismo. Amar rebaixa o amor-próprio, mas a impossibilidade de amar também. Quando se ama, a elevação do amor próprio resguarda-se na possibilidade de ser amado (“o objetivo e a satisfação na escolha narcísica de objeto”, Freud, 1914/2010, p. 45); quando a libido é reprimida e não se pode amar, é o retorno da libido de objeto ao Eu (narcisismo secundário) que permite novo aumento do amor-próprio. E o discurso freudiano, como sistema teórico cujo conjunto conceitual deriva implicações, mostra aqui mais uma vez uma construção hipotética sedimentada na consideração do narcisismo na base das relações (Guirado, 2010) e desenvolvida sob um raciocínio que atenta para os movimentos de localização ou “vetores” da libido (Guirado, 2010).

Chegamos, finalmente, ao fim do capítulo e do texto. Freud assim anuncia seu encerramento: “A importância e a amplitude do tema talvez justifiquem o acréscimo de algumas outras observações, em ordem mais solta:” (Freud, 1914/2010, p. 48). A este breve parágrafo seguem-se sete outros, cada qual com observações pontuais e que tomaremos separadamente, com exceção do primeiro e do segundo que, como poderemos notar, mantém relações evidentes e “pedem” análise conjunta:

O desenvolvimento do Eu consiste num *distanciamento* do narcisismo primário e gera um intenso esforço para reconquistá-lo. Tal distanciamento ocorre através do *deslocamento da libido* para um ideal do Eu imposto de fora, e a satisfação, através do cumprimento desse ideal.

Ao mesmo tempo, o Eu *enviou os investimentos libidinais de objeto*. Ele se empobrece em favor desses investimentos, tal como do ideal do Eu, e novamente se enriquece mediante as *satisfações ligadas a objetos*, assim como pelo cumprimento do ideal (Freud, 1914/2010, p. 48, grifo nosso).

Aqui, desenvolvimento do Eu é colocado como que em “oposição” ao narcisismo primário; o primeiro consistira num movimento de distanciamento em relação ao último, pelo “*deslocamento da libido para um ideal do Eu imposto de fora*”. É, portanto, uma mudança de localização da libido, que do investimento do Eu “parte” para o investimento de um ideal, uma “imagem de si” (Guirado, 2010) construída no contato com o mundo. E o que esse movimento de distanciamento produz? Um “*intenso esforço*” para reconquistar o narcisismo primário, possível pela satisfação que se dá por meio do cumprimento do ideal. É, portanto, função própria do ideal do Eu “recuperar” o narcisismo perdido.

Paralelamente, há o envio de libido para objetos, cuja implicação com o narcisismo é análoga ao que acima destacamos – configura-se um movimento de distanciamento. É, portanto, outra mudança de localização da libido, que do investimento do Eu “parte” para o investimento de objetos. E o que esse movimento de distanciamento produz? O empobrecimento do Eu seguido de uma busca por seu enriquecimento, possível pela satisfação com objetos. É, portanto, função própria da relação com objetos “enriquecer” o Eu.

Os dois parágrafos acima foram por nós escritos quase que de maneira idêntica. Intencionalmente, devemos acrescentar. É uma tentativa de mostrar, no próprio modo como escrevemos, o conceito de narcisismo como articulador de um determinado modo de pensar no desenrolar do discurso freudiano.

Continuemos com as observações do parágrafo seguinte:

Uma parte do amor-próprio é primária, resto do narcisismo infantil; outra parte se origina da onipotência confirmada pela experiência (do cumprimento do ideal do Eu); uma terceira, da satisfação da libido objetual (Freud, 1914/2010, p. 48).

O amor-próprio volta à cena. Reafirmam-se conclusões – ele deriva tanto do cumprimento do ideal como das satisfações da libido de objeto (o que mostraria, novamente, seu “contexto” narcísico) –, e um novo elemento é inserido: “uma parte do amor-próprio é



primária, resto do narcisismo infantil”. A permanência/persistência do narcisismo primário ratifica-se, agora pela via do amor-próprio.

Próximo parágrafo:

O ideal do Eu deixou em *condições difíceis a satisfação libidinal nos objetos*, na medida em que seu censor rejeita parte deles como intoleráveis. *Quando um tal ideal não se desenvolveu*, a tendência sexual em questão aparece inalterada na personalidade, *como perversão*. Ser novamente o próprio ideal, também no tocante às tendências sexuais, tal como na infância – eis o que as pessoas desejam obter, como sua felicidade (Freud, 1914/2010, p. 48, grifo nosso).

Tomando o primeiro período do extrato, notemos como a configuração do ideal do Eu mostra aqui, mais claramente, o caráter paradoxal da proposição do narcisismo: situado como o destino do narcisismo (ou melhor, nova localização da libido), este ideal produz condições que impedem o aumento do próprio narcisismo, no âmbito das satisfações com objetos. Mesmo que nos façamos repetitivos, vale a pena citar e subscrever: “Se já se assinalavam paradoxos na afirmação do narcisismo como condição de toda e qualquer relação, quanto mais agora quando, *por um desvio da direção da libido para uma imagem de si, faz-se uma idealização que cerceia os movimentos do próprio ego*” (Guirado, 2010, p. 119, grifo nosso).

É interessante também destacarmos o modo como Freud relaciona o ideal do Eu e a perversão. Como que na composição de uma fórmula, o não desenvolvimento do ideal implicaria na perversão. Ora, na esteira do pensamento que desenvolvemos acima (vide p. 98), é possível colocar o narcisismo, no escopo discursivo que conjectura a respeito de seu destino e no âmbito descritivo-explicativo da clínica, como que no pólo oposto ao da perversão? Lembremos dos dois parágrafos que dão início ao texto (Freud, 1914/2010, pp. 14-15)... No interdiscurso que contextualiza a produção do saber, o discurso freudiano afirma-se por confronto e por oposição.

Sigamos o parágrafo seguinte:

O enamoramento consiste num transbordar *da libido do Eu para o objeto*. Ele tem o poder de levantar repressões e restaurar perversões. Ele *eleva o objeto sexual a ideal sexual*. Como, no tipo objetal ou de apoio, ele sucede com base no cumprimento de condições de amor infantis, pode-se dizer que tudo o que preencher tal condição de amor será idealizado (Freud, 1914/2010, p. 49, grifo nosso).

Para não nos estendermos numa análise repetitiva (para a qual, em nossa justificativa, o próprio texto nos leva), seremos concisos: o enamoramento é pensado pela noção de

movimento da libido (“do Eu para o objeto”); ademais, ele é caracterizado pela idealização do objeto sexual – o narcisismo reaparece, deixando sua marca como constitutivo da própria *relação* de enamoramento.

Continuando:

O ideal sexual pode se colocar num interessante vínculo auxiliar com o ideal do Eu. *Onde a satisfação narcísica depara com obstáculos reais, o ideal do Eu pode ser usado para a satisfação substitutiva.* Então a pessoa ama, em conformidade com o tipo de escolha narcísica de objeto, aquilo que foi e que perdeu, ou o que possui os méritos que jamais teve [...]. A fórmula paralela à de cima é: aquilo que possui o mérito que falta ao Eu para torná-lo ideal é amado. *Esse expediente tem particular importância para o neurótico*, que devido a seus investimentos de objeto excessivos está empobrecido no Eu e incapaz de cumprir seu ideal do Eu. Busca então *o caminho de volta ao narcisismo*, após o esbanjamento de libido nos objetos, escolhendo um ideal sexual conforme o tipo narcísico, que possua os méritos para ele inatingíveis. Isso é a cura pelo amor, que via de regra ele prefere à cura analítica. *De fato, ele não pode crer em outro mecanismo de cura, em geral leva a expectativa do mesmo para o tratamento e dirige à pessoa do médico.* Naturalmente a incapacidade de amar do paciente, devido a suas extensas repressões, é um empecilho a esse plano de cura. Se com o tratamento nós as reduzimos até certo grau, é frequente o resultado inesperado de que o paciente se furte à continuação do tratamento, para fazer a escolha de um amor e confiar o restabelecimento posterior à convivência com a pessoa amada. Poderíamos ficar satisfeitos com essa saída, se ela não trouxesse todos os perigos de uma opressiva dependência de tal salvador (Freud, 1914/2010, pp. 49-50).

Nas relações que se estabelecem entre ideal sexual e ideal do Eu, levando em consideração como ambos foram colocados em estreita relação com o narcisismo, o raciocínio é coerente: a escolha de objeto, quando a satisfação narcísica não pode ocorrer, dá-se pelo fato daquele ter aquilo que falta ao Eu para ser ideal – uma relação objetal de base narcísica.

O destaque dado à importância disso para o neurótico não é pouco relevante. Vemos que o narcisismo, nesse capítulo, mas também nos anteriores, extrapolou a descrição da parafrenia e se situa como articulador de uma “concepção possível” de *neurose*, como uma outra forma de explicação. Como esta se configura? Com investimentos de objeto excessivos, sem satisfação, e a decorrente impossibilidade de cumprir o ideal, o Eu do neurótico se empobrece; a saída possível, no “*caminho de volta ao narcisismo*”, é a busca de um ideal sexual. Isto é caracterizado como cura (a própria noção de cura, de rebote, é colocada em referência ao paciente, não ao analista). Vale notar também como, nesse movimento, quase que se deixa em aberto os tipos de escolha de objeto como um relação dinâmica e móvel em dependência do “contexto libidinal” do indivíduo.

Esta “*cura pelo amor*”, inclusive, é colocada como algo em que se crê, produtor de expectativas. Em relação a quê? No extrato, em relação ao tratamento e ao médico. Nesta introdução ao narcisismo e no leque de proposituras que ele invade e modifica, até mesmo uma noção de transferência é mostrada em um plano absolutamente aberto do discurso como... *expectativa!*

Por fim:

Do ideal do Eu sai um importante caminho para o entendimento da psicologia da massa. Além do seu lado individual, ele tem o social, é também o ideal comum de uma família, uma classe, uma nação. Liga não apenas a libido narcísica, mas também um montante considerável da libido homossexual de uma pessoa, que *por essa via retorna ao Eu*. A insatisfação pelo não cumprimento desse ideal libera libido homossexual, que se transforma em consciência de culpa (angústia social). A consciência de culpa foi originalmente medo do castigo dos pais, mais corretamente, da perda do seu amor; o lugar dos pais foi depois tomado pelo indefinido número de companheiros. Torna-se mais compreensível porque a paranoia é frequentemente causada pela ofensa o Eu, pelo fracasso da satisfação no âmbito do ideal do Eu, e também porque a formação de ideal e a sublimação convergem no ideal do Eu, a involução das sublimações e eventual transformação dos ideais nos casos de parafrenia (Freud, 1914/2010, p. 50, grifo nosso).

Num texto marcado por proliferações, nada mais (in)comum do que encerrá-lo com mais um novo tema! O ideal do Eu deixa sua marca no entendimento da psicologia das massas. Por quê? Ele teria igualmente, em concorrência com seu aspecto individual, um lado social. E, também no escopo das explicações psicanalíticas do social e pelo conceito de narcisismo, o movimento da libido (“*retorno*”) opera como “ângulo” possível de produção de saber.

## Capítulo V

### Por uma conclusão pertinente

No contexto de um capítulo de conclusão, buscaremos reunir os elementos centrais que nossa análise pode construir e tentaremos relacioná-los com as ideias que foram desenvolvidas nos capítulos de apresentação e de introdução deste trabalho.

Visamos, com isso, a dar conta de três tarefas: 1- sistematizar os resultados de uma análise que, por ter se mostrado muito longa e exaustiva – podendo, talvez, ter ficado dispersa –, merece uma organização concisa e pontual, de maneira que fique claro o que ela pode produzir e o escopo de sua produção. Esta organização guia-se pelo horizonte de pesquisa lançado na apresentação deste trabalho: estudar o narcisismo pela consideração da especificidade de sua emergência no âmbito institucional da psicanálise e pelo seu impacto no corpo teórico da metapsicologia freudiana; 2- retomar as interlocuções que propomos no início desta dissertação, de modo a subsidiar as afirmações que ali foram feitas – e que podem ter parecido, num primeiro momento, precipitadas – pelo seu confronto com os resultados da análise; 3- reiterar o posicionamento deste trabalho no âmbito de sua justificativa.

Procuraremos configurar nossas conclusões da maneira mais direta possível, partindo da expectativa de que nossas demonstrações puderam ter se mostrado (minimamente?) suficientes e de que, por tal, temos o consentimento (mesmo que momentâneo) do leitor para fazê-lo. Queremos com isso evitar mais repetições, levando nosso trabalho para sua finalização sem prolongá-lo excessivamente.

#### 1. Na reconstrução possível de um discurso

As análises de cada um dos três capítulos do texto configuraram-se como uma desconstrução do discurso freudiano. Mais do que atentar para o que se enunciava, o acompanhamento detalhado e minucioso de cada parágrafo procurou dar relevo ao modo como os enunciados eram construídos, perscrutando seus efeitos na constituição de sentidos para os mesmos em sua implicação com o contexto que se mostrava pelo texto. Ao tomarmos essas análises para a composição de um comentário a respeito do texto como um todo,

estamos aqui propondo uma particular reconstrução do discurso freudiano. Particular pois, vale a pena lembrar, é uma reconstrução possível pelo método de análise a que submetemos o texto, a análise institucional do discurso (Guirado, 2010).

Feitos estes apontamentos preliminares, prossigamos então à reconstrução. Optamos por dividi-la em duas partes, dado que as análises permitiram desenhar um inter-jogo entre dois “contextos distintos” na produção desse texto de 1914: um contexto interno à teoria freudiana, referido aos elementos teórico-conceituais que recebem (re)elaborações no texto; e um contexto externo, propriamente referido às interlocuções travadas nessas (re)elaborações, concernente às relações (institucionais?) entre os a(u)tores da psicanálise naquilo que se mostrou como discussões que marcam a delimitação de um discurso psicanalítico. É imperioso explicitar que essa divisão por nós feita não implica uma independência entre esses contextos<sup>38</sup>, muito pelo contrário. O tratamento separado que recebem aqui é de caráter formal e visa a uma organização das ideias que desenvolvemos, mas seria contraditório com nossos próprios pressupostos considerá-los como independentes ou sem implicação mútua. É nesse mesmo sentido que cabe aqui uma ressalva, a título de antecipação: estes dois contextos parecem estar, como vimos e como retomaremos, irrevogavelmente marcados por tensão, esteja esta configurada como tensão do contexto de produção do texto, esteja configurada como efeito de tensão na produção do saber.

### 1.1 Sobre o contexto externo, ou do conhecimento como instituição

O que é psicanálise, ou ainda, o que não é psicanálise? Digamos que, até onde foi possível chegarmos, o narcisismo é produzido no horizonte dessas perguntas, matizado conseqüentemente numa (ou como uma) linha de fronteira<sup>39</sup>. As interlocuções que Freud estabelece são, pelo que nossa análise pôde mostrar, a pedra angular das condições de possibilidade de enunciação do narcisismo nesse texto. Elas são motivo e, ao mesmo tempo, constituintes do conceito. É com elas e para elas que uma ideia de narcisismo se produz como resposta. Desta última frase construiremos, suportados pelo pensamento de Guirado (2010), as considerações que para nós sintetizam alguns resultados da análise.

---

<sup>38</sup> Por isso o uso das aspas, acima.

<sup>39</sup> Uma linha de fronteira que, como veremos, configura-se tanto como linha de extensão como de contenção.

“*Uma ideia de narcisismo se produz como resposta*”. Uma ideia de narcisismo que faz frente aos questionamentos a respeito do caráter sexual da libido e sua inadequação como base da hipótese explicativa psicanalítica. Uma ideia de narcisismo que, no trabalho com elementos que a própria crítica colocava em xeque, legitima-se como psicanalítica na reiteração da sexualidade enquanto deslegitima a (e pela própria deslegitimação da) crítica como falsa dentro da ordem discursiva da psicanálise freudiana. Uma ideia de narcisismo que, ao ocupar o lugar de um saber que demarcaria as fronteiras daquilo que pode ser considerado psicanalítico pela reafirmação do âmbito da sexualidade, desenha ela própria uma concepção de neurose. Uma ideia de narcisismo, portanto, como nova verdade da psicanálise<sup>40</sup> ou, melhor, como nova regra de enunciação nessa ordem discursiva.

Podemos reescrever o parágrafo acima, período por período, com outras palavras.

“*Uma ideia de narcisismo se produz como resposta*”. Uma resposta a questionamentos que colocam a psicanálise no limite da perda de sua especificidade como conhecimento. Uma resposta que busca, nos interstícios da própria crítica recebida, legitimar esse conhecimento exatamente pelo resgate dessa especificidade. Uma resposta que, pela ratificação das fronteiras (da produção) do saber sob a égide dessa especificidade, delimita os contornos do objeto em relação ao qual sua prática de conhecimento reivindica monopólio. Uma resposta, portanto, institucional.

Temos oportunidade aqui de resgatar alguns dos apontamentos que foram feitos na apresentação e na introdução deste trabalho. E esse resgate, no presente momento de nossa discussão, terá como baliza de sua construção a ideia de (des)naturalização da teoria.

Todo o percurso analítico pelo qual seguimos – e que, ao final, permitiu a configuração das conclusões acima feitas – tem como exigência metodológica o afastamento frente ao discurso em análise. Foi necessário que retirássemos-nos do interior do discurso freudiano para que, no intuito de promover uma desnaturalização da teoria, pudéssemos tomá-la na sua qualidade histórica e, ao mesmo tempo, pontual e estratégica. Restituir, nas palavras de Guirado (2010) embasadas no pensamento foucaultiano, ao discurso seu caráter de acontecimento. Com isso, o próprio conceito de narcisismo pôde ser pensado no entrecruzamento de seu conteúdo com seu contexto de enunciação, na consideração do lugar que Freud, criador da psicanálise, assume na delimitação do discurso psicanalítico. Pôde ser

---

<sup>40</sup> Que, como veremos nas considerações a respeito do contexto interno, assume um lugar de tensão frente aos elementos já estabelecidos da teoria, ou melhor, às verdades já naturalizadas no discurso.

pensado, pelo exercício de análise, como instituído e instituinte desse discurso. Pôde ser pensado, assim, no limite entre sua qualidade de verdade e sua qualidade institucional.

Aquilo que foi destacado na introdução em relação a Laplanche e Pontalis (1967/2001) e Garcia-Roza (1995) situa-se precisamente nesse âmbito de discussão. Nos primeiros, apontamos a configuração de uma leitura que, do interior do discurso psicanalítico, trabalha o conceito de narcisismo como operador de pensamento. Do último, inclusive, ressaltamos um trabalho escrito especialmente sobre o narcisismo sob o prisma da organização da teoria e suas implicações conceituais. Em ambos os casos não desenvolvemos o que os autores propõem, e sim atentamos ao *modo como apresentam* suas discussões. E, em ambos os casos, os trabalhos como que delimitam um estudo do narcisismo em referência ao seu conteúdo<sup>41</sup>, que parece suspender do discurso aquilo que ele tem de acaso e de descontínuo<sup>42</sup> e cujo efeito pode ser a produção de uma naturalização da teoria. O que isso significa, especificamente? Que, em Laplanche e Pontalis e em Garcia-Roza, o narcisismo – embora permaneça enunciado como conceito – ocupa no discurso um lugar de verdade psicanalítica, o que não deixa de ter efeitos nas práticas de saber que se fazem sob os auspícios desse discurso.

Ora, no âmbito de seus trabalhos, ou seja, na produção de um *vocabulário* de psicanálise ou de uma *introdução* à metapsicologia, destacamos que talvez não pudesse ser diferente. E não estamos, de maneira alguma, exigindo deles que devesse ser diferente. Eles estão no interior de um discurso, imersos nas condições que o mesmo coloca para a produção de conhecimento. Não nos posicionamos aqui como quem visa a uma crítica desses autores, mas sim como quem delimita seu campo de ação pelo confronto com outro. São estas diferenças que explicitam a especificidade do escopo de produção de conhecimento nesta dissertação, e isso tendo como foco um dos objetivos centrais do presente trabalho, qual seja, um posicionamento em relação aos efeitos de naturalização da teoria que nossos próprios discursos, como pesquisadores/teóricos e profissionais atuantes, produzem.

Os mesmos comentários acima feitos servem para nossa interlocução com Roudinesco e Plon (1998) e Green (1988), dado que os autores também estão situados no interior do discurso psicanalítico. Em seus trabalhos, o narcisismo parece ser igualmente pensado, sobretudo, no tocante a seu conteúdo. Mesmo assim, foi possível destacar como que, *no modo como apresentavam suas discussões*, ficava aberta a possibilidade de contextualização<sup>43</sup> do

---

<sup>41</sup> Contextualizações são feitas sim nos trabalhos dos autores. Contudo, colocam-se como descritivas ou formais, e não parecem ser implicadas no próprio conteúdo do conceito, como discorreremos na introdução.

<sup>42</sup> Foucault (1971/1996), Guirado (1995/2006, 2010).

<sup>43</sup> Como vimos na introdução, essa possibilidade desenha-se na medida em que é dado destaque, no caso de Roudinesco e Plon (1998), ao “progressivo abandono” da ideia de narcisismo ao longo dos textos freudianos e,

conceito de narcisismo, podendo este ser, ainda que momentaneamente, suspenso em sua qualidade de verdadeiro. Intencionada ou não, essa abertura no discurso persistiu, para nós, como uma brecha que também pôde sustentar a validade do modo que escolhemos estudar o conceito de narcisismo.

Lembremos que, na introdução, também apresentamos esses autores por confronto, ou seja, deles nos distanciamos; os motivos desse nosso movimento, se ainda não ficaram claros, talvez fiquem mais bem esclarecidos na discussão do próximo subitem desse capítulo de conclusão.

### 1.2 Sobre o contexto interno, ou da descontinuidade do discurso

Com o apoio de hipóteses norteadoras (Guirado, 2010), nossa análise pôde configurar o narcisismo como um conceito que, produzido por efeitos de tensão nos embates pelo monopólio da especificidade do que é reclamado como conhecimento psicanalítico ou pertencente à ordem discursiva da psicanálise como verdade, posiciona-se ele próprio num lugar de tensão dentro do contexto interno da teoria freudiana. Por quê? O narcisismo parece, paradoxalmente, “salvar” e “ameaçar” a teoria. “Salva-a”, na medida em que reitera a sexualidade como especificidade que legitima a produção do conhecimento psicanalítico. “Ameaça-a”, na medida em que aquilo que se produz configura-se, no limite de sua proposição, como uma “outra” teoria, exatamente pelos efeitos do conceito de narcisismo como modo de enunciação.

É necessário explicar melhor essa última afirmação. Como pudemos acompanhar em nossas análises<sup>44</sup>, Freud recorrentemente procura aproximar narcisismo e primeira teoria das pulsões; entretanto, vimos que, no próprio modo como o discurso se organiza, o texto “mostra” diferenças entre esses dois saberes, como que posicionando o narcisismo num lugar de tensão frente a elementos já estabelecidos da metapsicologia (primeira teoria das pulsões). Como que destoando de um modo de tratar da pulsão como um estímulo interno (uma “substância”?), um “algo” que subsidia uma maneira de tratar do psiquismo pelas suas características e qualidades interiores, o conceito de narcisismo parece introduzir um modo de

---

no caso de Green (1988), às diferenças nas proposições relativas ao narcisismo em trabalhos de autores posteriores a Freud.

<sup>44</sup> Especialmente na análise do primeiro capítulo do texto de Freud.



tratar da pulsão que dá foco a seus movimentos de localização e direção (ou seja, à sua “vetoração”), desenhando uma maneira de tratar do psiquismo (desde sua constituição) pelas relações entre o Eu e o objeto. Pensar a pulsão pela localização da libido (no Eu ou no objeto), pela sua direção, pela sua “vetoração”, não abriria a possibilidade de vislumbrar uma “outra” teoria das pulsões? E que “outra” teoria seria essa? Seria aquela cujo âmago explicativo pode repousar antes na qualidade descritiva dos conceitos. Usamos a expressão “*pode repousar*” precisamente para dar destaque ao fato de que esta proposição não está explícita no texto de Freud – mas sim nas aberturas do discurso – e que, não sem interesse<sup>45</sup>, escolhemos privilegiar seu caráter inédito no discurso freudiano como possível teoria das pulsões (Guirado, 2010).

Há mais, nesse sentido, a se falar sobre essa “outra” teoria. Se o conceito de narcisismo assume lugar de tensão dentro da rede dos elementos teóricos psicanalíticos, é crucial destacar que no cerne desta encontravam-se outras condições de possibilidade do mesmo. Libido, Pulsão, Eu, até mesmo a ideia de Narcisismo... Noções já previamente produzidas são agora reorganizadas num determinado contexto de enunciação cujo produto é a construção de um novo conceito, de maneira que todas as noções anteriores são reafirmadas e, ao mesmo passo, modificadas. Mas mais que isso, *reafirmadas e modificadas no âmbito do novo modo de pensar introduzido pelo narcisismo, a vetoração da libido e seus efeitos no psiquismo*. De rebote, temas familiares à pesquisa psicanalítica recebem também “nova” avaliação pelos contornos deste novo raciocínio<sup>46</sup>, como foi possível observar com nossas análises. Isto parece reiterar o *caráter de inflexão do narcisismo no plano teórico da psicanálise*, e fazemos esta afirmação considerando o âmbito da descontinuidade<sup>47</sup> de um discurso que, ao cercear, se prolifera.

O narcisismo, ademais, não parece apenas ocupar um lugar paradoxal dentro do contexto interno da teoria freudiana, como também configura paradoxos (Guirado, 2010). De termo que historicamente passou a fazer remissão a uma atenção da pessoa a si própria, o narcisismo aqui parece ser colocado como condição de toda e qualquer relação: configura

---

<sup>45</sup> Como veremos no próximo item desse capítulo.

<sup>46</sup> “[...] por esse raciocínio [vetoração da pulsão], pode-se pensar sobre temas outros, afeitos à teoria psicanalítica, como por exemplo: tipos de escolha de objeto (narcísica e anaclítica), sublimação, repressão, idealização, ego real e ego ideal, megalomania e melancolia, ideal sexual e ego ideal, auto-erotismo, auto-estima, neurose, psicose, perversão” (Guirado, 2010, p. 117-118).

<sup>47</sup> Como já destacamos, Foucault, em *A ordem do discurso* (1971/1996), dispõe o *princípio de descontinuidade* como um princípio norteador da análise dos discursos, pelo qual o pesquisador coloca-se a tarefa de abdicar da ideia de que haveria um discurso ilimitado e contínuo por baixo dos sistemas de controle da produção discursiva (e em vias de ser “descoberto”). Propõe, com isso, que os “discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (Foucault, 1971/1996, p. 52).

assim uma concepção de psiquismo cuja constituição – a partir de um estado psíquico primordial e pela ação do narcisismo como movimento de localização da libido – dá-se por meio de uma erotização do Eu que, na formação de suas funções pela interface com o mundo externo, passa a uma erotização das relações. De termo que historicamente passou a fazer remissão a uma atenção da pessoa a si própria, o narcisismo aqui parece ser colocado como resguardado em efeitos de relação (de tonalidade crítica) que dispõem as condições para que a ação do narcisismo, como que por um particular direcionamento da libido para uma imagem de si, volte-se para o próprio Eu na qualidade de uma função de censura.

Encontramos aqui mais uma oportunidade de retomarmos o debate com os interlocutores que elegemos na introdução de nosso trabalho. Teremos também, para a condução da discussão nesse momento de nosso texto, um ponto de apoio específico: a questão de uma espécie de “(des)substancialização”<sup>48</sup> do psiquismo como núcleo de teorização.

Nossas análises procuraram sublinhar como que, com a introdução do conceito de narcisismo, o discurso freudiano abre-se numa possibilidade de conceber o psiquismo que prescindia da definição de suas “substâncias internas” como operadoras da produção hipotética (Guirado, 2010). Como assim? A atenção aos movimentos de localização da pulsão pode produzir hipóteses que, partindo sim (e isso não podemos retirar do discurso freudiano) de uma “substância”-pulsão, baseiam-se na *descrição do vetor desta “substância”*: vejamos que o núcleo da construção hipotética não parece se situar na pulsão em si, mas no seu direcionamento.

Talvez ainda não tenhamos convencido o leitor. Pois bem, insistimos. É claro que, para Freud nesse momento de sua obra, essa “substância” é imprescindível para suas hipóteses, e sua qualidade também: há dois tipos de pulsão, as sexuais e as de autoconservação, cujas energias são, respectivamente, a libido e a energia das pulsões de autoconservação. E são estas as “substâncias” a que nos referimos: um “algo”, um estímulo interno, uma energia (ainda que seja afirmada como “intensidade” representável) que, dando subsídios para os conceitos de repressão e conflito (e, inclusive, de inconsciente), embasa a concepção freudiana de neurose e formação de sintomas – e, por extensão do próprio método psicanalítico, a concepção do psiquismo normal. Isto compunha, naquele contexto de escritura de seu texto, os pressupostos básicos que haviam sido colocados em risco pelas críticas de

---

<sup>48</sup> Como o fizemos em vários momentos de nosso texto, o uso de aspas aqui não é fortuito. Aspas é um recurso linguístico que tem a função de suspender o sentido arbitrário (convencional) da palavra.

Jung e Adler e que, pelo conceito de narcisismo, são ratificados no campo da metapsicologia. Ratificados e, no mesmo movimento (pelo próprio narcisismo), suspensos! Por quê? A metapsicologia é uma teoria, uma ficção que *visa a explicar*: se tomarmos a fórmula do narcisismo que propusemos a partir de nossas análises – “atenção aos movimentos de localização e direção da pulsão” –, *o que é que explica? O que guarda, na composição do conceito (e no seu modo de enunciação), potência explicativa?* Os movimentos de localização e direção (a vetoração), não a pulsão em si! A pulsão (ou mesmo a libido) pode subsistir como um aporte conceitual genérico que sustenta um modo de pensar o psiquismo sem “substancializá-lo”. E o objeto em relação ao qual as hipóteses explicativas são produzidas – o psiquismo, a neurose, os sintomas etc. – mostra-se descrito pelo recorte que o discurso psicanalítico lhe impõe, não definido pelas verdades que esse discurso dispõe. Voltamos aqui, por um caminho diferente, às aberturas do discurso que permitem uma desnaturalização da teoria.

É imperioso ressaltar que o texto mostra um discurso que oscila entre ou sobrepõe naturalização e relativização, afirmação de verdades e exercício de um modo de pensar. E o conceito de narcisismo? Também: fato e ideia, verdade e modo de pensar, “substância” e direcionamento da libido. Seremos repetitivos, mas parece necessária a ressalva: as considerações que acima fizemos são diretamente suportadas pelo método de análise a que submetemos o texto e dão um destaque intencional àquilo que, pela indeterminação desse discurso freudiano especialmente aberto, permite restituir ao discurso seu caráter de acontecimento (Guirado, 2010).

É nesse plano que, agora, justificamos nosso afastamento frente ao trabalho de Green (1988)<sup>49</sup>. Lá, uma contextualização é feita de modo a suspender do narcisismo sua qualidade de verdadeiro. Entretanto, como quem produz de dentro de um discurso, para esse discurso, esta suspensão não pode manter-se como constitutiva de suas proposições: é inevitável produzir nas condições que esse discurso coloca, e o saber que se configura implica-se nas regras de enunciação que a instituição psicanalítica delimita como... *psicanálise*. E novas verdades acabam sendo, na reprodução desse discurso, dispostas como “expansão” do campo conceitual. Citemos novamente: “A grande maioria dos trabalhos aqui reunidos têm por objeto, implícita ou explicitamente, pensar as relações entre narcisismo e pulsão de morte – que propus chamar de narcisismo negativo” (Green, 1988, p. 12). O narcisismo aqui trabalhado parece ser, exclusivamente, aquele que nossa análise chamou de narcisismo como

---

<sup>49</sup> E, analogamente, ao trabalho de Roudinesco e Plon (1998).

*fato*, “substância interna” do psiquismo, que se afirma como “*inevitável prosseguimento*” (Freud, 1914/2010, p. 20) do trabalho com diferenciações qualitativas (“substanciais”) da pulsão.

Não visamos, e é pertinente reafirmar mais uma vez nesse outro âmbito de nossa discussão, a uma crítica a esse autor. O que dispomos são diferenças no *alvo* das análises e que, por elas, explicitamos a visada desta pesquisa. Diríamos, em palavras genéricas e imprecisas: “nosso particular interesse no narcisismo é outro”. É por esse confronto que damos especificidade e parcialidade para o que foi possível trabalhar a respeito do narcisismo no texto de Freud de 1914, uma vez que este trabalho está suportado por hipóteses e pressupostos singulares que fazem, sim, um recorte e uma escolha.

## 2. Interlocução com a análise institucional do discurso: das possibilidades, ousando um passo a mais

Se é no escopo da *análise institucional do discurso* (Guirado, 2010) que a presente pesquisa se insere, isto o é por três vias, a rigor, distintas. Em primeiro lugar, esta é a área da produção de conhecimento em Psicologia que dispõe o conjunto de pressupostos que instrumentam o *modo* como nossas análises foram conduzidas. Em segundo lugar, é a área de conhecimento que dispõe o conjunto de *hipóteses* básicas das quais partimos na condução de nossas análises. Em terceiro lugar, é também a área que contextualiza e sustenta os *motivos* desta dissertação de Mestrado. A AID é assim, neste trabalho, o *método de pesquisa* (a estratégia de pensamento) *que delinea um escopo possível para os resultados, a referência básica que os embasa, o campo de saber que suporta esses resultados no âmbito de sua justificativa*. Nota-se, portanto, que é na análise institucional do discurso que encontramos as condições de produção de nosso trabalho, e esperamos ter podido mostrar, durante toda a escritura do texto, o contexto que circunscreve os sentidos daquilo que foi possível construir e afirmar.

Estes breves apontamentos foram feitos, aqui, estrategicamente. Por quê? No âmbito de um capítulo de conclusão, chegamos finalmente à tarefa de retomar também nossa interlocução com a AID em relação aos resultados das análises – o que procuramos fazer nos subitens 1.1 e 1.2 desse capítulo. Ora, se o ponto em que chegamos com a análise está implicado (por diversos ângulos) na AID, o caráter da interlocução que foi possível

desenvolver estava inexoravelmente marcado por essa qualidade. Achamos pertinente fazer este destaque de modo a explicitar que o que desenvolvemos acima buscou reiterar a potência da AID como método de pesquisa (também para a análise de um texto teórico) e ratificar as hipóteses que, neste escopo teórico-metodológico, puderam ser produzidas – tudo isso tendo como pano de fundo o posicionamento deste trabalho face sua justificativa.

Cabe, no entanto, dar prosseguimento a essa interlocução com a AID sob um outro aspecto, mais específico, que introduzimos como uma questão suscitada por esta pesquisa e que, pelo seu encaminhamento, conduzimos nosso trabalho para o seu final<sup>50</sup>.

Tal questão configura-se da seguinte forma: por que, no final das contas, há um interesse especial, no âmbito das formulações de Guirado (2010), pelo conceito de narcisismo introduzido por Freud em seu texto de 1914? Tentaremos, com base naquilo que já foi desenvolvido em nossa introdução e nos resultados da análise, construir uma resposta possível para essa pergunta.

Como já discutimos, a análise institucional do discurso se afasta da metapsicologia freudiana (Guirado, 2010). Não por crítica ou tendenciosidade, mas sim por exigência metodológica da própria estratégia de pensamento que ali se propõe: a AID, como um método cuja característica fundamental é o trabalho de uma Psicologia (recortada e aproximada da psicanálise) na interface com outras áreas do conhecimento<sup>51</sup>, configura para o norteamento de sua prática um conceito de sujeito específico que não corresponde àquele que poderia ser desenhado pela metapsicologia freudiana<sup>52</sup>. O conceito de sujeito-dobradora, epítome das fronteiras epistemológicas propostas na construção da estratégia de pensamento da AID, dá destaque ao matriciamento institucional do sujeito psíquico (Guirado, 1995/2006), ou seja, à implicação mútua e constitutiva entre as instituições que o indivíduo faz e a singularidade com que as faz na história de sua vida. É um conceito de sujeito que dá atenção ao movimento entre o que se poderia chamar de quadro/matriz institucional das relações e os modos singulares de organização deste por parte daquele que vive essas relações vida a fora. Coloque-se, assim, num plano de pensamento distinto da metapsicologia que prima pela atenção aos processos psíquicos que se poderiam dizer “endógenos”<sup>53</sup> (inconsciente, repressão, conflito

---

<sup>50</sup> Toda essa discussão foi construída a partir de conversas diretas com Guirado e, portanto, ela é fruto do pensamento e das palavras dessa autora contornados aqui por uma tentativa nossa de elaboração.

<sup>51</sup> Representadas, na propositura da AID, pelos trabalhos de Guilhon Albuquerque, Foucault, Maingueneau.

<sup>52</sup> Dizemos “*poderia ser desenhado*”, pois não há – em Freud – uma delimitação de um conceito de sujeito.

<sup>53</sup> Talvez seja relevante destacar que esse psiquismo “endógeno” é sim, no pensamento freudiano, indissociável do que há de externo a ele; no entanto, mesmo nesse inter-jogo entre interno x externo, parece ser a

pulsão/repressão e assim por diante). O trabalho da autora, sobretudo o de 2010, traçando uma analítica da subjetividade, evidencia essas diferenças ao promover uma interlocução com a metapsicologia freudiana e, precisamente nesse sentido e movimento, sinaliza-se a influência do pensamento freudiano em suas proposições. Não à revelia, mas por ação mesma da estratégia de pensar pelo confronto.

Traremos um exemplo como auxílio à nossa argumentação. No lugar da metapsicologia, a AID coloca a *relação* como mote para tratar do sujeito, da subjetividade, inclusive para tratar da singularidade como aquilo que pode se dar na superfície das falas de si. Guirado discute essa espinhosa questão no referido livro sobre a analítica da subjetividade (Guirado, 2010) pela pontuação e análise de um texto freudiano (metapsicológico), *Nota sobre o “Bloco Mágico”* (Freud, 1925/2011). Seguindo a própria metáfora do autor, pela qual o funcionamento da memória (inconsciente) é situado em analogia a um dispositivo específico de recepção/retenção de registros – o “Bloco Mágico” –, Guirado destaca como que, pela composição desse dispositivo em camadas sucessivas, marcas permanentes são deixadas à superfície de um bloco de cera e são alteradas à medida que novos registros vão sendo feitos ao longo do tempo: “As novas grafias deverão construir um desenho em rede, em que pontos de superposição (nós da rede) produzem alteração “de relevo nos sentido”, isto é, onde há superposição, alteram-se as primeiras marcas, assim como as seguintes” (Guirado, 2010, p. 127). Destes destaques, a autora produz uma conclusão:

[...] Assim, a vida é a história desses decalques em tramas, cenas e enredos cada vez mais complexos, onde a cada nova experiência temos a retroação das anteriores, bem como a modificação delas. A vida é um bloco mágico...

Se pudéssemos estender a metáfora, e nos autorizamos a fazê-lo, em nome da obra aberta de que tratamos, encerramos nossos comentários sobre ela, afirmando que o bloco mágico é o modo de produção da superfície inconsciente da vida psíquica (Guirado, 2010, p. 127).

Podemos notar aqui como a autora faz um trabalho de análise que, guiado pelos pressupostos conceituais que delimitam uma concepção particular de sujeito, toma um texto metapsicológico sobre o inconsciente a partir das aberturas no discurso que permitem configurar esse mesmo inconsciente como superfície... E a história das sucessivas marcas na vida de um sujeito constitui, como uma “dobradiça” na superfície discursiva das falas de si e das relações, o movimento entre instituição e singularidade.

---

pressuposição das características do que é interno o núcleo (ou o foco da atenção) da metapsicologia, configurando-se esta como uma teoria explicativa sobre uma “interioridade” psíquica.

Vemos, então, que com essas questões de interioridade / profundidade / superfície, matriciamento institucional / singularidade / sujeito psíquico, movimento / “substâncias”, relações / “endogenia”, há no escopo das proposituras de Guirado uma interlocução com os temas e as circunstâncias mais caras à metapsicologia, mas sem que se submeta a ela! Muito pelo contrário: tudo isso, para que se possa justificar, por exigências conceituais e metodológicas, o afastamento que se faz em relação a ela.

É assim que, nesse trabalho de 2010 de Guirado, encontramos um conciso e preciso estudo de textos da metapsicologia freudiana, sempre pelo recorte de tais exigências de pensar, pela Análise Institucional do Discurso, uma analítica da subjetividade. O diapasão é, sempre, o de operar nas aberturas dos escritos de Freud, em que a teoria não se fixa numa espécie de “substancialização” do psiquismo; em aberturas onde ela pode ser tomada do ponto de vista de seu caráter descritivo, do movimento, de mecanismos, de pontos de tensão, de oposição, em seus efeitos analíticos.

Nesse sentido, o texto *Introdução ao Narcisismo* (Freud, 1914/2010) foi escolhido pela autora como aquele que bem poderia instaurar um ponto de tensão na teoria das pulsões, ainda que Freud tivesse se dito em total desacordo com as críticas sofridas, da parte de seus interlocutores na época, aos “superpoderes” da libido. De fato, como diz Guirado, não é nesse ponto que a análise que fizemos mostrou tensão, mas sim em outro: esse de uma teoria das pulsões como vetorização da pulsão. A questão é menos a dos poderes (super ou não) de uma energia, mas a da sua direção para dentro ou para fora do Eu, derivando daí que narcisismo é ponto de partida para relação (função extensiva) e, mais tarde, para a formação de uma censura ao Eu real (função restritiva por uma imagem idealizada desse Eu). E, pelo conceito de narcisismo, pode produzir-se um pensamento cuja atenção tem seu foco no movimento, nas relações, nas imagens de si e dos outros.

Creemos que, por tudo que foi trabalhado e discutido, talvez estejamos quites com as justificativas, agora nossas, de um estudo específico desse trabalho de Freud sobre o narcisismo nas balizas da Análise Institucional do Discurso. Estendemos e detalhamos um tema aberto por Guirado (2010), pudemos corroborar e fundamentar hipóteses que haviam sido lançadas e que, pela nossa inserção no âmbito de pensamento dessa autora, acabamos por configurar como objetivos na abertura desta dissertação.

### 3. Pela busca de um fim: das aberturas do discurso de Freud às aberturas do nosso

O trabalho de análise realizado nesta dissertação exaltou, em muitos momentos, a qualidade do discurso freudiano como um discurso aberto. Na constante tensão da determinação dos limites do saber, uma curiosa indeterminação marca a escritura desse criador/autor/agente da psicanálise que, não sem rigor (pelo contrário), produz um texto que – no fio da navalha – ratifica e relativiza, não muda e muda, “substancializa” o psiquismo e trata-o a partir da descrição de movimentos, naturaliza verdades e “mostra” o caráter instituído das mesmas<sup>54</sup>. Um discurso que, exatamente pela sua contextualização histórica, ainda hoje se mostra vivo e mostra sua potência como saber e, sobretudo, como ocasião de estudo da constituição (e instituição) de saberes.

É com estas palavras que voltamo-nos agora para nosso próprio discurso, na esperança de que ele possa ter se configurado também, mesmo que marcado por uma constante tentativa de manter-se rigoroso, como um discurso aberto. Na esperança de que ele, na esteira do pensamento foucaultiano, possa ter colocado em jogo não novas verdades, e sim um questionamento sobre uma “vontade de verdade”. Na esperança de que ele indetermine-se ao concluirmos esta dissertação, calcados no pensamento de Guirado, fazendo uso analógico das palavras do próprio Freud<sup>55</sup>, mas no escopo do que nosso trabalho construiu sobre o narcisismo: cabe a nossos interlocutores decidirem se há mais infidelidade nossa em relação ao pensamento freudiano do que gostaríamos de admitir, ou se há mais método no narcisismo do que o discurso psicanalítico estrito está disposto a admitir como alternativa à substancialização do psiquismo e ocasião de desnaturalização da teoria.

---

<sup>54</sup> Não à toa, os títulos das análises de cada capítulo continham, todos eles, a palavra “entre”.

<sup>55</sup> “Compete ao futuro decidir se existe mais delírio em minha teoria do que eu gostaria de admitir, ou se há mais verdade no delírio de Schreber do que outras pessoas estão, por enquanto, preparadas para acreditar” (Freud, 1911a/1969, p. 104).



## Referências

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1971/1996.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1985.

FOUCAULT, M. Sujeito e Poder. Em: RABINOW, P.; DREYFUS, H. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FREUD, S. *Rascunho B*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. I (trad. sob a direção de Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago, 1893/1969.

FREUD, S. *Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada 'neurose de angústia'*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. III (trad. sob a direção de Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago, 1895/1969.

FREUD, S. *A Interpretação dos Sonhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. V e VI (trad. sob a direção de Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago, 1900/1969.

FREUD, S. *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. VII (trad. sob a direção de Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago, 1905/1969.

FREUD, S. *Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XI (trad. sob a direção de Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago, 1910/1969.

FREUD, S. *Observações Psicanalíticas sobre um Caso de Paranóia (dementia paranoides) relatado em autobiografia ["O caso Schreber"]*. Sigmund Freud, Obras completas, Vol. 10 (trad. sob direção de Paulo Cesar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1911/2010.

FREUD, S. *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides)*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XII (trad. sob a direção de Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago, 1911a/1969.

FREUD, S. *A dinâmica da transferência*. Sigmund Freud, Obras completas, Vol. 10 (trad. sob direção de Paulo Cesar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1912/2010.

FREUD, S. *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise*. Sigmund Freud, Obras completas, Vol. 10 (trad. sob direção de Paulo Cesar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1912a/2010.

FREUD, S. *O início do tratamento*. Sigmund Freud, Obras completas, Vol. 10 (trad. sob direção de Paulo Cesar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1913/2010.

FREUD, S. *Totem e Tabu*. Sigmund Freud, Obras completas, Vol. 11 (trad. sob direção de Paulo Cesar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1913a/2012.

FREUD, S. *Introdução ao Narcisismo*. Sigmund Freud, Obras completas, Vol. 12 (trad. sob direção de Paulo Cesar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1914/2010.

FREUD, S. *Sobre o Narcisismo: uma introdução*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV (trad. sob a direção de Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago, 1914/1969.

FREUD, S. *Recordar, repetir e elaborar*. Sigmund Freud, Obras completas, Vol. 10 (trad. sob direção de Paulo Cesar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1914a/2010.

FREUD, S. *Observações sobre o amor de transferência*. Sigmund Freud, Obras completas, Vol. 10 (trad. sob direção de Paulo Cesar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1915/2010.

FREUD, S. *História de uma neurose infantil (“O Homem dos Lobos”)*. Sigmund Freud, Obras completas, Vol. 14 (trad. sob direção de Paulo Cesar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1918[1914]/2010.

FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. Sigmund Freud, Obras completas, Vol. 14 (trad. sob direção de Paulo Cesar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1920/2010.

FREUD, S. *Nota sobre o “Bloco Mágico”*. Sigmund Freud, Obras completas, Vol. 16 (trad. sob direção de Paulo Cesar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1925/2011.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Sigmund Freud, Obras completas, Vol. 18 (trad. sob direção de Paulo Cesar de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1930/2010.

FREUD, S. *Esboço de Psicanálise*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. XXIII (trad. sob a direção de Jayme Salomão). Rio de Janeiro: Imago, 1940[1938]/1969.

GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana 3*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

GREEN, A. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Editora Escuta, 1988.

GUIRADO, M. *Instituições e Relações Afetivas: o vínculo com o abandono*. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1986/2004.

GUIRADO, M. *Psicanálise e Análise do Discurso: matrizes institucionais do sujeito psíquico*. Ed. rev. e ampl. São Paulo: E.P.U., 1995/2006.

GUIRADO, M. *A clínica psicanalítica na sombra do discurso: diálogos com aulas de Dominique Maingueneau*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

GUIRADO, M. *A Análise Institucional do Discurso como Analítica da Subjetividade*. São Paulo: Annablume, 2010.

GUIRADO, M.; MARTINS-AFONSO, F.; GUIRADO, L. *Loucura e Neurose em Freud: a cena originária da clínica psicanalítica em análise*. Curitiba: Appris, 2012.

HANNS, L. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1967/2001.

MAINGUENEAU, D. *Aulas – Sobre o Discurso e a Análise do Discurso, Sobre a Heterogeneidade do Discurso, Sobre os Gêneros Discursivos*. Em: GUIRADO, M. *A Clínica*

*Psicanalítica na Sombra do Discurso: diálogo com as aulas de Dominique Maingueneau.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise.* Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SOUZA, P. C. *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões.* São Paulo: Editora Ática, 1999.